

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Ana Carolina de Montmorency Pestana Varizo

**Amizade e Automodelagem na correspondência entre
Leopoldina e Maria Luísa de Habsburgo, 1810 a 1818.**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social da Cultura da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História.

Orientador: Prof. João de Azevedo e Dias Duarte.

Rio de Janeiro – RJ

27 de Setembro de 2023

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Ana Carolina de Montmorency Pestana Varizo

**Amizade e Automodelagem na correspondência entre
Leopoldina e Maria Luísa de Habsburgo, 1810 a 1818**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social da Cultura da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo:

Prof. João de Azevedo e Dias Duarte.
Orientador
Departamento de História- PUC-Rio.

Prof. Eduardo Wright Cardoso.
Departamento de História- PUC-Rio.

Prof. Luiza Larangeira da Silva Melo.
Departamento de História – UFRJ.

Rio de Janeiro – RJ

27 de Setembro de 2023

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Ana Carolina de Montmorency Pestana Varizo

Graduada em História pela UNIRIO (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro) em 2021. Foi monitora de História Moderna II de 2018 a 2021 na graduação. Possui experiência ministrando aulas de História para o Ensino Básico. Suas principais áreas de interesse são: história das mulheres, história do Brasil, história moderna.

Ficha Catalográfica

Varizo, Ana Carolina de Montmorency Pestana

Amizade e automodelagem na correspondência entre Leopoldina e Maria Luísa de Habsburgo, 1810 a 1818 / Ana Carolina de Montmorency Pestana Varizo ; orientador: João de Azevedo e Dias Duarte. – 2023.

111 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, 2023.

Inclui bibliografia

1. História – Teses. 2. História Social da Cultura – Teses. 3. Leopoldina de Habsburgo. 4. Automodelagem. 5. Amizade epistolar. I. Duarte, João de Azevedo e Dias. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de História. III. Título.

CDD: 900

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Ao CNPq e a PUC-Rio, agradeço o auxílio concedido.

Após dois anos e meio de pesquisa e dedicação, foi possível construir este trabalho e falar um pouco sobre uma figura pública conhecida e importante para a história de nosso país. Ao longo deste processo, li e reli muitas vezes uma grande quantidade de cartas, documentos, livros e artigos. Mudei a direção da minha pesquisa e voltei a me debruçar sobre as fontes que estavam disponíveis para formular esta dissertação. Neste sentido, gostaria de agradecer a todos que contribuíram para a elaboração deste trabalho de inúmeras formas.

Primeiramente, eu gostaria de agradecer a Deus por toda a proteção, luz e a ajuda em inúmeros momentos, principalmente naqueles que eu mais duvidava de mim e da minha capacidade.

Agradeço à minha família, a começar pelos meus pais, Claudio e Denise, por todos o apoio – seja me acompanhando para traduzir cartas ou relendo inúmeras vezes cada trabalho produzido que me trouxe até aqui. Sem o carinho, o acolhimento e paciência de vocês não seria o que teriam sido destes últimos anos.

À minha irmã Giovanna, por ser a minha maior fã e apoiadora. Você, sem saber, me impulsionou várias vezes quando eu pensei em desistir de tudo. Esse trabalho também é seu.

Aos meus avós, que se encontram ou não aqui, vocês são as minhas maiores inspirações da vida. Obrigada por contarem diversas histórias, me incentivarem a leitura e instigarem a minha curiosidade desde cedo.

Ao meu namorado e parceiro de profissão, Ray Hortins, por todo o apoio em mais uma fase da vida acadêmica que você sabe que sempre desejei perseguir. Obrigada pela leitura atenta de cada parágrafo deste trabalho, pelos abraços depois de concluir cada capítulo, por me acalmar quando achei que não daria conta, por chorar o meu choro e por sorrir o meu sorriso nos quase 6 anos que estamos juntos.

Ao meu orientador, João Duarte, por toda a troca que tivemos desde março de 2021. Sua paciência, aconselhamento e olhar atento foram essenciais para fazer este trabalho acontecer.

Às professoras Andrea Slemian e Luiza Larangeira, por na banca de qualificação sugerirem mudanças significativas que muito contribuíram para o rumo que este trabalho tomou.

Aos professores presentes na banca examinadora, pela gentil disposição de ler o trabalho e contribuir para a obtenção do grau de mestre.

Aos meus amigos, sejam eles “novos” ou mais antigos, por sempre acreditarem no meu potencial e pela força que vocês me deram e dão sempre que me proponho a fazer algo. Em especial, ao meu querido amigo Wallace Sousa, obrigada por ter feito da PUC um lugar menos assustador e o mestrado menos solitário, as nossas trocas foram essenciais para a conclusão deste trabalho.

Aos meus queridos alunos e ex-alunos, por todo o carinho dentro e fora da sala de aula. Vocês foram aqueles que mais acompanharam a produção deste trabalho, torcendo, se preocupando e comemorando cada passo que dava rumo a conclusão dele. A força que vocês me deram e dão me trouxe até aqui.

Resumo:

Varizo, Ana Carolina de Montmorency Pestana; Duarte, João de Azevedo e Dias, (orientador). **Amizade e Automodelagem na correspondência entre Leopoldina e Maria Luísa de Habsburgo, 1810 a 1818.** Rio de Janeiro, 2023. 100p. Dissertação de Mestrado – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O presente trabalho tem como objetivo compreender o processo de construção subjetiva da primeira Imperatriz do Brasil, Leopoldina de Habsburgo, entre os anos de 1810 e 1818, período este que contempla seus últimos anos na Corte Austríaca até a sua ascensão como princesa do Brasil. Para tanto, são analisadas as cartas de Leopoldina dirigidas à sua irmã mais velha, Maria Luísa de Habsburgo, mobilizando as categorias de *self-fashioning* (automodelagem), de Stephen Greenblatt, e amizade epistolar, de Anne Vicent-Buffault. Argumenta-se que a relação de amizade a distância, via correspondência, com Maria Luísa teve um papel decisivo na automodelagem de Leopoldina, dando-lhe condições de enfrentar as questões e desafios relacionados à sua condição melancólica e à assunção de seu papel público.

Palavras-chaves:

Leopoldina de Habsburgo; Automodelagem; Amizade Epistolar.

Abstract

Varizo, Ana Carolina de Montmorency Pestana; Duarte, João de Azevedo e Dias, (orientador). **Friendship and Self-fashioning in Leopoldina and Maria Luísa de Habsburgo's correspondence.** Rio de Janeiro, 2023. 100p. Dissertação de Mestrado – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The present work aims to understand the process of subjective construction of the first Empress of Brazil, Leopoldina de Habsburg, between the years 1810 and 1818, a period that includes her last years at the Austrian Court until her ascension as princess of Brazil. To this end, Leopoldina's letters addressed to her older sister, Maria Luísa de Habsburgo, are analyzed, mobilizing the categories of self-fashioning, by Stephen Greenblatt, and epistolary friendship, by Anne Vicent-Buffault. It is argued that the relationship of long-distance friendship, via correspondence, with Maria Luísa played a decisive role in Leopoldina's self-modeling, giving her the conditions to face the questions and challenges related to her melancholic condition and the assumption of her public role.

Keywords:

Leopoldina de Habsburg; Self-fashioning; Friendship correspondence.

Sumário

Introdução	10
Diagrama da Família Habsburgo	16
1. “Os primeiros anos da construção da amizade epistolar entre Maria Luísa e Leopoldina	17
1.1 “O <i>self-fashioning</i> de Leopoldina”	22
1.2 “O impacto da Revolução Francesa na automodelagem de Leopoldina”	28
1.3 “Os primeiros anos da amizade epistolar de Leopoldina e Maria Luísa”	33
2. “A alegria em parecer e a tristeza de não pertencer”	42
2.1 “A construção da família moderna”	44
2.2 “A busca por parecer e aparecer”	52
2.3 “A Falsa escolha de Leopoldina”	63
3. “Construindo a Princesa do Brasil”	73
3.1 “Educando-se para a nova vida”	75
3.2 “O amor inefável, a amizade epistolar e o <i>self-fashioning</i> ”	82
3.3 “A Princesa do Brasil encontra sua nova nação e amor”	89
Considerações Finais	105
Bibliografia	109

*I wanna be defined by the things that I love
Not the things I hate
Not the things that I'm afraid of,
Not the things that haunt me in the middle of the night,
I just think that you are what you love.*

Taylor Swift

Introdução:

Nas muitas vezes em que visitei o Museu Histórico Nacional tinha sempre um quadro que chamava a minha atenção desde criança, achava ele curioso e imponente ao mesmo tempo. Neste quadro via-se uma jovem mulher num deslumbrante vestido rosado sentada em uma mesa cercada de homens. Eu achava incrível o fato de neste quadro, a jovem em questão, ser retratada não como uma figura em segundo plano, mas como alguém que se encontrava no centro da cena. No auge dos meus 10 anos, eu perguntei para o meu pai quem era a figura do quadro e ele me disse “É a Imperatriz Leopoldina, filha. Ela era a esposa de D.Pedro I.” Naquela época fiquei reflexiva sobre como aquele quadro era diferente dos que eu tinha passado os olhos ao longo da minha “breve” vida, sem saber que essa senhora e a sua família me levariam tão longe.

A ideia deste presente trabalho começou com apenas uma leitura: a biografia de Leopoldina escrita por Marsílio Cassotti, que eu ganhei de presente em 2019 e li para a produção de um post referente ao dia da independência para a página de História que possuo e para qual produzo conteúdo desde março de 2020, o “História pra Dois”. Tendo escrito um trabalho de conclusão de curso sobre História das Mulheres, senti a necessidade de ler mais para entender uma figura tão singular como Leopoldina e sua trajetória, desde princesa do Brasil à Imperatriz. Apesar de muitas vezes a História ter sido escrita do ponto de vista masculino, valorizando apenas os seus pares, acreditava e ainda acredito que as mulheres, sejam elas nobres, burguesas ou comuns, têm a sua contribuição para a escrita da História. Chamo atenção para as da família Habsburgo – que são parte do meu objeto de pesquisa desde a graduação – onde o lema “faça-se necessário para o seu marido nas pequenas e grandes coisas” era o maior ensinamento passado de geração em geração entre as arquiduchessas do Império Habsburguiano e se fez muito presente na trajetória e automodelagem de Leopoldina.

Carolina Josefa Leopoldina de Habsburgo, para além de ter sido a primeira Imperatriz do Brasil, foi uma jovem fascinante, dotada de diversos tipos de inteligência, articulada e ferina quando necessário, mas sempre o supracumulado da

polidez, quando não era atingida pela intensidade de sentimentos e pensamentos que viviam com ela. A partir das cartas selecionadas do livro “Cartas de uma Imperatriz”¹, minha principal fonte para a construção deste trabalho, buscarei apresentar como Leopoldina construiu sua subjetividade a partir de modelos presentes em sua vida, fossem eles presentes fisicamente ou via cartas. Entre eles, a sua irmã Maria Luísa ganha papel de destaque neste processo. A partir da troca de cartas entre os anos de 1810 e 1818, buscarei falar da construção da amizade epistolar entre as irmãs em um contexto de mudanças constantes no cenário europeu do início do século XIX.

Em 1810, Leopoldina, que já havia perdido a mãe cedo, se encontrava distante também de seu pai, que vivenciava constantes batalhas para frear o avanço napoleônico no continente europeu. Além disso, como de costume na família Habsburgo, havia entre as tradições os casamentos arranjados com o objetivo de atender algum interesse político ou econômico da Coroa. Neste sentido, ela havia sido separada da irmã favorita, Maria Luísa, em 1810, devido um acordo diplomático entre os imperadores Francisco I e Napoleão Bonaparte para selar a paz entre os impérios. Após vivenciar diversas perdas, como a da mãe, da madrasta Maria Ludovica, o afastamento da irmã e do pai, a jovem arquiduquesa se encontrava sozinha e distante de todos que amava.

A correspondência íntima – isto é, as cartas familiares, modalidade de escrita que ganhou destaque na modernidade, acompanhando o advento da diferenciação entre público e privado tornou-se o meio disponível para manter a proximidade com a família, principalmente com a sua irmã Maria Luísa. Nesse sentido, será essencial para o estudo da relação entre as irmãs.

Cinco anos mais velha que Leopoldina, Maria Luísa foi uma das poucas mulheres que permaneceram em vida próximas à jovem, se encaixando no papel de modelo a ser seguido e agradado por Leopoldina em diversas fases de sua vida. A que mais me chamou atenção foi o período entre 1810 e 1818, recorte em que é possível observar a construção e consolidação da amizade epistolar das duas. O crescimento e amadurecimento de Leopoldina demonstram a sua automodelagem

¹ KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006.

frente às expectativas de outros, principalmente frente ao que ela entendia que sua irmã desejava e sua posição dentro da coroa austríaca requeria.

Para uma leitora assídua de romances de época que sou, me debruçar sobre as cartas de Leopoldina foi deveras complexo, uma vez que em um primeiro momento fiquei encantada com sua persona devido a proximidade de nossas idades, a mesma sede de conhecimento, o mesmo desejo de ver-se bem sucedida no que se propusse a fazer e certa ingenuidade com relação à vida. A ideia de um amor romântico perpetuado na literatura e que ela, em um primeiro momento, aparentou buscar juntamente com as suas obrigações com a coroa me cativou e me doeu durante diversas tardes enquanto acompanhava as suas vivências carta por carta que escrevia à sua irmã mais velha e mais próxima, Maria Luísa. A troca era tão frequente e intensa que não parecia que se encontravam distantes fisicamente entre si e de mim, temporalmente, por mais de 200 anos.

Em um segundo momento, dado o devido afastamento, foi possível observar as inúmeras mediações sociais e culturais presentes na mesma troca de cartas, na qual há uma informalidade calculada, um padrão de assuntos a serem falados, um silêncio ou ausência de informações em determinados momentos, já que sabiam que a troca de cartas era entre as duas, mas não se restringia somente a elas, isto é, não eram particulares devido a seus títulos. A relação que busco analisar, a amizade epistolar, é fruto de uma tradição iniciada nos séculos anteriores, mas muito estimulada pela literatura moderna e, de certa forma, cultivada por tutores para a comunicação e diplomacia. Os arquidukes e arquidukesas do império habsburguiano, seguindo a cultura iniciada no Renascimento, foram introduzidos a esse tipo de escrita. A amizade epistolar dos séculos XVIII e XIX, segundo a autora Anne Buffault, se desdobra da busca por um ambiente de confiança, de acolhimento e ancoragem entre dois indivíduos que recusa as marcas de formalidade e do convencional. Na troca íntima, há uma elaboração de marcas próprias dentro da comunicação entre os indivíduos, que produzem um ar de maior intimidade e vulnerabilidade nas cartas, aproximando mais os redatores. Com isto em mente, iniciei este trabalho com a primeira carta que entrei em contato. A cordialidade e carinho ao iniciar a carta, com “Querida/Amada”, a necessidade de contar a rotina vivida, de falar sobre os membros da família, tecendo comentários ácidos sobre este ou aquele evento e de buscar a aprovação da irmã são elementos da escrita de Leopoldina ao longo do tempo.

A partir disso, no primeiro capítulo apresentarei os conceitos de amizade epistolar e automodelagem (*self-fashioning*) em paralelo com as cartas redigidas por Leopoldina entre os anos de 1810 e 1814 para a sua irmã, que se encontram na coletânea de cartas selecionadas *Cartas de uma Imperatriz*, buscando relacionar tais conceitos com os mecanismos de construção subjetiva da jovem arquiduquesa Leopoldina e como sua irmã apresenta-se como uma figura essencial nesse processo, se tornando um ideal a ser alcançado desde o princípio.

Segundo Emerson Tin em seu livro *A arte de escrever cartas*², a carta é, desde a antiguidade definida comumente como “um diálogo entre amigos e, como tal, deve ser breve e clara, adaptando-se aos seus destinatários e empregando o estilo mais apropriado.”³ Desta forma, a escolha dessa coletânea de cartas se baseou em dois fatores. O primeiro deles dá respeito à escassez de fontes de fácil acesso sobre a intimidade, ou melhor, o ambiente privado da imperatriz nos arquivos públicos brasileiros em geral, com exceção do Museu Imperial de Petrópolis, que permitiu minha ida diversas vezes para observar as cartas disponíveis da imperatriz datadas dos anos de 1817 a 1826, sua chegada no Brasil até a sua morte. A maioria das cartas de interesse para essa tese, isto é, as cartas de Leopoldina para a irmã Maria Luísa, se encontram no Arquivo Nacional da Áustria, nas sedes de Viena e Montenuovo, que não me foi possível acessar durante a realização desta pesquisa. Desta forma, a escolha de utilizar a coletânea de cartas publicada em forma de livro foi a forma mais segura e confiável de seguir com essa pesquisa, uma vez que essa coletânea, o maior repertório de cartas de Leopoldina já publicado em qualquer lugar do mundo⁴, foi resultado de uma pesquisa envolvendo diversos pesquisadores, instituições e arquivos da Áustria, Portugal e do Brasil. Suas organizadoras – Bettina Kan e Patricia Souza Lima – optaram por apresentar as cartas em ordem cronológica, permitindo ao leitor observar a consolidação da personalidade de Leopoldina, passando por todas as mudanças que ocorreram em sua vida – casamento, mudança de continente, as questões da corte – e como ela enfrentou-as até o fim da vida.

² TIN, E. *A arte de escrever cartas: Anônimo de Bolonha, Erasmo de Rotterdam, Justo Lípio*. Campinas: Editora da UNICAMP. 2005.

³ *Ibidem*. P.18

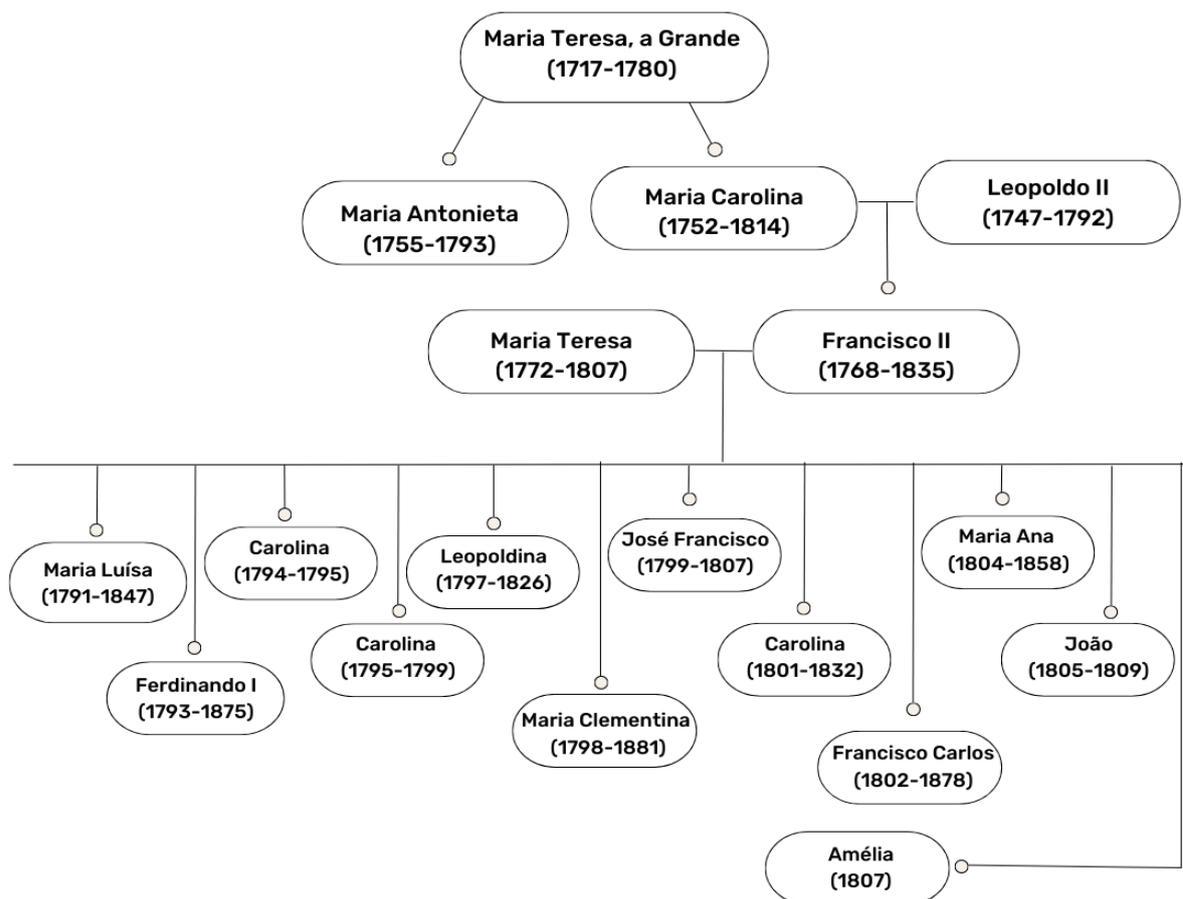
⁴ KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. *Cartas de uma Imperatriz*. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P. 8.

O segundo ponto envolve diretamente a relação de amizade presente nessa troca. Para produzir esta coletânea foram pré selecionadas 850 cartas de correspondência ativa produzidas por Leopoldina ao longo de sua vida. Porém, visando apresentar o crescimento e desenvolvimento de Leopoldina, foram publicadas apenas 315 cartas traduzidas, transcritas, digitalizadas e organizadas de forma cronológica cobrindo desde quando era uma princesa na corte vienense, aos 11 anos, até os dias anteriores a sua morte, aos 29 anos. Além disso, há textos de introdução e contextualizado sobre a sua vida para melhor ambientar o leitor produzidos pelas organizadoras, como Bettina Kan, e pesquisadores da área como Itsván Jancsó, André Roberto de A. Machado, Andrea Slemian e Maria Rita Kehl. Das cartas selecionadas para a coletânea fiz uso de 90 cartas para a produção desta pesquisa, todas pertencentes à correspondência ativas de autoria da Leopoldina. Uma vez que o que mais me interessa nesta troca, e é objetivo central desta dissertação, é a forma como Leopoldina se constrói como sujeito através da linguagem epistolar, as respostas de Maria Luísa não foram consideradas essenciais para a análise.

No segundo capítulo buscarei apresentar Leopoldina entre os anos de 1814 e 1816, quando a jovem se encontrava entre os seus 17 e 19 anos. Neste período ocorreram uma série de eventos que mexeram novamente com a estrutura familiar da arquiduquesa, mas que trouxeram para a luz questões e traços de sua personalidade que estão intimamente ligados a sua construção subjetiva e como ela gostaria de ser vista nos ambientes. Entre os eventos que levaram às mudanças de conduta e pensamento de Leopoldina podemos citar o casamento de Maria Clementina, sua irmã um ano mais nova, com o seu tio Leopoldo que foi brevemente pretendente de Leopoldina até rejeitá-la; a mudança de postura de suas irmãs Maria Luisa e Maria Clementina após o casamento das duas e a maternidade da mais velha; e por fim, a cobrança silenciosa de seu papel social e político dentro de sua família e da coroa austríaca culminando em seu acordo de casamento com Dom Pedro, príncipe de Portugal, Brasil e Algarves. Há neste período uma questão constantemente presente em suas cartas conforme os anos vão avançando, em especial em 1816: a jovem apresenta ter noção de seus deveres públicos como membro da Coroa, porém resiste um pouco a silenciar seus sentimentos para cumprir os seus deveres de “bom grado”, como compartilha com a irmã.

No terceiro e último capítulo, buscarei apresentar Leopoldina entre os anos de 1816 e 1818, quando a jovem se encontrava entre os seus 19 e 21 anos. Neste período a jovem passou de “futura mineralogista da corte” à esposa do príncipe do Brasil, D. Pedro de Orleans Bragança. Ao longo deste período que abarcará desde a proposta de casamento oficial até a sua consumação e o primeiro ano de vivência deste, Leopoldina passou por percalços que contribuíram para o seu processo de construção subjetiva, tendo em vista, principalmente, os novos fatores e as mudanças drásticas que ocorriam em sua vida nesse momento. A jovem vive uma dicotomia com relação ao momento da vida em que se encontra, uma vez que tem que abandonar a vida que conhecia e o seu maior e mais antigo amor em solos europeus, mas há também o anseio por agradar os seus pais e a futura família na qual se encaixará. Além disso, há o desejo cada vez maior de vivenciar o novo amor que vem surgindo em seu horizonte como futura esposa e princesa, papéis para os quais foi treinada a vida toda para exercer com excelência e que viu sua irmã assim fazer.

Diagrama da Família Habsburgo (séculos XVIII e XIX)



Capítulo 1: Os primeiros anos da construção da amizade epistolar entre Leopoldina e Maria Luísa.

Viena, 11 de outubro de 1810

“Amada, Luísa!

Não posso ocupar o pouco tempo que me resta das aulas de forma mais agradável do que te escrevendo. Graças a Deus a viagem fez muito bem à mamãe e a encontrei surpreendentemente bem após o seu retorno. Aqui em Viena não nos divertimos nem de longe tanto quanto em Laxenburg; meu quarto me lembra constantemente de ti, querida irmã. Depois das refeições papai brinca conosco de volante, o que não me agrada nem de longe tanto quanto “três homens levantem”, *muketzen* e uma outra brincadeira cujo nome esqueci, mas que é a minha predileta. Com Felbenberg estou desenhando agora perspectivas, o que é muito difícil. O irmão Francisco está insuportável pela impaciência em esperar pela fragata, armas e relógio que lhe mandaste. Quero te descrever brevemente meu programa diário: levanto-me às sete e meia, às oito e meia vou à igreja, às nove chega Felbenberg, todos os dias; às segundas, quartas e sextas vem Jung das dez às onze; e às terças, quintas e sábados faço minhas lições; das onze às doze todos os dias vem Obenaub. À tarde, das três às oito, tenho todos os quatro e nos outros dias Darnaut e Eibler e todos os dias Ridler. Depois leio. Ontem houve caça em Laxenburg.

Adeus, abraço-te mil vezes e permaneço sempre

Tua irmã que te ama ternamente

Leopoldina”⁵

Carolina Josefa Leopoldina Fernanda Francisca de Habsburgo, mais conhecida como Leopoldina, nasceu em Viena, no dia 22 de janeiro de 1797. Bisneta de Maria Teresa “A Grande”; Neta de Maria Carolina, Rainha das Duas Sicílias; Sobrinha- neta de Maria Antonieta da França, Leopoldina não iria crescer sem as influências dos grandes feitos de suas antepassadas e sem a pressão, direta ou indireta, de vivenciar o mais temido dos acontecimentos – perder a coroa e a cabeça para o povo. Isso irá modelar a educação, o pensar e as atitudes de Leopoldina, de arquiduesa da Áustria à Imperatriz no Brasil.

Era a 5ª filha do casal Francisco II e Maria Teresa de Bourbon e nasceu em um período conturbado, uma vez que a Europa se encontrava em ebulição política e social no final do século XVIII. A Revolução Francesa, seus ideais e feitos, causaram um grande impacto no curso da História e entre os seus contemporâneos monarcas, principalmente os Habsburgos do Império Austriaco, que perderam um membro de sua família – Maria Antonieta. Posteriormente, em 1810 outro membro da família ainda teria seu destino cruzado com uma das consequências deste evento: Maria Luísa, irmã mais velha e favorita de

⁵ LEOPOLDINA, carta datada de 11 de outubro de 1810. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P. 187

Leopoldina, viria a se tornar a Imperatriz da França e Rainha da Itália após seu casamento com o imperador Napoleão Bonaparte. Vale ressaltar que todos esses casamentos – de Maria Antonieta, Maria Luísa, Maria Carolina, Leopoldina e de muitas outras arquiduquesas foram frutos de acordos diplomáticos, firmados entre, respectivamente, homens e seus reinos, a partir dos quais buscavam benefícios para si.

Paulo Rezzutti, em seu livro “D. Leopoldina: a história não contada”⁶, dedicou um capítulo para falar da família Habsburgo e suas tradições, entre elas o casamento como formas de garantir alianças e acordos diplomáticos. Fazendo um breve resumo da história da família, Rezzutti chama atenção para o lema da política de Rodolfo IV, duque da Áustria no século XIV, que viria a se tornar o lema da família nos séculos seguinte: “Deixe que os outros façam a guerra, tu, Áustria feliz, casa-te”⁷ deixando claras as intenções da família no quesito política. Assim, os próximos quase 600 anos em que a dinastia Habsburgo se encontrará no poder serão marcados por diversos casamentos estratégicos visando beneficiar o reino e aumentar o poder da família. A partir disso, é possível observar como as mulheres da família Habsburgo são meros peões deixados à própria sorte quando deixam a “segurança” de seu lar para atender interesses alheios aos delas, sabendo que este é, em última instância, o papel de suas vidas com a coroa.

Um exemplo desta política, indo além das irmãs mencionadas, seria o caso de Maria Antonieta, no final do século XVIII. A jovem foi enviada para casar-se com o delfim da França visando um acordo político para as duas nações e terminou perdendo a cabeça, o título e os filhos frente a revolução instaurada em solo francês. Maria Antonieta, “l’austriechienne” – forma pejorativa de como os franceses se referiam a ela, foi tratada de forma hostil desde a sua chegada ao solo francês, sendo obrigada a deixar seus pertences e costumes para trás em prol de sua nova vida como Delfine. Estigmatizada com o título de estrangeira e posta como a principal responsável por todos os excessivos gastos da corte francesa, a Delfine e também representante da coroa austríaca, teve como resultado do acordo político que a envolvia a perda de sua vida, sua coroa e seus filhos. Este ocorrido

⁶ REZZUTTI, P. D. *Leopoldina. A história não contada: a mulher que arquitetou a Independência do Brasil*. Edição digital Kindle. São Paulo: Leya Editora, 2017

⁷ *Ibidem*. P. 19

ecoará na família Habsburgo por todo o século XIX e afetará diretamente a vida das irmãs Maria Luísa e Leopoldina, tanto em seus destinos de fim político como em sua construção subjetiva como indivíduos notórios.

Segundo o autor,

“Guerras eram caras, e os Habsburgo desenvolveram ao longo dos séculos um sistema de aquisição territorial por meio de alianças de casamento que tornaria as princesas da casa da Áustria, no século XIX, um artigo de primeira grandeza. Casar-se com uma não seria para qualquer um, afinal, tê-las por esposas era como possuir um artigo de luxo: uma mulher com instrução suficiente para ser uma estadista.”⁸.

É a partir desta tradição e da cultura da época que será possível dar o primeiro passo para compreender a construção subjetiva das arquiduquesas Habsburgo, em especial a de Leopoldina, onde não bastava aprender a se portar com polidez, delicadeza e ter todos os atributos que uma esposa deveria ter, mas sim ter toda uma formação intelectual e política compatível com a posição de seus futuros maridos – que variavam entre duques, príncipes, imperadores e reis.

A Casa da Áustria buscou formas de melhorar ainda mais a formação de seus arquiduques e arquiduquesas para tentar evitar que mais um de seus membros tivesse o mesmo destino fatídico da falecida delfine francesa. A educação de Leopoldina, por exemplo, foi provida tanto por teólogos, como Vincenz Darnaut, quanto por juristas, como Joseph Obenaus e pesquisadores da Universidade de Viena como o professor de História, Johann Wilhelm Ridler⁹. A escolha por esta pluralidade de educadores demonstra que de alguma forma a família buscava dar aos arquiduques uma educação de qualidade, mas mantendo sempre o mesmo objetivo: cercá-los de bons profissionais para que estes tenham conhecimento suficiente para se tornarem bons estadistas que perpetuariam o lema da casa “Deus, Pátria e Imperador”.

No livro *História da Vida Privada – da Renascença ao Século das Luzes*, Roger Chartier¹⁰, em seu artigo “Práticas de Escrita”, pontua que havia diferenças nos processos de aprendizagem da leitura e da escrita entre o público feminino e masculino nos séculos XVII e XVIII, desde a oferta de instrução à sua

⁸ Ibidem. P. 19

⁹ LEOPOLDINA, carta datada de 11 de outubro de 1810. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. *Cartas de uma Imperatriz*. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P. 187.

¹⁰ CHARTIER, R. *História da Vida Privada – vol.3: Da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

“necessidade”. De um modo geral, a situação feminina se encontrava em desvantagem frente a dos indivíduos masculinos. As práticas não eram estimuladas para todos, principalmente para o público feminino das classes não tão abastadas, que deveria se restringir ao ambiente doméstico – a casa e a família – mesmo após o advento da Revolução Francesa, que durante sua duração buscou ampliar o acesso ao ensino e torná-lo laico, mas ainda restrito ao público masculino.

Apesar de Leopoldina e Maria Luísa pertencerem à nobreza e terem acesso ao ensino da prática da escrita e da leitura, os ambientes para debate e troca eram limitados, de tal forma que a troca epistolar entre elas é carregada de dicas, pedidos e comentários sobre livros, peças de teatro e até mesmo de situações políticas. Nas 19 cartas selecionadas entre os anos 1810 e 1814, em 6 cartas há comentários sobre livros – seja os pedindo para a irmã enviá-la, a indicando livros e apresentando novos autores e pontos de vista, como “Amada, Luísa! (...) tua querida carta me deixou muito contente, assim como a obra sobre o reino otomano.; gostei especialmente do Mufty, poeta e vendedor do Caimab;”¹¹ e

“(...)Estou lendo um livro magnífico que deves conhecer e que o senhor von Ridler me comprou, *Cornelius Nepos*, que está me divertindo muito, principalmente a biografia de Aristides; com ele também leio frequentemente trechos de Herder Müller, *Titus Livius*, que tu também tiveste que ler.(...)”¹²

E entre estas 19, há 11 cartas onde a jovem Leopoldina apresenta sua rotina de estudos e os avanços feitos, nas quais é possível observar seu mapa de estudos e formação.

“(...) Fiz grandes progressos com Ridler, a história francesa e alemã, assim como a espanhola, normanda e veneziana, até as Cruzadas; na inglesa estou na conquista da ilha por Guilherme, o Conquistador, Duque da Normandia; infelizmente estarei impossibilitada de comparecer à sua aula, perguntei-lhe se a História da Rússia de Levesque é boa e contei-lhe que tu a estás lendo; ele me disse que não é adequada e a melhor seria a de Schlözer Nestor. Estou adiantada também em meu desenho; como te preocupas com isso e ele está feito em guache.”¹³

A participação das mulheres na busca por conhecimento e troca de informações para crescimento intelectual vai ocorrer “às margens” dos padrões impostos pela sociedade da época. Ainda que uma mulher – de classes abastadas

¹¹ LEOPOLDINA, carta datada de 3 de março de 1812. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade,2006. P. 189.

¹² LEOPOLDINA, carta datada de 28 de maio de 1812. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade,2006. P. 192.

¹³ LEOPOLDINA, carta datada do início de 1813. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade,2006. P. 195.

– gostasse de “aprender” sobre Literatura, História, Botânica ou Filosofia, como é o caso de Leopoldina, o propósito desta aprendizagem poderia ser outros que não para o seu desenvolvimento intelectual, como por exemplo, a educação dos filhos ou para aprimorar a conversação ou para dar apoio ao seu marido/pai/irmão.

Assim, as mulheres abastadas interessadas na produção e difusão de conhecimento buscavam criar redes, a partir de cartas com outras mulheres e alguns poucos homens mais liberais, para “Iluminar o espírito” como foi apresentado pela autora Carol Pal em seu livro *Republic of Women: rethinking the republic of letters in the seventeenth century*¹⁴. Neste livro a autora se dedica a apresentar como se desdobrou uma rede de troca de conhecimento via cartas encabeçada por Anna Maria van Schurman – uma intelectual alemã – com uma comunidade de estudiosas nobres por toda a Europa.

Dito isso, gostaria de salientar a forma como estas intelectuais se articularam para garantir a troca e produção de conhecimento, já que poucas puderam abrir mão de suas funções sociais esperadas. No caso do livro de Pal, vemos mulheres de classes mais abastadas fazendo dupla função: damas e pensadoras. As cartas se tornaram o principal mecanismo para garantir a existência dessa rede. No caso de van Schurmann, ela teve a possibilidade de estar na presença de grandes pensadores e aprender com eles. Mesmo de forma limitada, ela dedicou a sua vida aos estudos e a transmissão do seu conhecimento. Assim, a prática de mulheres da alta classe, entre elas membros da monarquia, trocaram cartas em busca de conhecimento intelectual passou a ser mais comum do que o esperado.

No caso da Imperatriz Leopoldina, suas trocas se davam, principalmente, com a sua irmã Maria Luísa, um exemplo do conteúdo das cartas seria “(...) peço-te a gentileza de me recomendar livros; comprarei e lerei os dois que me recomendaste. Estou lendo *Histoire de Portugal e Jornale lusitanico*, além de Beauchamp e Valet.”¹⁵. Nestas cartas é possível observar que há uma troca constante de indicações e reflexões sobre livros de História, envio de minerais

¹⁴ PAL, Carol. *Republic of women: rethinking the republic of letters in the seventeenth century*. New York: Cambridge University Press. 2012.

¹⁵ LEOPOLDINA, carta datada de 14 de dezembro de 1816. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. *Cartas de uma Imperatriz*. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.267.

voltados para o estudo da Mineralogia e peças teatrais entre óperas e ensaios. O Arquivo do Museu Imperial, no Rio de Janeiro, possui diversos documentos com listas de livros de História, botânica, numismática, romance e devocionais que foram encomendados pela Imperatriz por meio de seu secretário e trazidos da Europa, demonstrando esta querer se abastecer de conhecimento tanto intelectual quanto referente à fé cristã e seus preceitos, interesse presente desde mais tenra idade.

A partir dos seis anos, Leopoldina começou sua educação formal seguindo a diretriz imperial, uma vez que Francisco II – conhecido por dedicar um tempo considerável para a família – acreditava que para uma melhor formação de seus filhos era necessário estudar o caráter das crianças e suas áreas de aptidão, formando-as de acordo com as suas tendências, demonstrando, no mínimo, um interesse e até uma valorização da individualidade de cada filho.

Segundo a biografia produzida por Marsilio Cassotti¹⁶, por fazer parte de uma monarquia com diversas nacionalidades, os arquidukes e arquidukesas recebiam instrução dos principais idiomas utilizados no Império. Leopoldina, por exemplo, foi instruída em alemão, francês e italiano, três dos cinco principais idiomas do Império Austríaco. Os conhecimentos adquiridos ao longo da vida da jovem arquiduesa foram essenciais para que ela pudesse, por exemplo, em um futuro não tão distante, iniciar conversas sempre que possível com o seu marido, D. Pedro, os aproximando e fazendo destes durante um bom tempo parceiros não apenas matrimoniais, mas em assuntos políticos a ponto da jovem se tornar uma das principais conselheiras do marido e guiar, mesmo que indiretamente em alguns momentos, o destino do Brasil. Nota-se que “Deus, Pátria, Imperador” virou o mantra emanado por D. Pedro após a independência do Brasil, curiosamente o mesmo pilar da família Habsburgo.

1.1 – O *self-fashioning* de Leopoldina

A construção subjetiva, ou o *self-fashioning*, é um conceito que Stephen Greenblatt utiliza em seu livro “Renaissance Self-fashioning”¹⁷, dedicado a

¹⁶ CASSOTTI, M.A biografia íntima de Leopoldina: a imperatriz que conseguiu a independência do Brasil. Tradução: Sandra Martha Dolinsky. 1ª ed. São Paulo: Planeta, 2015. P. 22

¹⁷ GREENBLATT, S. Renaissance Self-fashioning: From More to Shakespeare. The University of Chicago Press. Estados Unidos. 1980.

entender a construção de figuras públicas da renascença, mais precisamente do século XVI. Apesar de ser utilizado pelo autor para observar o período renascentista, é possível absorver o princípio do conceito e utilizá-lo de forma semelhante para observar as figuras notórias da modernidade. Afinal, são a partir dos eventos ocorridos no período estudado por Greenblatt que se constituirá a sociedade moderna europeia que buscarei analisar em paralelo a trajetória do meu objeto em questão.

Self-fashioning, ou automodelagem em tradução livre, segundo o autor, refere-se a um processo de construção e apresentação de um indivíduo frente ao meio em que este se encontra, isto é, a forma como ele se porta e quer ser visto perante a sociedade – ou estrato dela – em que ele se encontra inserido, os *selves*. Estas formas de organização pessoal podem vir a se apresentar de diversas formas e com múltiplas expressões quanto a sua identidade já que há alguns fatores que contribuem para a formação dos indivíduos, como sua posição social e os deveres associados a ela; seu gênero, já que em sociedades patriarcais é possível ver uma divisão de espaços e funções entre homens e mulheres; sua família, como é a dinâmica familiar e a distribuição de papéis nela; sua fé, a religião é um grande pilar quando se pensa em construtor da moral e comportamento; sua educação, sendo muito importante as aptidões e as leituras.

Entre os mencionados, a família, o status e a religião, para Greenblatt são os maiores impositores de uma rígida e limitante disciplina para a construção do “eu” em famílias burguesas e aristocráticas¹⁸. Nestas famílias é possível observar, ao longo dos séculos, um senso de dever com o papel a ser cumprido. Para manter o interesse e status familiar social intacto perante as vontades do eu, o sistema pesa mais sobre estes. Um exemplo para este argumento é o fato de que muitas mulheres da realeza como Maria Antonieta no século XVIII, Leopoldina no século XIX e Diana Spencer no século XX têm em comum a ideia de que o sistema – a monarquia e seus desdobramentos – existem antes delas e que elas têm um dever com a Coroa de fazer o certo, colocando seus desejos e sua “sede por liberdade” de lado para seguir as obrigações impostas por seu status social. Desta forma, mesmo se encontrando em diferentes coroas e períodos da História, com

¹⁸ *Ibidem*. P.1.

suas inúmeras mudanças e inovações, entre essas jovens monarcas é vista uma ausência de autonomia e uma falsa liberdade de escolha, uma vez que essas três instituições – família, cultura e religião – perpetuaram generalizações de papéis a serem seguidos e como devem ser feitos.

No processo de construção de *selves* na modernidade, por mais que as instituições citadas tenham peso em sua formação, não são os únicos fatores necessários para a sua formação e determinação. Greenblatt defende que durante o período renascentista há um deslocamento da verdade revelada pela Igreja Católica, responsável pela educação e construção dos indivíduos, para a verdade construída pelo ser humano por meio de um processo. Ainda segundo o autor, durante o período medieval Jesus era a figura em que os outros indivíduos se baseavam para construir seus *selves*, porém com o deslocamento para a verdade construída, outras estruturas simbólicas entraram no processo e contribuíram para que se mudassem as figuras idealizadas e inalcançáveis na automodelagem.

O individualismo ganha um papel de destaque na construção ideológica, já que se encontra no centro do debate das dimensões do que seria público e privado, refletindo na forma como os indivíduos deveriam se portar em cada qual e, em última instância, na cultura da época. Neste sentido, as cortes ao longo de toda a Europa iriam apresentar, ensinar e reensinar os seus padrões para os seus frequentadores e descendentes que moldaram inúmeras personalidades ao longo dos séculos em meio às mudanças ocorridas, onde as ações sociais se encontram entrelaçadas ao sistema de significados públicos por meio da interpretação delas. Assim, a busca por modelos e ideais para que as gerações de cada estrato e gênero pertencente a sociedade moderna pudessem se identificar se intensificou, principalmente no âmbito da literatura, na busca por experiências físicas e emocionais capaz de construir de forma subjetiva e ideológica a *persona* desejada.

Esta busca levará a uma dicotomia presente nesta construção do *eu* entre o modelo idealizado e o autor do *self-fashioning*, esse modelo pode ser um personagem fictício de um livro, um parente próximo ou algum ideal sacralizado como o da Virgem Maria ou Jesus. Nesta dicotomia, o modelo idealizado é visto como uma figura a ser adorada, espelhada, respeitada e de extrema autoridade e

notoriedade, enquanto o autor, ou o “alien” como Greenblatt intitula, se colocará no lugar de insuficiente, submisso às vontades do primeiro, buscando sempre agradá-lo, bajulá-lo, para em algum momento se tornar o ideal.

Em poucas palavras,

“(...)we may say that self-fashioning occurs at the point of encounter between an authority and an alien, that what is produced in this encounter partakes of both the authority and the alien that is marked for attack, and hence that any achieved identity always contains within itself the signs of its own subversion or loss.”¹⁹

E a partir deste conceito elaborado pelo autor analiso a forma como o meu objeto de pesquisa buscou de forma consciente e inconsciente elaborar a automodelagem de si.

Como já mencionado, as *manipulations of persona*, isto é, a construção dos selves, se dão a partir de estímulos externos como a família. Neste sentido, é necessário apresentar os fatores que influenciariam a formação da Leopoldina que se dedicará a escrever cartas para os seus parentes, dedicando carinho e franqueza especiais para a sua irmã mais velha, Maria Luísa. Porém, ambas não se encontram isoladas da sociedade e imunes às mudanças ocorridas nela. Sendo assim, é necessário apresentar a teia fluída que era o cenário político e social em que estas jovens se encontravam inseridas, em especial a nossa futura imperatriz.

Levantadas pelo autor Charles Taylor em *As fontes do Self*²⁰, há uma série de mudanças que contribuíram diretamente para a construção da ideia do *self* na modernidade, entre elas, as transformações culturais ocorridas ao longo do século XVII e XVIII que se desdobraram em grandes mudanças comportamentais nas altas classes da sociedade vigente. A valorização da razão e dos sentimentos do ser humano dão o pontapé inicial e já indica o caminho da transformação que estaria por vir. Seguindo-lhe, temos a ascensão do romance como gênero literário, a valorização do comércio, a mudança da visão do casamento e da família e um novo olhar sobre os sentimentos. Tudo isso poderia ser entendido como indícios de que a sociedade estava deixando o modo de vida aristocrático como modelo e migrando para o modo de vida burguês. Juntamente a essas transformações sociais

¹⁹ Ibidem. P.9

²⁰ TAYLOR, C. *As fontes do self: A construção da identidade moderna*. São Paulo: Edições Loyola. 2ª edição. 2005.

de âmbito público, há modificações no âmbito privado, como a reordenação do espaço doméstico – com a criação e valorização de cômodos privativos e reestruturações de jardins, visando valorizar a privacidade – e a ressignificação de família como não apenas laços consanguíneos, mas sim pessoas que compartilhariam afeto e empatia entre si e que, no fim, se protegeriam a qualquer custo. Phillipe Aries, nos apresentará em seu livro *História Social da Criança e da Família*²¹, que a família, ao fim da Idade Média, se identificava com as pessoas que possuíam laços consanguíneos e compartilhavam funções de ofício no ambiente doméstico. Mas com todos os adventos mencionados, há uma transformação na imagem e na ideia da família, que passam cada vez mais, a representar uma comunidade íntima de amor e carinho indo além das relações impostas socialmente.

A privacidade para a família, segundo Taylor, foi uma das consequências e ao mesmo tempo uma constituinte da mudança cultural que vinha ocorrendo no século XVIII, principalmente. A reorganização do espaço doméstico, principalmente nas novas construções, trazia à tona o desejo de separar-se do todo com a construção de espaços privados para si. Um quarto individual para cada filho; o quarto do casal; o quarto de vestir; o quarto de escrever, demonstram uma mudança na sensibilidade social onde o “eu” deveria possuir um tempo para olhar para dentro e para os sentimentos que se encontram em ebulição naquele momento sem precisar expor isso para outros.

Os romances são excelentes exemplos da valorização dos sentimentos e do “eu” frente ao “nós” da sociedade. Em *Orgulho e Preconceito*, escrito por Jane Austen em 1813, é possível ver se desenrolar as histórias das irmãs Bennet, em especial da Jane e Elizabeth. Nos capítulos iniciais a mãe, Sra. Bennet, está muito interessada em obter casamentos vantajosos para as suas filhas, a começar pela sua “querida Jane.” Ela arquitetava casá-la com o novo locatário da propriedade vizinha, Netherfield. Em uma das visitas à propriedade, Elizabeth percebeu que:

“Era em geral evidente, todas as vezes que se encontravam, que ele a admirava e para ela era igualmente evidente que crescia em Jane o sentimento que começara a ter por ele desde a primeira vez que o vira, e que tal sentimento caminhava para se transformar num grande amor; mas via com prazer que isso provavelmente não seria descoberto pelas pessoas em geral, uma vez que Jane unia à intensidade de sentimentos um temperamento moderado e um constante

²¹ ARIÈS, P. *A História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Guanabara. 2ª edição. 1986.

bom humor que a protegeriam das suspeitas dos impertinentes.”²²

Elizabeth entabula uma discussão sobre sentimentos e interesses com outra jovem, a srta. Lucas, que essa última afirma:

“Há tanta gratidão ou vaidade em quase todos os relacionamentos amorosos, que não é seguro deixar nenhum deles entregue a si mesmo. Todos podemos começar espontaneamente (uma ligeira preferência é muito natural); mas muito poucos de nós somos corajosos o suficiente para nos apaixonarmos de verdade sem um incentivo.”²³

Elizabeth, por sua vez, a rebate, buscando racionalizar os sentimentos da irmã:

“O seu plano é bom, e nele tudo gira ao redor do desejo de conseguir um bom casamento, e, se eu estivesse decidida a conquistar um marido rico, tenho certeza de que eu o adotaria. Mas os sentimentos de Jane são outros; ela não está planejando o que faz. Por enquanto, ela não tem sequer certeza sobre a intensidade dos próprios sentimentos, nem de sua sensatez.”²⁴

O debate entre as duas reflete sobre como os sentimentos, ao serem percebidos, deveriam ser analisados pelo “eu” e não apenas seguidos cegamente. Deveriam ser refletidos e racionalizados.

Em cartas à Maria Luiza, Leopoldina demonstrou uma grande afeição por sua madrasta Maria Ludovica e por seus momentos privados com a família. “Depois das refeições papai brinca conosco de volante”²⁵, “Estou bem contente porque a querida mamãe está melhor de saúde e passeia duas horas por dia.”²⁶ A jovem traz consigo a ideia construída na Modernidade de que a família é uma realização humana essencial, principalmente quando falamos de figuras femininas e suas funções sociais dentro do momento histórico em que estão inseridos. Leopoldina, durante os anos iniciais de troca epistolar com sua irmã Maria Luísa, não dissertou muito sobre o desejo de casar ou ter filhos. A jovem, em uma leitura superficial das cartas, pode parecer ingênua com os seus desejos de ser “mineralogista da corte”, porém sabia muito bem o seu papel com a coroa austríaca – servir para fins de aliança política com outro Estado e gerar herdeiros para garantir a sucessão da linhagem de seu futuro marido – como ela deixará claro em cartas

²² AUSTEN, J. *Orgulho e Preconceito*. São Paulo: Martin Clare. 15ª reimpressão. 2018.P.29

²³ *Ibidem*. P.30

²⁴ *Ibidem*.

²⁵ LEOPOLDINA, carta datada de 11 de outubro de 1810. In: : KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. *Cartas de uma Imperatriz*. São Paulo: Editora Liberdade,2006. P. 187.

²⁶ LEOPOLDINA, carta datada de 20 de maio de 1813. In: : KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. *Cartas de uma Imperatriz*. São Paulo: Editora Liberdade,2006. P. 200.

futuras a sua irmã.

1.2 – O impacto da Revolução Francesa na automodelagem de Leopoldina

Leopoldina era filha do casal Maria Teresa e Francisco Habsburgo que tiveram juntos 12 filhos, dos quais a maioria chegou à idade adulta. Os pais de Leopoldina eram sobrinhos de Maria Antonieta, a rainha da França que perdeu a cabeça durante a Revolução Francesa, já que Maria Teresa era filha de Maria Carolina, irmã favorita de Maria Antonieta, e Francisco era filho de Leopoldo, irmão de Maria Antonieta e aquele para quem ela enviou uma carta pedindo ajuda. Reforço constantemente a questão da execução de Maria Antonieta pelos revoltosos já que ele gerou inúmeras consequências para a família Habsburgo, impactando as decisões não somente do Imperador Leopoldo IV – avô de Leopoldina –, mas também nas gerações seguintes, influenciando desde a educação e a automodelagem dos monarcas ao destino físico das futuras arquiduquesas. A trajetória delas, dentro da política e da experiência histórica da época, se reduzia a serem moedas de troca – a partir do casamento – de suas respectivas nações.

Como o jornalista Marsilio Cassotti apresenta em seu livro,

“Menino ou menina? Apesar de saber, por experiência própria, que o destino das princesas reais quando se casavam era acabar, quase sempre, longe do local de nascimento, às vezes muito longe, Maria Teresa sempre desejara ter muitas filhas. Mas tudo isso havia mudado depois que sua tia tivera a cabeça cortada. (...) É provável que Maria Teresa tenha ouvido alguma vez sua mãe, a mais inteligente das irmãs de Maria Antonieta, dizer que na história da Europa não era raro que as rainhas pagassem pelos erros políticos cometidos por seus respectivos maridos. Algo muito injusto, porque muitas vezes era graças a suas esposas que os reis conseguiam que se realizassem grandes feitos na história.”²⁷

Neste sentido, é possível afirmar que o advento da Revolução Francesa, já em seu primeiro momento, será um fator de suma importância para a construção dos selos de muitas arquiduquesas e arquidukes que seguiram nascendo na família Habsburgo e carregando no sangue e no subconsciente o peso da coroa austríaca.

O eco da revolução e suas consequências fizeram moradia permanente na Casa dos Habsburgo. Francisco II, pai de Leopoldina, desde o momento que se

²⁷ CASSOTTI, M.A biografia íntima de Leopoldina: a imperatriz que conseguiu a independência do Brasil. Tradução: Sandra Martha Dolinsky. 1ª ed. São Paulo: Planeta, 2015.P.15

tornou imperador em 1797 se viu várias vezes deixando a família para lutar nas coligações para silenciar a revolução e, posteriormente, fazer recuar Napoleão Bonaparte e o grande exército francês novamente para a França. As coligações existentes desde a prisão e morte dos reis franceses na Revolução Francesa impactou diretamente a vida de Leopoldina, já que tinha que viajar constantemente para se proteger de ataques feitos contra o reino pela Campanha da Áustria de Napoleão. Leopoldina teve seus estudos – algo muito precioso para ela – interrompidos algumas vezes e teve de passar longos períodos longe de sua figura paterna com tamanha incerteza de sua volta. Diversos membros de sua família, como seus avós maternos, reis de Nápoles, e seu tio paterno, grão-duque da Toscana, foram destronados por consequência da expansão napoleônica e dos ideais da revolução que levaram a eclodir outras muitas. Seu próprio pai, o imperador, perdeu o título de Imperador do Sacro Império Romano Germânico, uma vez que perdeu boa parte dos Estados Alemães em acordos pós derrotas contra Napoleão. Essa ausência do pai, que ocorreu com grande frequência entre seu nascimento e a década de 1810, não passará despercebida por Leopoldina. Ao longo de suas cartas, ela deixará nítida a sua questão com as “ausências”, principalmente quando se trata de pessoas que lhe são queridas.

Em 1808, Leopoldina já escrevia para o pai,

“(…) Meu coração infantil se alegrará quando o senhor chegar aqui na quinta-feira; então ficarei tranquila, pois tenho que lhe confessar, querido papai, minhas preocupações constantes de que seu retorno demore mais ainda, o que me magoaria muito, pois nada mais desejo do que ter o senhor aqui conosco.”²⁸

Em 1813, se queixa com a irmã Maria Luísa sobre a ausência do pai, “(…) estou bem triste por o amado papai ter nos deixado, mas me consolo com o fato de que será melhor para o bem geral; já estávamos acostumados a passear com ele.”²⁹ Continuando em 1813, escreve a Maria Luísa cobrando sua atenção, “(…) por favor, escreve-me logo, pois já faz mais de um mês que não recebo carta tua, o que é muita preguiça, Sua Majestade.”³⁰

Enquanto seu pai se ausentava para combater Napoleão, apelidado pela

²⁸ LEOPOLDINA, carta datada de 26 de novembro de 1808. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P. 180.

²⁹ LEOPOLDINA, carta datada de 7 de junho de 1813. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P. 201.

³⁰ LEOPOLDINA, carta datada de 17 de julho de 1813. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P. 205.

família de “usurpador”, em 1807, Maria Teresa – mãe de Leopoldina – morreu após dar à luz a seu décimo segundo filho, uma menina, que também morreu no parto. Dois meses depois da morte da mãe e irmãzinha, ela perdeu também o seu irmão mais novo. Apesar de Cassotti afirmar que não há indícios de que Leopoldina tenha sentido a morte da mãe e do irmão³¹, é possível ver em sua carta de 7 de outubro de 1808 para seu pai traços de um incomodo latente com relação à ausência dele após a morte da mãe: “Como é agradável pensar que o momento de sua volta se aproxima e que logo, assim espero, poderei lhe dizer pessoalmente que o amo de todo o coração.”³²

Visando manter uma figura materna para os muitos rebentos, o pai de Leopoldina, Francisco, se casa pela terceira vez, com a prima-irmã Maria Ludovica de Habsburgo-Este. Esta figura que terá um enorme peso na vida de Leopoldina a ponto dela se referir a nova esposa do pai de forma carinhosa fazendo jus ao papel dela em sua vida. Nas cartas que escreve para irmã Maria Luísa se refere a Ludovica como “**Mamãe** foi conosco e também desceu da carruagem.”³³, “Estou convicta de que compartilhas todas as tuas alegrias comigo, por isso quero dizer-lhe que vou para Karlsbad com a querida **mamãe**.”³⁴

“Maria Ludovica possuía, portanto, a refinada cultura das pequenas cortes italianas, herdeiras do Renascimento. A isso somavam-se a paixão pela política e um cristianismo fervoroso, mas sem estridências, característico de alguns Habsburgo, que vinha do lado paterno. Mas, tendo perdido seu adorado pai, antigo-rei da Lombardia, em consequência da Revolução, Maria Ludovica cultivava também um forte e nada silencioso ressentimento por Napoleão.”³⁵

Ludovica, tanto nas biografias de Cassotti quanto na de Rezzutti, carrega o título de ter sido grandemente responsável pela educação e polidez de Leopoldina, ainda mais após o casamento de Maria Luísa com Napoleão e seu afastamento da irmã. Segundo Cassotti, “Maria Ludovica foi, sem dúvida, a mulher que mais influência exerceu, do ponto de vista intelectual, na menina.”³⁶ Rezzutti, por

³¹ CASSOTTI, M.A biografia íntima de Leopoldina: a imperatriz que conseguiu a independência do Brasil. Tradução: Sandra Martha Dolinsky. 1ª ed. São Paulo: Planeta, 2015. Pág. 29.

³² LEOPOLDINA, carta datada de 7 de outubro de 1808. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.179.

³³ LEOPOLDINA, carta datada de maio de 1810. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.182.

³⁴ *Ibidem*. P.183.

³⁵ CASSOTTI, M.A biografia íntima de Leopoldina: a imperatriz que conseguiu a independência do Brasil. Tradução: Sandra Martha Dolinsky. 1ª ed. São Paulo: Planeta, 2015. P. 31.

³⁶ *Ibidem*.

sua vez, afirma que “A madrasta de Leopoldina foi uma boa esposa e mãe extrema com os filhos que herdara do casamento anterior de seu marido. Chegava a tomar ela própria a lição das crianças e impor-lhes castigos quando não queriam estudar.”³⁷ A nova imperatriz cuidou da educação da arquiduquesa em todos os aspectos, desde seus planos de estudo que incluíam História, Botânica e Literatura. Em uma de suas viagens à cidade balneária de Karlsbad³⁸, ela a apresentou ao escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe³⁹, que marcaria a arquiduquesa profundamente por ser um dos seus primeiros contatos com autores ligados ao romantismo. Ludovica buscou transformar até pequenos passeios durante as “férias” tiradas para cuidar de sua saúde como forma de aprimorar e estender o aprendizado dos filhos, pedindo-lhes relatórios sobre os passeios. Como Rezzutti apresenta,

“Leopoldina aprenderia com dois modelos, a irmã Maria Luísa e a madrasta Maria Ludovica, a aceitar o que o destino, suas obrigações e seu marido lhe impusessem, além de se comportar de forma digna e precisa como uma imperatriz, independentemente de seu temperamento e vontade.”⁴⁰

A educação na família Habsburgo era prioridade e Maria Ludovica levaria seu papel parental muito a sério neste sentido buscando continuar e ampliar os planos educacionais de seus enteados e enteadas presentes em seus *memoires* programados por suas preceptoras. Leopoldina, como já mencionado, teria inúmeras aulas sobre as diversas áreas de conhecimento, incluindo aulas de piano, mas as lições mais importantes da vida da arquiduquesa vão ser apreendidas nos pequenos detalhes do dia a dia.

Após a chegada da madrasta na vida de Leopoldina, alguns eventos de cunho político ocorreram devido ao constante combate do Império Austríaco contra Napoleão. Como consequências, ocorreram algumas mudanças estruturais no convívio de Leopoldina. Em seu livro “A Era das Revoluções”, Hobsbawn dedica alguns capítulos à Revolução Francesa, mas também às guerras que se sucederam no período napoleônico, à expansão territorial francesa e à resistência austríaca,

³⁷ REZZUTTI, P. D. *Leopoldina. A história não contada: a mulher que arquitetou a Independência do Brasil*. Edição digital Kindle. São Paulo: Leya Editora, 2017.P. 41

³⁸ *Ibidem*. P.42

³⁹ Goethe foi um dos mais importantes escritores do Sacro-Império Romano Germânico e do movimento romantista europeu.

⁴⁰ *Ibidem*.P.44

“As outras potências antifrancesas estavam engajadas em uma espécie menos assassina de luta. Todas elas esperavam derrubar a Revolução Francesa, embora não à custa de suas próprias ambições políticas, mas depois de 1792-1795 isto se tornou claramente impraticável. A Áustria, cujos laços familiares com os Bourbon foram reforçados pela ameaça francesa direta e suas possessões e áreas de influência na Itália, e à sua posição de liderança na Alemanha, era o país mais consistentemente antifrancês, e tomou parte em todas as principais coalizões contra a França.”⁴¹

Entre estes eventos, temos a derrota dos austriacos na Batalha de Wagram, onde o pai de Leopoldina foi obrigado a mais uma vez negociar com o imperador francês. O fim desta negociação teve como resultado o acordo de casamento dele com uma das arquiduquesas Habsburgo, afinal todas eram “produtos” de 1ª classe. Leopoldina foi tomada pela notícia de que sua irmã favorita e mais próxima iria se casar com o “usurpador” francês que havia causado inúmeros prejuízos para a família Habsburgo. Segundo seus biógrafos, Leopoldina não ficou muito contente por saber do enlace, assim como a irmã. No futuro, porém, com as duas casadas e em suas respectivas coroas, refletiria junto a irmã, em uma carta na década de 1820, sobre os destinos terem sido manipulados e selados das duas por Metternich para satisfazer os interesses da Coroa e o Império, colocando o bem estar das duas em último plano.

Esta mudança mexeria profundamente com Leopoldina em diversos âmbitos, uma vez que já havia perdido a mãe, seu pai se encontrava sempre distante visando destronar e derrotar o imperador francês e ela, por sua vez, não tinha a mesma intimidade e conexão com o restante de seus irmãos e irmãs. Isso a levou a experimentar mais uma vez a sensação de abandono e melancolia, que a acompanharia para o restante da vida. Nas cartas de Leopoldina escritas após o casamento e ida de Maria Luísa para a França são vistos marcas desse sentimento e seus desdobramentos como, “Não posso ocupar o pouco tempo que me resta das aulas de forma mais agradável que te escrevendo.”⁴², “(...)meu quarto me lembra constantemente de ti, querida irmã (...)”⁴³, “Tua carta tão carinhosa me alegrou muito e te agradeço de coração e te perdoô por não teres escrito mais, pois eu mesma me sinto muito culpada por ter escrever tão raramente.”⁴⁴ E “Provavelmente iremos em breve voltar a Viena, onde mudarei para teus

⁴¹ HOBBSAWN, Eric. *Era das Revoluções*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 42ª edição.2019. P.144.

⁴² LEOPOLDINA, carta datada de 11 de outubro de 1810. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. *Cartas de uma Imperatriz*. São Paulo: Editora Liberdade,2006. P.186

⁴³ *Ibidem*.

⁴⁴ LEOPOLDINA, carta datada de 12 de novembro de 1810. *Ibidem*. P.187.

aposentos; ali, cada objeto certamente será uma lembrança tua.”⁴⁵. Neste sentido, vemos uma jovem de 12/13 anos, isto é, uma recém adolescente, mas ao mesmo tempo, membro da realeza, buscando se manter próxima de um dos seus referenciais para a vida mesmo que o destino, leia-se a diplomacia e seus papéis na instituição, as tenha separado fisicamente.

Maria Luísa, como reforçado carta após carta, era a irmã favorita de Leopoldina. Maria Luísa nasceu em 1791, também em meio à turbulenta Revolução Francesa, e seria uma das primeiras herdeiras do trono austriaco a vivenciar a experiência – mesmo de forma muito sutil, já que era um bebê de 2 anos – de ter tido uma rainha, sua tia avó Maria Antonieta, decapitada em praça pública por ordem dos revolucionários. Por ser a filha mais velha, parece ter tomado para si algumas obrigações como a de disciplinar os irmãos mais novos, sendo uma das responsáveis pela moldagem deles aos padrões austriacos em que ela também buscava se encaixar, impactando diretamente na forma como os irmãos a viam, principalmente a Leopoldina.

1.3 – Os primeiros anos da amizade epistolar de Leopoldina e Maria Luísa

Com uma diferença de seis anos para Maria Luísa e sendo Maria Clementina apenas um ano mais nova, todas as apostas apontariam para que Leopoldina e Maria Clementina fossem mais unidas do que nunca em comparação com Maria Luísa, porém é possível observar o contrário em diversas cartas. Para Leopoldina, Maria Luísa era a sua Luis XIV particular, o astro Sol de sua vida, e ela por sua vez era a Lua tentando alcançar o brilho e a perfeição da irmã mais velha. Qualquer chance de enaltecer a irmã e suas opiniões, Leopoldina a aproveitava.

“Amada Luísa!

Aproveito os poucos momentos que minhas aulas me deixam descansar para te dar notícias minhas e para te agradecer de coração por tua carta tão carinhosa. **Tens razão**, minha boa irmã, minha garganta não doeria tanto se eu pudesse estar contigo.”⁴⁶

“(…)Na última sexta feira toquei um concerto de Kozeluch, que saiu muito bom, dezessete músicos me acompanharam e eu tremia como vara verde.

⁴⁵ *Ibidem*.

⁴⁶ LEOPOLDINA, carta datada de 11 de março de 1811. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.188.

Há pouco ganhei lindas tintas pastel, do querido papai; mais tarde, querida irmã, te enviarei a primeira cabeça em pastel que desenhar, e espero que suporte a viagem, pois não duram muito. Fico muito contente que tu e teu filho estejam bem de saúde, não fosse por aquela pequena indisposição. **Sempre penso em ti, querida irmã, certamente vinte vezes por dia; (...)**⁴⁷

Mesmo o casamento da irmã em 1810 com o imperador francês, e mesmo a distância, não as impediu de construir tamanho vínculo e intimidade. A busca por um encontro físico entre as duas era de extrema importância para Leopoldina. Em uma carta de maio de 1812, ela escreve à irmã

“Muito obrigada por tua carta carinhosa; posso bem imaginar, amada irmã, como deves estar, me dás esperança quanto à viagem a Praga, isso me deixa agitada, reza para que aconteça(...) Por favor, tem a bondade de continuar a pedir que eu possa me refugiar em seus braços, pois essa será a maior prova de teu amor.”⁴⁸

Após muita insistência das duas com as respectivas coroas, as irmãs se encontram em Praga, em julho de 1812. A partir das cartas de Leopoldina, é possível ver que o encontro foi impactante, além das expectativas da jovem austriaca, uma vez que um mês depois escreve para a irmã dizendo que sonhava quase todos os dias com a irmã e com os dias vividos juntas em Praga e pedindo aos céus que pudesse viver esses momentos mais vezes. Porém, ao mesmo tempo que se deleita pensando nos momentos vividos, ela cobra uma atenção da irmã, “Tenho alguma razão para queixar-me de tua preguiça, já que te escrevi para Würzburg e não recebi resposta. Entrementes acredito que não nos terás esquecido após nossa separação.”⁴⁹ A busca constante por aprovação e atenção da irmã ao longo de sua vida, principalmente nos anos de 1810 a 1816, demonstram uma característica do *self-fashioning* de forma que há o ser idealizado – Maria Luísa, que exerce pleno controle sobre aquele que o idealiza, fazendo sofrer por sua ausência de atenção, como é possível observar em inúmeras cartas de Leopoldina.

Minhas fontes, as cartas presentes no livro *Cartas de uma Imperatriz*, me introduziram a versões de Leopoldina que, mesmo lendo muito sobre, eu não conhecia totalmente. Há nestas cartas uma clara intimidade entre as correspondentes – não só por terem laços cossanguíneos, mas por terem construído um lado de amizade e afeto. Segundo, a autora Anne Vicent- Buffault, no século XVIII, há uma aproximação da amizade com a sensibilidade causada

⁴⁷ LEOPOLDINA, carta datada de 3 de março de 1812. Ibidem. P.191. – ênfases minhas.

⁴⁸ LEOPOLDINA, carta datada de 28 de maio de 1812. Ibidem. P.192.

⁴⁹ LEOPOLDINA, carta datada de 22 de agosto de 1812. Ibidem. P.193.

pela mudança comportamental da sociedade⁵⁰, principalmente a partir da literatura. Na modernidade, como afirma Greenblatt, há uma mudança intelectual, social, psicológica e na estrutura estética do do modelo do *self-fashioning*, caminhando de uma ideia de coletivo para o individualismo ao longo dos séculos, refletindo assim na construção da identidade humana e na sociedade por consequência. A literatura é um dos principais meios onde é possível ver essa mudança, uma vez que a literatura de cunho religioso, devocional, passar a dividir espaço com uma literatura mundana, diversa, na qual o indivíduo e seu drama terreno, e não mais Deus, se tornam o centro das narrativas. Juntamente com essa visão humanista de mundo presente na literatura, são trazidas também questões e sentimentos humanos para a construção de personagens e do imaginário da sociedade, que por sua vez também impactam na forma como ela se comporta. Corroborando o que Greenblatt argumenta sobre a literatura como agente atuante no *self-fashioning* já que esta se encontra intimamente ligada como moldagem e molde da sociedade. Desta forma, é possível dizer que a amizade epistolar e o *self-fashioning* se encontram ligados pela valorização da intimidade e da sensibilidade que vem sendo construída na teia de relações que cercam os indivíduos, seja fisicamente ou a partir do imaginário desdobrado a partir da escrita..

Nos exemplos trazidos por Buffault sobre a construção da amizade epistolar, ela cita as visões de Diderot e Rousseau, os seus enlacs e percalços das relações. Os detalhes das relações apresentadas por ela me chamaram muito a atenção por conseguir encontrar algumas questões comuns entre eles e a amizade epistolar de Leopoldina e Maria Luísa. O primeiro deles que é o amor, seja ele fraternal ou romântico, é a base para a construção da amizade, sendo indissociável dela⁵¹. Neste sentido, as irmãs, ao escreverem, se utilizam dos mesmos mecanismos para nutrir e fortificar as relações no âmbito linguístico, buscando a intimidade e uma linguagem própria para a expressão de seus sentimentos e pensamentos sobre si, o mundo e sobre o outro com quem está dialogando. O uso de palavras e expressões que oscilam entre a admiração, o entusiasmo e entre a cobrança pela retribuição da intensidade do sentimento são muito presentes nas

⁵⁰ VICENT-BUFFAULT, 1996. Ver também: DUARTE, João. Desencantamento da amizade: sensibilidade e sociabilidade no Iluminismo Britânico. Revista da Fundação Casa de Rui Barbosa, nº6. 2012. P. 37-71.

⁵¹ VICENT-BUFFAULT, Anne. Da amizade: Uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996. P.38

trocas de Leopoldina com a irmã, como o iniciar as cartas com “querida, amada” e terminá-las de forma semelhante como “Abraço-te mil vezes e permaneço tua irmã que te ama ternamente”.

Na amizade epistolar entre Luísa e Leopoldina, principalmente entre 1810 e 1814, há trocas de opinião a respeito de leituras, localidades, obras de arte e até mesmo da situação política em que elas estavam cercadas ao longo do tempo, como “Mas agora tenho uma coisa para contar que vai te divertir muito: a descrição exata da universidade local. (...) Primeiro nos mostraram salões muito grandes, onde se organizam palestras e assembléias; um deles era da Faculdade de Medicina.”⁵²; “O irmão Francisco está insuportável pela impaciência em esperar pela fragata, armas e relógio que lhe mandaste.”⁵³, “Perguntei-lhe se a História da Rússia de Levesque é boa e contei-lhe que tu a estás lendo; ele me disse que não é adequada e a melhor seria a de Schlözer Nestor.”⁵⁴; “Imagina, quase houve uma inundação em Laxemburg, pois choveu muito durante três dias e o senhor capitão do palácio, Ridler, no seu estilo habitual, não mandou abrir as comportas (e se alguém faz algo sem sua permissão quando está ausente, perde o emprego)”⁵⁵.

Nestes trechos ficam claras a busca por intimidade e proximidade entre as duas. Durante uma leitura casual das cartas de Leopoldina pode até se ter uma falsa impressão de que saíram das cartas os personagens dos romances de Jane Austen, autora conhecida por representar a amizade epistolar – isto é, esta trocas constante, quase religiosa, de correspondências que traz consigo tons de intimidade, onde “as marcas de civilidade desaparecerem em proveito de uma familiaridade mais ou menos marcada, e uma escrita própria a relação de amizade se inventa aí”⁵⁶. Além disso, essa forma de amizade transcorre em ambientes privados onde, de certa forma, traz alguma liberdade para os correspondentes deixarem o decoro de lado para se expressarem de forma mais informal e direta.

Como o autor Antoine Lilti apresenta em seu artigo “Private lives, public

⁵² LEOPOLDINA, carta datada de maio de 1810. Ibidem. P. 182.

⁵³ LEOPOLDINA, carta datada de 11 de outubro de 1810. Ibidem. P.187.

⁵⁴ LEOPOLDINA, carta datada de 1813. Ibidem. P.195.

⁵⁵ LEOPOLDINA, carta datada de 10 de setembro de 1813. Ibidem. P. 206

⁵⁶ VICENT-BUFFAULT, Anne. Da amizade: Uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996. P.12

space” houve, ao longo do século XVIII, uma mudança na sociedade referente a configurações de espaço público e privado e como as relações se desdobram neles. Há uma valorização do espaço privado e do cultivo das relações pessoais familiares,

“Paternal and maternal love is expressed with new energy, as is tender friendship between spouses. The family does not appear only as an economic unit but as a special place for discovering a way of life supposedly free from the constraints of social life, that is, a ‘private life’, a laboratory of affectivity and sentiment.”⁵⁷.

A amizade epistolar desenvolvida entre as duas irmãs é fruto de uma mudança estrutural na cultura moderna, se desdobrando para a sua criação e educação; e mudanças relativas à concepção da ideia de família e da construção da intimidade que perpassa esses laços que saem do âmbito público, se encontrando valorizados no privado.

Segundo a autora Anne Vicent-Buffault, para entender as trocas epistolares na qual nos debruçamos é necessário entender quando estas começaram a ocorrer com certa frequência no contexto geral. Desta forma,

“No século XVIII, a troca epistolar torna-se privilegiada entre as práticas de amizade por se distinguir dos gestos tradicionais que marcavam as relações homem a homem: ajuda mútua, juramento e solidariedade, postos sob o signo de fides e inscritos nas redes de aliança política e familiar. A importância crescente da correspondência participa da lenta evolução que confere ao escrito um lugar preponderante em relação a cultura oral, ao uso da fala e do gesto.”⁵⁸

A tradição escrita e a necessidade não somente de falar, mas escrever sobre os pensamentos, desejos e vontades para o outro vai pouco a pouco se disseminando na vida do século XVIII. A amizade epistolar começa se apresentando entre homens como o caso de Mirabeau e Chamfort, citados por Buffault; vê-se estimulado a partir da literatura como em *Emma* e *Persuasion*, de Jane Austen, citados na obra de Barbara Caine⁵⁹. O personagem do amigo de pena, isto é, aquele conhecido apenas por cartas, vem ganhando certa relevância no imaginário da sociedade, e inicia-se uma busca por representações novas, desfazendo um pouco da bem estruturada e rígida sociedade estamental, mas não

⁵⁷ LILTI, Antoine. *Private lives, public space: a new social history of the Enlightenment*. In: BREWER, Daniel. *The Cambridge companion to the French Enlightenment*. Cambridge: Cambridge University Press. 2014. P. 16

⁵⁸ VICENT-BUFFAULT, Anne. *Da amizade: Uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996. P.18

⁵⁹ CAINE, Barbara. *Friendship: a history*. London: Equinox Publishing. 2009

por completo uma vez que a amizade epistolar exige uma exposição de si mesmo. Esta situação esbarra na construção daquele indivíduo – social, intelectual e geograficamente – para formular opiniões e diálogos com o outro.

Uma autora que vai explicitar essas diferenças e como elas são deveras importante para o desenvolvimento da amizade epistolar é Barbara Caine, que, em seu texto “Taking up the Pen: Women and the writing of friendship”, nos apresenta quadros de amizades epistolares entre mulheres de mesma classe, mas com uma diferença etária considerável; entre mulheres de idade próxima, mas de classes diferentes e por isso vivências diferentes; e a que nos interessa, mulheres com idades próximas e de mesma classe, sendo esta a situação em que se enquadram Leopoldina e Maria Luísa. As vivências ocasiadas por ambas como – a perda da mãe muito cedo; a ausência do pai devido as Guerras contra Napoleão; o próprio terror que a Revolução Francesa causou em todas as casas dinásticas europeias, principalmente naquela que era berço das duas; o senso de dever com a sua coroa e nação e o desenrolar deste são características que muito aproximam as irmãs.

Mais do que o laço familiar, o que mais chama a atenção é que na amizade epistolar a distância e a ausência do “amigo querido” traz à tona uma efusão de sentimentos praticamente devocionais – e como Leopoldina mesmo afirma em suas cartas, ela sente mais intensamente que outros – formando assim uma relação de mestre e discipula entre as duas. Por idealizar Maria Luísa como seu grande modelo a ser seguido, Leopoldina considera a amizade epistolar com a irmã de extrema necessidade e importância para garantir que a separação das duas não a “consuma” e que a ausência não a torne “melancólica”, como a mesma escreve

“Amada, caríssima Luísa!

Estou bem zangada contigo, é abominável que não me escrevas há tanto tempo e, se o fizeste, foi em poucas linhas; dói-me profundamente porque me faz supor que me esqueces e te amo tanto; acredita-me, a dor da separação de ti já é suficiente, não preciso ainda ser esquecida por ti, não suportaria.(...) sofro de melancolia, se pudesse voar até ti e contigo ficar, seria esplêndido.”⁶⁰

Desde cedo é observado que Leopoldina possui um temperamento intenso

⁶⁰ LEOPOLDINA, carta datada de 30 de março de 1816. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.220

e isso gera certa “ansiedade” em suas vivências. Sua irmã, Luísa, juntamente com a madrasta Maria Ludovica, tentam reduzir a impulsividade e a intensidade dela. O meio termo na vida de Leopoldina não era viável em seus anos de jovem adolescente, tudo era amor ou puro desdém. Além disso, desejava ser tão “perfeita” quanto sua mãe, madrasta e suas irmãs e quando falhava se punia também com grande intensidade, se reservando de forma melodramática desde criança, já que teve muitas perdas para alguém tão jovem.

Em seu livro “As fontes do self”, Charles Taylor trata o século XVIII como a era dos sentimentos e, por consequência, a era da melancolia também. Neste período, há grandes mudanças sociais e culturais, como já mencionadas no tópico anterior, entre elas a propagação da literatura romântica e com ela a valorização dos sentimentos. Nessas narrativas são apresentadas as vidas dos personagens como histórias, que trazem uma sensação diferente, nova, de observar a vida de outra forma que não mais como um ciclo (nasce-cresce-casa-reproduz-morre). A melancolia apareceu como esse sentimento novo, que envolve esse olhar pra dentro, para a própria história e a vontade de reviver um passado que já não existia mais. Ela se torna um estado de alma.

“É o que se vivencia ao tomar certa distância da tristeza e perdas da própria vida e observá-las como uma história, sob uma espécie de anteparo.(...) Há algo tremendamente consolador na melancolia, um prazer enganoso, que pode tornar o sofrimento estranhamente agradável, uma fonte de “les rêveries mélancoliques et les voluptueuses tristesses.””⁶¹

A juventude, a inocência, o cortejar em busca de um amor a ponto de renunciar tudo que era “importante” socialmente são temas de romances da época, entre eles, *Julie or La Nouvelle Heloise* (1761), de Rousseau.

Segundo Taylor,

“Esse recurso esteve à disposição de todas as épocas. Mas somente numa época que valorizava o sentimento é que a melancolia pôde ser cultivada. Se a distinção vinculava-se à grandeza dos sentimentos e se o mais elevado era inseparável da renúncia e do sofrimento, então até saborear na melancolia um infortúnio sentido com nobreza podia ser considerado admirável. Nem todos teriam a sensibilidade para sentir tal infortúnio, e os que tinham deviam ser seres superiores.”⁶²

Vivendo na era dos sentimentos e da melancolia, e lendo avidamente romances, Leopoldina foi profundamente marcada – com o seu “temperamento

⁶¹ TAYLOR, C. As fontes do self: A construção da identidade moderna. São Paulo: Edições Loyola. 2ª edição. 2005. P. 382.

⁶² Ibidem. P. 383.

difícil” – pelo contexto cultural da época em sua formação.

Luto e Melancolia de Freud, nos ajuda a compreender como o luto e as constantes perdas podem ter conduzido Leopoldina para o estado melancólico⁶³. No luto, cai por terra a ideia de que se tem todo o tempo do mundo, levando à percepção e à reflexão de que tanto o tempo quanto o indivíduo são perecíveis. Segundo Freud, neste processo de luto há a perda do objeto de desejo e afeto do indivíduo; Logo, há uma perda temporária do “eu”, levando por fim a um enfrentamento entre esse “eu” fragmentado e o super eu, de forma saudável, para a superação do luto.

No caso de Leopoldina, seu objeto de desejo e adoração, - Maria Luísa - não morre, como na experiência do luto, mas também não pode mais ser revisto e retomado. Isso leva a uma perda do “eu”, que engatilha o enfrentamento em que o “super eu” esmaga o “eu”, transformando-o em incapaz e, fazendo - em última instância - sumir o desejo de viver. Leopoldina torna-se melancólica e nostálgica, uma vez que deseja reviver momentos e sentimentos que não retornarão. Como em 1812, após o encontro das duas durante alguns dias em Praga, Leopoldina escreve a irmã se queixando da ausência de sua atenção e desejando retornar para aqueles momentos em que estavam somente as duas frente a frente podendo ter inúmeras conversas e tecer opiniões não mais por carta, mas sim *tête-à-tête* com um *joie de vivre*.

“Amada Luísa!

Tenho alguma razão para queixar-me de tua preguiça, já que te escrevi para Würzburg e não recebi resposta. Entrementes acredito que não nos terás esquecido após nossa separação. Sonho quase todos os dias contigo e com os dias felizes que desfrutamos juntas em Praga. Permita o céu que isso se repita com frequência.”⁶⁴

No livro *The Future of Nostalgia*⁶⁵ de Svetlana Boym, a autora apresenta o argumento de que a nostalgia está ligada também à noção de tempo e como o indivíduo lida com esse tempo perecível. É, segundo a interpretação dela, uma

⁶³ Freud, Sigmund. “Luto e melancolia” in Freud, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

⁶⁴ LEOPOLDINA, carta datada de 22 de agosto de 1812. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.193.

⁶⁵ BOYM, Svetlana. Mal-estar na nostalgia. História da Historiografia. Ouro Preto: Edufop, n. 23; abril 2017; p.153-165.

irrecuperabilidade do tempo e de lugares específicos frente à memória que foi construída nos mesmos. Em muitos trechos de cartas é possível ver a busca por Leopoldina de resgatar em diversos momentos a lembrança da irmã e o desejo de que elas pudessem continuar a viver juntas diversas experiências.

“Não podes imaginar quão adorável está meu jardim; separando-o do da Maria há uma alameda de ameixeiras que neste ano já darão frutos, junto às cercas há pessegueiros e do outro lado ginjas espanholas, damascos e ameixas verdes; penso sempre em ti, como gostas delas e como desejaria poder dividi-las contigo aqui.”⁶⁶

Assim, a formação da jovem Leopoldina será muito pautada na busca pela proximidade com a irmã e em seguir os seus passos e conselhos, buscando desta forma alcançar o seu ideal imaginado. É possível ver em diversas cartas essa busca por aprovação da irmã, como “Amada Luísa! Tuas carinhosas advertências me levaram a tomar a boa decisão de não te escrever garranchos e prestar mais atenção à ortografia;”⁶⁷ ou em “Amada Luísa! Não fazes idéia da alegria que tive com tua última carta; muito obrigada pelos sermões, não me impedirão de te escrever cartas bem longas pois estou convicta de que tua intenção é a melhor possível e de que me queres bem.”⁶⁸ Até a demonstração de total devoção a esta irmã que representa mais do que um laço familiar, mas sim um ideal, “Amada Luísa! Não posso te descrever o prazer que tua carta carinhosa me deu. Fiquei contente em saber que tens a certeza de que penso sempre em ti e te amo tanto quanto é possível amar.”⁶⁹

Neste sentido, a construção subjetiva de Leopoldina, sua automodelagem, se encontra indissociável a amizade epistolar, pois é a partir da troca constante de cartas que é possível vislumbrar o crescimento e a busca pelo “aperfeiçoamento” da trajetória da jovem Leopoldina frente a imagem de sua irmã Maria Luísa. Os desdobramentos desse comportamento serão visto ao longo de suas próximas fases epistolares onde há uma série de mudanças na rotina e no contexto social da jovem.

⁶⁶ LEOPOLDINA, carta datada de 20 de maio de 1813. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.199.

⁶⁷ LEOPOLDINA, carta datada de 3 de março de 1812. Ibidem. P.189

⁶⁸ LEOPOLDINA, carta datada de 7 de junho de 1813. Ibidem. P.200.

⁶⁹ LEOPOLDINA, carta datada de 11 de abril de 1814. Ibidem. P.210.

Capítulo 2: A alegria em parecer e a tristeza de não pertencer

Neste capítulo buscarei apresentar Leopoldina entre os anos de 1814 e 1816, quando a jovem se encontrava entre os seus 17 e 19 anos. Neste período ocorreram uma série de eventos que mexeram novamente com a estrutura familiar da arquiduquesa, mas que trouxeram para a luz questões e traços de sua personalidade que estão intimamente ligados a sua construção subjetiva e como ela gostaria de ser vista nos ambientes. Entre os eventos que levaram às mudanças de conduta e pensamento de Leopoldina podemos citar o casamento de Maria Clementina, sua irmã um ano mais nova, com o seu tio Leopoldo que foi brevemente pretendente de Leopoldina até rejeitá-la; a mudança de postura de suas irmãs Maria Luisa e Maria Clementina após o casamento das duas e a maternidade da mais velha; e por fim, a cobrança silenciosa de seu papel social e político dentro de sua família e da coroa austríaca culminando em seu casamento com Dom Pedro, príncipe de Portugal, Brasil e Algarves.

Assim, os objetivos deste capítulo são apresentar a dinâmica familiar e como Leopoldina mudou sua posição dentre as prioridades da jovem conforme avançava em direção à vida adulta, e como os desdobramentos das mudanças ocorridas ao longo desses dois anos no âmbito social e político em que ela estava inserida vão contribuir diretamente para a sua mudança de postura e construção subjetiva tendo como parametro a sua irmã Maria Luísa.

Como apresentado, as duas irmãs desenvolveram uma amizade epistolar longa e duradoura com o passar dos anos e no período de 1814 a 1816 foi possível observar uma mudança comportamental latente na escrita da jovem Leopoldina. A transição de jovem para adulta começa a se concretizar nestes anos. Um ótimo exemplo é a carta de 11 de abril de 1814, em que a jovem, ao mesmo tempo, escrevia cartas detalhando a sua rotina escolar para a sua irmã e tratava de temáticas relacionadas ao seu amadurecimento e posição dentro da família, buscando sempre a aprovação da irmã.

“Amada, Luísa!

Não posso te descrever o prazer que a tua carta carinhosa me deu. Fiquei contente em saber que tens certeza de que penso sempre em ti e te amo tanto quanto é possível amar; posso te garantir que rezei muito nos últimos três dias para que se aproxime o momento feliz, que espero com a maior ansiedade, em que poderemos

ter notícias uma da outra com maior frequência. Alegro-me muito que teu filho tenha crescido, penso muito nele nos dias 20, deve ser o mais adorável, queria poder vê-lo e abraçá-lo; por favor- faça-o por mim e garante-lhe que o amo muito apesar de nunca tê-lo visto. Tenha certeza de que não sou mais tão melindrosa como era quando tu ainda estavas aqui, porém não queria ter o teu reumatismo. (...) Tenho três novos mestres: 1. Abade Rogier como mestre de geometria e matemática, que estudei durante o outono e inverno e onde fiz meus maiores progressos; agora estou repetindo-as; 2. O Abade Neumann como mestre de numismática, três vezes por semana, das dez às onze, que me diverte muito; 3. O Abade Stelzhamer, três vezes por semana, das oito às nove da noite, que me aborrece muito e com quem não faço grandes progressos. Com Kozeluch estou aprendendo um novo concerto que regeu há pouco. Com Ridler estou lendo Queda dos Países Baixos, de Schiller, que está muito interessante.”⁷⁰

A quantidade de assuntos neste trecho chama a atenção em vários aspectos. O primeiro deles é ela começar a carta agradecendo e se declarando para a irmã, dizendo que ela habita seus pensamentos e tem todo o amor de Leopoldina, algo que vem se tornando característica principal das cartas de Leopoldina para a irmã. Porém, há aqui nesta carta uma busca por demonstrar que houve uma melhora de postura e crescimento de Leopoldina quando ela fala que não é mais tão “melindrosa” como antes. Melindrosa, nesta carta, carrega o sentido de sensibilidade emocional, já que a arquiduquesa era conhecida entre os seus familiares, segundo Cassotti, por possuir um estado de nervos sensível. A jovem facilmente trocava de humor, tendo “ataques de nervos” e sofrendo de “melancolia”. Quando Leopoldina afirma que já não é mais tão melindrosa, ela busca passar a mensagem de que não se deixava mais levar pelas emoções como fazia antes quando era uma criança ou adolescente e que estava buscando controlá-las e racionalizá-las como uma adulta.

O segundo ponto é a questão da educação. Ainda vivenciando sua juventude e transição para o mundo adulto, ela segue notificando a irmã sobre seus aprendizados, evoluções e fracassos. Chamo atenção para o trecho “(...) o Abade Stelzhammer, três vezes na semana, das oito às nove da noite, que me aborrece muito e com quem não faço grandes progressos.”⁷¹. Na mesma carta que afirma não ser mais levada facilmente por seus sentimentos, apresenta o seu descontentamento por não conseguir atingir a expectativa criada por ela e por outros sobre o seu desempenho acadêmico. Demonstrando, desta forma, que mesmo que afirme ter sob controle os sentimentos e use a racionalidade, no calor do momento, ela

⁷⁰ LEOPOLDINA, carta datada de 11 de abril de 1814. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.210.

⁷¹ Ibidem.

demonstra que não o tem.

O terceiro ponto é referente ao seu sobrinho, filho de Maria Luísa, por quem já sabemos que ela é muito afeiçãoada. Leopoldina, que até então só ouvia falar do sobrinho e mesmo sem nenhum contato, já afirma que o ama muito e que gostaria de abraçá-lo. Dessa forma, desenha-se como a família vai se tornar uma ponto de muita troca entre as duas, principalmente sobre a rotina, saúde e novidades de todos os membros próximos – suas irmãs, irmãos, pai, madrasta, tios e a avó. Ao longo dessa mesma carta, Leopoldina escreve sobre a presença da avó paterna Maria Carolina⁷²,

“Estamos muito felizes de ter a vovó conosco; vêmo-lá todos os dias nas refeições, ela mudou bastante e está bem curvada, mas a cor de sua face já não é mais tão amarelada.(...) Já fizemos várias visitas a vovó e ganhamos diversos presentes.”⁷³

A convivência com avó foi essencial para a transição de adolescente para adulta, a levando a ter mais consciência e buscar o seu papel como membro da família Habsburgo e da Coroa Áustriaca. Ela transmitirá essa mudança através das cartas para Maria Luísa com sua postura mais próxima aos principais membros dela.

2.1 - A construção da família moderna

Nesta nova fase da vida de Leopoldina, as cartas vão deixar de ser, em sua maioria, de notícias sobre a rotina de estudo e passeios para expandir-se para o meio familiar e as intimidades do convívio. Será discutido também o Congresso de Viena, sua “infinidade” de compromissos, festas e acordos políticos firmados que mudarão a vida de vários membros de sua família, em especial, a de Luísa . Além disso, como Leopoldina, a irmã de idade próxima, Maria Clementina, adentrará o “mercado” casamenteiro. Leopoldina apresentará sua visão sobre o matrimônio – tanto se o considerava para si, quanto o que pensava sobre os enlaces de membros da família – e o que, ingenuamente, esperava para o seu futuro dentro da corte austriaca.

Todas as mudanças apontam para o fator comum que é a aproximação de

⁷² Maria Carolina de Habsburgo era uma das filhas da Rainha Maria Teresa, a grande, da Áustria e irmã da Rainha Maria Antonieta da França. Ela foi rainha consorte de Nápoles e veio morar na corte austriaca depois de Napoleão, marido de uma de suas netas, ter invadido e tomado a região no período de expansão do império francês.

⁷³ LEOPOLDINA, carta datada de 11 de abril de 1814. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.211.

Leopoldina com o seu núcleo familiar e como este funcionava no cenário em que estavam inseridos. O conceito de família no período moderno vai mudar juntamente com a cultura da época, que se encontrava em constante mudança – a principal delas é a noção de público e privado. A divisão da vida social adentrava a organização doméstica e, por sua vez, a dinâmica das famílias a partir do século XVIII.

Segundo a autora Madeleine Foisil, “No final da Idade Média, vive-se num mundo que não é nem privado, nem público”⁷⁴. A comunidade era de suma importância para o dia a dia de todos. Logo, para tomar decisões referentes a enlases matrimoniais, enterros, distribuições de herança ou de punições, tudo era feito de forma coletiva. O privado, se assim podemos dizer, se encontrava na divisão de locais da casa como sala – lugar público, cozinha – ambiente feminino, e quartos de cima – local onde as famílias descansavam.⁷⁵ Os registros sobre os quais a autora se debruça, os *livres de raison* e os poucos diários íntimos, fazem pequenas alusões ao que seria a vida privada, restritas aos ambientes domésticos, mas de conhecimento de todos presentes na sociedade. A comunidade, neste período, é marcada por alguns comportamentos muito ligados às fases da vida, não havendo muito espaço para a reflexão sobre o eu. Sendo assim, do nascimento à morte, tudo é vivido em família e em comunidade, já que todos ocupam alguma função nesta engenhosa arquitetura social, não havendo qualquer distinção de público e privado. Vale ressaltar, se a vida, em seus múltiplos aspectos, é pública e comunitária, os sentimentos, são também encarados como pertencentes à vida comum da comunidade em que a família está inserida.

Como caracteriza Phillipe Ariès, em seu livro *Historia Social da Criança e da Família*⁷⁶, a família no início do período moderno é “uma realidade moral e social, mais que sentimental”⁷⁷, ou seja, eram pessoas que dividiam laços consanguíneos e conhecimento sobre os ofícios dentro de um ambiente doméstico. Não tendo como foco principal os laços afetivos, garantindo proteção e segurança frente ao mundo, a família era uma reprodução em menor escala da sociedade em que estava inserida e suas dinâmicas.

⁷⁴ FOISIL, M. A escritura do foro privado. In: CHARTIER, R. História da Vida Privada 3: da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia de Bolso. 2009. P. 330.

⁷⁵ Ibidem. P.331.

⁷⁶ ARIÈS, P. A História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro: Guanabara. 2ª edição. 1986.

⁷⁷ Ibidem. P. 231.

Nos primeiros séculos da modernidade, a família e o ambiente doméstico são divididos conforme a sexualidade, ocupação e idade. Em seu capítulo “Amizade e Convivialidade”, Maurice Aymard⁷⁸ apresenta que há na formação das famílias e nas formas de sociabilidade duas grandes divisões comuns: feminino X masculino e adultos X crianças⁷⁹. As esposas ocupam o ambiente da cozinha e do quarto das crianças, os ambientes mais restritos da casa. As filhas, quando crianças recebem ensinamentos junto aos irmãos sem qualquer distinção, mas quando crescem ajudam as mães nas tarefas domésticas e se dedicam a aprender o ofício de dona de casa, estando, em maioria, reclusas ao lar. Os filhos, que durante a infância são criados por suas mães e irmãs, após adentrarem a adolescência acompanham seus pais nas corporações e associações, visando aprender o ofício da família e a administrar os seus bens. Essa divisão visa atender um interesse maior, que é a continuidade e bom funcionamento das comunidades em que estão inseridos seguindo os costumes e evitando as tentações, como apresenta o autor.

O Renascimento e a difusão dos ideais humanistas, com sua valorização do indivíduo e da vida terrena terão um impacto tremendo em como a sociedade passará a se comportar e se ver. O antropocentrismo e o individualismo ganham corpo na cultura, especialmente através das artes visuais e da literatura. Nesse contexto, William Shakespeare escreveu “Romeu e Julieta” que narra o apaixonamento de dois jovens que pertenciam a famílias burguesas e inimigas – os Capuletos e os Montecchio.

Na realidade, esta “bela” história de amor já chama atenção por ter personagens com nomes e personalidades distintas e nos apresenta uma crítica a cegueira provocada pelo sentimento frente a racionalidade, uma vez que se eles não tivessem se levado pelo sentimento de perda um do outro, não teriam se matado para ficarem juntos.⁸⁰ Apresentando uma crítica, de certa forma, à expressar os sentimentos de forma impulsiva, pois isso causaria prejuízo não somente aos indivíduos, mas também a comunidade em que eles estavam inseridos.

Dois séculos mais tarde, é possível observar uma mudança comportamental

⁷⁸ Aymard, M. Amizade e Convivialidade. In: CHARTIER, R. História da Vida Privada 3: da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia de Bolso. 2009. P. 432-479.

⁷⁹ Ibidem. P.466.

⁸⁰ No romance de Shakespeare, Julietta finge sua morte a partir de um falso envenenamento. Ao encontrá-la “morta”, Romeu se envenena e morre. Ao encontrar seu amado sem vida ao seu lado, Julietta se esfaqueia para tirar a vida e assim poder se reunir com Romeu na eternidade.

na sociedade do Antigo Regime de forma geral na esteira da Revolução Industrial e do Iluminismo. Essas mudanças reforçam não só o individualismo, como a liberdade e a divisão da vida em aspectos públicos e privados, valorizando os aspectos e benefícios da vida privada. Uma das primeiras características desta mudança comportamental está intimamente relacionada com a Revolução Industrial Inglesa e seus desdobramentos, entre elas a ascensão da burguesia como grupo influente econômica, cultural e politicamente. Com a ascensão da burguesia, seu modelo de vida foi sendo difundido e ganhando mais espaço na sociedade inglesa da época em um primeiro momento e depois conquistando o restante da Europa. De uma maneira geral, a nobreza valorizava a honra da linhagem, como já diria Ariès⁸¹, e a burguesia, valorizava os momentos privados no conforto do lar para dedicar-se aos “prazeres da caça, às delícias da mesa, sem outra ocupação”⁸² em mente. Porém, em ambos os grupos sociais a família segue submetida às vontades do patriarca e às obrigações sociais que se encontram enraizadas no status ao qual o nome dela está atrelado.

Nicole Castan disserta sobre a questão da liberdade, ideal muito difundido nos séculos XVII e XVIII, em seu capítulo “O público e o particular”⁸³,

“A liberdade, assim como a independência, conquista-se em primeiro lugar com relação à família. A do Antigo Regime está longe de ser afetuosa: para todos que a compõem, e pouco importa a posição de cada um, é um lugar de dominação, de divisão autoritária de tarefas. A estrita disciplina do chefe de família assegura a coesão indispensável à salvaguarda do patrimônio e da honra familiar.”⁸⁴

As mulheres nas famílias abastadas, seja ela nobre ou burguesa, não usufruem da liberdade da mesma forma que os membros homens de suas famílias. Elas, em geral, são confinadas aos ambientes domésticos, onde dedicam-se a aprender e aprimorar habilidades para se tornarem boas esposas e mães, sendo treinadas para servir e zelar. Dependem, em muitos casos, de uma aprovação masculina para irem a determinados locais ou fazerem esta ou aquela atividade. No livro “Orgulho e Preconceito”⁸⁵ de Jane Austen, são retratados momentos do dia a

⁸¹ ARIÈS, P. A História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro: Guanabara. 2ª edição. 1986.

⁸² CASTAN, N. O público e o privado. In: CHARTIER, R. História da Vida Privada 3: da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia de Bolso. 2009.P.403.

⁸³ CASTAN, N. O público e o privado. In: CHARTIER, R. História da Vida Privada 3: da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia de Bolso. 2009.P.402-439.

⁸⁴ Ibidem. P.403.

⁸⁵ AUSTEN, J. Orgulho e Preconceito. São Paulo: Martin Clare. 15ª reimpressão. 2018.

dia de uma família com 5 filhas, os Bennets. A história, um excelente exemplo sobre a condição feminina de mulheres abastadas, se inicia com a Sra. Bennet e o Sr. Bennet dialogando sobre o jovem Sr. Bingley, solteiro e enriquecido, que estava se mudando para Netherfield Park.

- “ – Qual é o nome dele?
 – Bingley.
 - É casado ou solteiro?
 - Ah! Solteiro, meu querido, com toda a certeza! Um rapaz solteiro de muitas posses; quatro ou cinco mil libras por ano. Que maravilha para as nossas meninas!
 - Como assim? Que tem isso a ver com elas?
 - Meu querido sr. Bennet – tornou a mulher –, como você é aborrecido! Já devia ter entendido que estou pensando em casá-lo com uma delas.
 - É essa a intenção da vinda dele para cá?
 - Intenção! Bobagem, como pode falar uma coisa dessas! Mas é muito provável que ele *possa* apaixonar-se por uma delas e **por isso você deve visitá-lo assim que ele chegar**.
 - Não vejo por quê. Você e as meinas podem ir, ou pode mandá-las sozinhas, o que talvez seja ainda melhor, pois, como você é tão bonita quanto qualquer uma delas, talvez o sr. Bingley eleja você como a melhor do grupo.
 (...)
 - Mas pense em suas filhas. Pense na boa situação que seria para uma delas. *Sir William e Lady Lucas* estão decididos a ir, simplesmente por esse motivo, pois em geral, você sabe, eles não visitam os recém-chegados. **Você tem que ir, pois será impossível que nós o visitemos se você não for.**”⁸⁶

Nos trechos destacados por mim, gostaria de elucidar o fato de que a esposa, a Sra. Bennet, reforça constantemente que por mais que tenha certas liberdades em seu lar garantidas e validadas por seu marido, a tradição da época se faz mais forte. A ida das jovens acompanhadas com a mãe sem uma visita prévia do pai levaria a uma quebra de decoro e as colocaria em uma má situação social, já que estariam ignorando uma convenção social.

As mulheres de alta classe deveriam se manter com boa aparência e castas, além de saberem controlar suas despesas e o dinheiro que lhes era dado⁸⁷, segundo Castan. Em sua maioria aprendem a ler, a escrever, a costurar e como fazer a gestão da casa que possivelmente assumiriam quando casassem, vivendo assim para o ambiente privado. Desta forma, “(...) nos meios abastados cabe-lhe escolher, além das criadas, seu laçao particular, (...) pressionar a criada desleal para obrigá-la a confessar e devolver a touca roubada(...)”⁸⁸, mas também cria-se um sentimento de proximidade entre o staff e a esposa, chegando próximo de uma cumplicidade, já

⁸⁶ Ibidem. P.10

⁸⁷ CASTAN, N. O público e o privado. In: CHARTIER, R. História da Vida Privada 3: da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia de Bolso. 2009.P.409.

⁸⁸ Ibidem.

que coabitavam no mesmo espaço.

Leopoldina, diferentemente das irmãs Bennet – que tinham boas posições sociais dentro do contexto em que a narrativa se insere –, era uma arquiduquesa e membro direto da família real austríaca. Isso dava a sua formação algumas características particulares. Para além de ter saber se portar como gestora de um lar e de uma família, a jovem deveria apresentar conhecimentos e postura necessárias para ocupar locais de destaque na vida pública. Como já disserta Nicole Castan, os monarcas da França, a iniciar por Luis XIV, vão perdendo a sua liberdade de vivenciar o público e o privado, tendo toda a sua vida exposta para a corte, sendo assistido o tempo todo. “O rei devorou o homem, despojado de sua vida privada até a morte e também na morte.”⁸⁹ Não havia espaço para o privado, para a contemplação do eu e de seus sentimentos, no máximo breves momentos privativos na companhia de uma quantidade menor de nobres. Neste sentido, a jovem Leopoldina recebeu uma educação ampla e individualizada focando em seus interesses e aptidões enquanto a Coroa assim permitia e promovia. Uma vez que o principal interesse era transformar as jovens arquiduquesas em ótimas esposas e companheiras para os seus futuros esposos, mas também em boas defensoras dos interesses do Império Austríaco para além dele.

Em muitas cartas direcionadas para Maria Luísa relatou seus avanços ou falhas em determinadas matérias ensinadas, inclusive este foi um dos principais tópicos de conversa delas nas cartas de 1810 a 1814. Demonstrando ter um apressado por História e uma leve dificuldade em aritmética, como diz na carta de 1814 que inicia este capítulo. Porém, o que captou minha atenção foi o fato de que a partir de seus 17 anos, em 1814, a jovem passou a ser inserida na vida social da Coroa Austríaca e os assuntos das cartas tomaram outros rumos, em especial, sobre a família. Das 42 cartas selecionadas pelos editores da coletânea *Cartas de uma Imperatriz* entre os anos de 1814 e 1816, 39, ou seja, 93% delas fazem menção a família e assuntos familiares. Isso indica uma mudança na postura de Leopoldina e sua forma de olhar o mundo a sua volta e o seu lugar nele.

Apesar da posição social de sua família, enquanto linhagem aristocrática e família real, implicar uma atenção marcada às posições hierárquicas e obrigações correspondentes de cada membro, verifica-se também o cultivo de laços de afeto

⁸⁹ Ibidem. P. 402.

entre eles. Algo, como já mencionado, muito recente na sociedade moderna e que vinha se espalhando pela Europa juntamente com o ideal vida burguês e com ele a mudança da ideia do que seria e como deveria ser constituída uma família. Na biografia escrita por Cassotti, ele descreve a família Habsburgo, a partir de diários de uma condessa dinamarquesa⁹⁰, com um estilo de vida “burguês” para membros da realeza – o que pode ser entendido como um modo de vida sem muitos luxos para si e para com a corte, sendo reservados quanto possível, e, claramente, ligados à religiosidade, sendo a maioria iniciado em alguma instituição como Leopoldina seria iniciada posteriormente na Ordem de Vera Cruz por sua sogra, uma instituição religiosa voltada para mulheres da corte portuguesa. Uma característica que se destacou enquanto me debruçava sobre as cartas dela foi que a família parecia apreciar a companhia uns dos outros, demonstrando, em alguns momentos, afeto a partir de brincadeiras e presentes.

Ao longo de sua trajetória, Leopoldina demonstrou afeição por três mulheres de sua família que moldaram e muito sua forma de pensar, agir, falar e se portar nos ambientes. São elas sua madrastra Maria Ludovica, sua irmã Maria Luísa e, por fim, sua avó Maria Carolina de Nápoles. Em 1814, a jovem relata como tem sido a vida com esta última que chegou à corte austríaca após a invasão de Napoleão à atual Itália e a expulsão dos monarcas da região da península itálica. Segundo ela, “Estamos muito felizes de ter a vovó conosco;vêmo-lá todos os dias nas refeições, ela mudou bastante e está bem curvada, mas a cor de sua face não é mais tão amarelada.(...) Já fizemos várias visitas a vovó e ganhamos vários presentes.”⁹¹ Essas visitas eram frequentes e terão impactos de curto e longo prazo na vida de Leopoldina.

A presença da avó ali trouxe uma outra configuração para a vida da jovem que, além de estudar, podia visitar e passar tempo com membros da sua família que até então não via com frequência. Parece muito provável que esta figura feminina e forte que foi Maria Carolina de Nápoles tenha buscado elucidar a neta sobre a importância dela para a família e sobre o objetivo, ou mantra, principal da Coroa: casar-se para expandir-se. Essas expansões de influência da família Habsburgo tinham como peças principais as jovens arquiducasas que geravam e criavam

⁹⁰ O biógrafo não cita quem foi esta condessa, onde se encontram os diários e como os consultou.

⁹¹ LEOPOLDINA, carta datada de 11 de abril de 1814. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade,2006. P.211.

como “produtos de 1ª classes”⁹², segundo Rezzutti, para negociá-las com outras coroas por territórios e benefícios comerciais que interessassem à Coroa. A morte da avó a abalou profundamente, como ela apresenta em cartas à irmã em 1814,

“Amada Luísa!

Já deve estar sabendo da grande infelicidade que nos aconteceu com a perda da melhor das avós, atingiu-me tanto que abalou minha saúde e hoje até tive que me retirar do réquiem porque estava muito abafado, o que foi muito doloroso para mim. Acompanhamos seu funeral, uma situação extremamente triste.”⁹³

E 15 dias depois informou a irmã sobre a situação de sua saúde,

“Amada Luísa!

Escrevo-te apenas algumas linhas para que vejas como sou aplicada e que se não escrevo mais é apenas por falta de tempo. Minha saúde está melhorando, mas demasiado lentamente, porque é o estômago e um pouco de reumatismo.”⁹⁴

Em diversas cartas Leopoldina manifestou apreciar a convivência com a sua família, mesmo que isso não fosse frequente devido aos constantes conflitos entre as coligações europeias e o exército francês. Em 1810, escreveu para a irmã que “depois das refeições papai brinca conosco de volante, o que não me agrada nem de longe tanto quanto “três homens levantem”, *muketzen* e uma outra brincadeira cujo nome esqueci, mas é minha predileta.”⁹⁵ demonstrando que o pai apreciava a companhia dos filhos e vice-versa. Em 1812 escreveu a Maria Luísa uma carta de 3 páginas contando em detalhes a festa de aniversário do pai, Francisco II, e sobre como havia sido o Carnaval da família, quando passaram bastante tempo juntos chegando a representar peças e tocar concertos em conjunto, de forma espontânea e prazerosa para todos.

“Ontem representamos e hoje representaremos novamente a comédia francesa L'école des marâtres de Berquin, a querida mamãe faz Madame Fleury, o Conde Harach, seu esposo, o Conde Althann, Dumon e eu faço Ágata um pouco mudada, a Maria Dericille, o Francisco Fabiana, o pequeno Odonel Próspero, a Carolina Casimir transformada em Carolina.”⁹⁶

Em 1814, é possível observar a mudança de postura da jovem após a morte da avó, uma vez que passou a comparecer nos eventos públicos como representante ativa da Coroa, buscando aparentar, mesmo que contrariada, uma postura mais adulta,

⁹² REZZUTTI, P. D. *Leopoldina. A história não contada: a mulher que arquitetou a Independência do Brasil*. Edição digital Kindle. São Paulo: Leya Editora, 2017.

⁹³ LEOPOLDINA, carta datada de 12 de setembro de 1814. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. *Cartas de uma Imperatriz*. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.214.

⁹⁴ LEOPOLDINA, carta datada de 28 de setembro de 1814. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. *Cartas de uma Imperatriz*. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.214.

⁹⁵ LEOPOLDINA, carta datada de 11 de outubro de 1810. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. *Cartas de uma Imperatriz*. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.187.

⁹⁶ LEOPOLDINA, carta datada de 3 de março de 1812. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. *Cartas de uma Imperatriz*. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.190.

madura e apta a cumprir o seu papel na Coroa Austriaca.

“(…) Nossa vida atual não me agrada em nada: das dez da manhã às sete da noite estamos continuamente em vestido de gala, de pé, passando o dia todo em cumprimentos e ociosidade. Todos os dias temos um jantar com 34 pratos, que começa às quatro e dura três horas, já que o czar da Rússia deixa-nos esperando durante duas horas; gosto muito do rei da Prússia, pois é um príncipe muito bonito e bem educado. A czarina da Rússia também tem todo o meu aplauso, é um tanto embaraçada, mas de resto tem bom coração. Hoje chegaram o rei, a rainha, o príncipe herdeiro e o Príncipe Carlos da Baviera, que me agradam muito.”⁹⁷

O relato da jovem faz referência à derrota de Napoleão, seu cunhado e esposo de sua irmã Maria Luísa de Habsburgo, e como isso modificou a vida em Viena, uma vez que toda a sua família estava focada em dialogar, entreter e negociar com os mais de 20 governantes que foram para a cidade e ficaram na corte para remodelar o território europeu. Entre as vidas modificadas se encontravam a dela e a da sua querida e amada Luísa. Sua irmã, a imperatriz francesa, se encontrou em uma situação na qual o exército do seu marido estava sendo empurrado para o seu país de origem derrotado pelo exército de seu pai e os seus aliados. Sendo assim, a figura de Luísa entre os governantes da Europa não era bem quista já que ela, sendo coerente com o acordo político firmado a partir de seu casamento, estaria do lado do marido.

Leopoldina, por sua vez e como já mencionado, irá sair do lugar de criança amparada e protegida – de alguma forma – pela família para um lugar ao “sol” junto aos adultos e irá adquirir obrigações com a monarquia, seguindo o lema da família e da coroa “Deus, pátria e imperador”. Desta forma, por mais que a instituição família modificasse ao longo da modernidade, apresentando mais direitos à individualidade e privacidade, a instituição monarquia permaneceu existindo acima de tudo e todos. Os membros desse “todos” têm o dever de abrir mão de suas vontades e desejos individuais para fazer o necessário para a manutenção e expansão da monarquia.

2.2– A busca por parecer e aparecer

A mudança de postura de Leopoldina com relação a seu papel na família, suas obrigações e sua visão de família está intimamente relacionada com o

⁹⁷ LEOPOLDINA, carta datada de 28 de setembro de 1814. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.214.

momento em que as irmãs se encontravam. Maria Luísa, se encontrava casada desde 1810 e com um filho pequeno, Napoleão II, que era o centro de suas atenções e dedicação. Maria Clementina, a irmã um ano mais nova que Leopoldina, já se encontrava no “mercado casamenteiro”, disponível para contribuir com os interesses do Império. Assim, a dinâmica da família estava mudando e juntamente com ela, Leopoldina mudava a forma como se via e como se apresentava.

Quando falamos sobre a automodelagem e construção subjetiva alguns fatores são particularmente importantes como a família e o ambiente em que se encontram inseridos. A família, com as primeiras crianças adentrando a idade adulta – Maria Luísa, casada e com filho; Ferdinando, apesar de suas questões de saúde, chegou a idade adulta; Maria Clementina e Leopoldina já tinham chegado a idade de 16 e 17 anos, respectivamente, e participavam de compromissos reais com mais frequência que os irmãos mais novos. Dessa forma, a família vai ganhando mais centralidade nos compromissos e na vida de Leopoldina.

A partir da troca de cartas constante com sua irmã Maria Luísa, neste período de tempo, é possível observar como ela era uma figura de destaque na vida e na construção subjetiva de Leopoldina, já que a caçula apresentou em inúmeras cartas pautar suas ações pelo que a irmã faria, pensava e dizia para ela. Um exemplo disso:

“Amada, querida Luísa!

Tua carta tão cordial do dia 9 me comoveu profundamente; tenho certeza de que senti toda a tua amizade e amor e terei a maior alegria em seguir todos os teus bons ensinamentos e acertados conselhos, pois te amo tão inefavelmente que toda a oportunidade de te provar meu amor e amizade me é cara e preciosa.”⁹⁸

Maria Luísa, como já mencionado no capítulo anterior, se encaixava no papel de modelo a ser seguido e agradado por Leopoldina. Neste sentido, ao vivenciar uma nova fase de sua vida, ninguém melhor para buscar “conselhos” e “compartilhar os anseios” do momento que a sua irmã mais velha, que já havia passado pela mesma fase de forma “perfeita”⁹⁹. Ela recorre a irmã em inúmeros momentos para se espelhar nas atitudes dela, mas também buscando a sua aprovação como no trecho acima.

⁹⁸ LEOPOLDINA, carta datada de 21 de outubro de 1816. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.253.

⁹⁹ Na automodelagem há sempre o idealizado, aquele que o idealiza e uma crença de que tudo que este faz ou se propõe a fazer é executado de uma forma perfeita, sem erros, comparado com o sujeito que busca ser igual ou próximo ao que imagina do idealizado.

Em suas cartas, a jovem apresenta extrema afeição e carinho à irmã, como na carta de 7 de março de 1816: “Boa irmã, meus pensamentos nunca te abandonarão e meu amor será tanto mais intenso quanto maior for a distância entre nós; eu seria uma criatura ingrata se não te amasse inefavelmente, pois és a minha melhor amiga, a mais terna das irmãs.”¹⁰⁰ Ao escrever esse trecho, a jovem reforça a importância da irmã em sua vida, ainda mais depois de passar momentos “preciosos” ao lado dela, podendo usufruir de sua companhia e não imaginá-la como já havia se habituado a fazer na amizade epistolar construída por elas, como na carta de setembro de 1814, “Mal posso esperar por tua chegada e divertir-te com as minhas histórias.”¹⁰¹

Porém, quando não é correspondida ou apenas sente não receber a mesma atenção e afeto que dispõe em alta intensidade, apresenta insatisfação e faz cobranças à irmã. Em 1812 escreve, “Tenho alguma razão para queixar-me de tua preguiça, já que te escrevi para Würzburg e não recebi resposta. Entrementes acredito que não nos terás esquecido após nossa separação.”¹⁰² As cobranças variam, vem de forma direta como na citação anterior, ou até mais intensas como a de março de 1816:

“Estou bem zangada contigo, é abominável que não me escrevas há tanto tempo e, se o fizeste, foi em poucas linhas; dói-me profundamente porque me faz supor que me esqueces e te amo tanto; acredita-me, a dor da separação de ti já é suficiente, não preciso ainda ser esquecida por ti, pois não suportaria.”¹⁰³

Ou vem de forma irônica, como na carta de julho de 1813, onde aponta: “Por favor, escreve-me logo, pois já faz mais de um mês que não recebo carta tua, **o que é muita preguiça, Sua Majestade.**”¹⁰⁴

Nos anos de 1814, 1815 e, principalmente, de 1816, é possível observar momentos em que as duas se encontram, como na maioria do tempo, muito próximas e a troca de cartas é frequente, mas há outros momentos em que a amizade epistolar das duas sofre com dificuldades e percausos que independem delas. Como

¹⁰⁰ LEOPOLDINA, carta datada de 7 de março de 1816. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.253.

¹⁰¹ LEOPOLDINA, carta datada de 28 de setembro de 1814. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.214.

¹⁰² LEOPOLDINA, carta datada de 22 de agosto de 1812. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.193.

¹⁰³ LEOPOLDINA, carta datada de 30 de março de 1816. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.221

¹⁰⁴ LEOPOLDINA, carta datada de 17 de julho de 1813. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.205

mencionado anteriormente, o ano de 1814, se inicia e termina de formas muito diferentes na vida da família Habsburgo, e por consequência, na vida de Leopoldina também. Ela relata sobre a presença constante da avó, a sua morte e como isso a abalou, mas há um evento específico que muda o destino das duas irmãs: O Congresso de Viena.

Desde o final do século XVIII, muitos reinos se uniram militar e politicamente para tentar dar fim à Revolução Francesa e seus desdobramentos no Velho Mundo. O Império Austríaco, em especial, se manteve focado nesta empreitada apesar de ter perdido um grande número de conflitos contra o exército francês da Revolução e posteriormente de Napoleão. Após a primeira derrota de Napoleão, houve uma grande reunião entre os principais representantes das monarquias europeias para definir o que seria feito a partir daquele momento. Rezzutti resumiu a reunião ao dizer que “Neste período novas fronteiras foram demarcadas, casas reinantes voltaram aos seus tronos e países e alguns dos reinos criados por Napoleão foram mantidos.”¹⁰⁵ De maio de 1814 a junho de 1815,

“Viena encheu-se de alegria e festas, mesmo ainda vivendo uma alta inflação, para receber os vencedores. Reis, príncipes, a Família Imperial Russa e diplomatas do mundo todo reuniram-se na capital do Império Austríaco. Como não havia reunião geral dos Estados envolvidos, mas conselhos pontuais, Metternich e Francisco I prepararam diversos bailes, nos quais surgia pela primeira vez uma nova dança austríaca: a valsa. Também houve mascaradas, piqueniques, desfiles, peças e óperas, enfim, tudo para entreter os convidados.”¹⁰⁶

Leopoldina, como já foi dito, deixou a companhia das crianças da família para interagir com os representantes de outras coroas em apoio a sua família e à Coroa. Porém, é possível que a tenham chamado para se reunir a eles em tais eventos porque era uma excelente oportunidade de negociação por parte de seu pai, o Imperador, com outras nações a partir de acordos matrimoniais. Logo, não haveria melhor ocasião para observar possíveis pretendentes para ela e suas irmãs. Mesmo contrariada e passando diversas situações tediosas, segundo os seus próprios relatos para Maria Luísa – “(...)das dez da manhã às sete da noite estamos continuamente em vestidos de gala, de pé, passando o dia em cumprimentos e ociosidade(...)”¹⁰⁷ – , ela cumpriu o seu dever da melhor forma que pode, ou seja, mirando em sua irmã e pedindo-lhe conselhos e notícias frequentemente.

¹⁰⁵ REZZUTTI, P. D. *Leopoldina. A história não contada: a mulher que arquitetou a Independência do Brasil*. Edição digital Kindle. São Paulo: Leya Editora, 2017. P. 46.

¹⁰⁶ *Ibidem*.

¹⁰⁷ LEOPOLDINA, carta datada de 28 de setembro de 1814. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. *Cartas de uma Imperatriz*. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.214.

Maria Luísa, por outro lado, era a esposa de Napoleão por fruto de um acordo entre o “usurpador” e o seu pai, o Imperador Austriaco. Segundo Rezzutti, “Maria Luísa havia amado Napoleão, dado-lhe um filho e ficado ao seu lado até a sua derrota, porém não o seguiu para o exílio, foi enviada com a criança para Viena.”¹⁰⁸ Logo, em um primeiro momento, ela pôde voltar para o seu reino de origem e deixar a França enquanto outros definiam o que seria da Europa, do seu futuro e o de seu filho com Bonaparte sem ter qualquer participação ativa na decisão, apenas aceitando o que o destino e as suas obrigações a impusessem.¹⁰⁹ Vendo a irmã sofrer por não poder ser capaz de controlar o seu destino e de seu herdeiro, Leopoldina escreveu “(...) Fico bastante desolada quando tu, querida irmã, tem frequentemente aquelas dores d’alma e podes ter certeza de que me solidarizo.(...)”¹¹⁰ Neste cenário, ela buscava receber notícias da irmã de formas indiretas como a partir da Condessa de Montesquieu, apontada por ela na carta de 28 de setembro de 1814 como fonte confiável sobre Luísa e como se encontrava grata a esta senhora por lhe dar notícias quando não chegava a ela por meios oficiais e diretos. Mesmo a irmã se encontrando no mesmo reino, as duas se encontravam em localidades diferentes, Maria Luísa estava instalada no Palácio de Schönbrunn, por ordens do chanceler Metternich, e Leopoldina, como o restante da família e convidados, se encontrava no Palácio de Viena.¹¹¹

Durante o período em que Maria Luísa e Leopoldina voltaram a residir no mesmo reino, as cartas cessaram, já que podiam desfrutar da companhia uma da outra. Possivelmente Leopoldina viu de perto como a postura de sua irmã, após o casamento e formar uma família, mudou juntamente com as prioridades de sua vida. O retorno da convivência das duas causou certo impacto na vida de Leopoldina, levando-a a observar que a dinâmica familiar havia mudado em demasiado. A sua irmã mais velha já havia se tornado mãe, esposa e imperatriz de outra nação; e sua irmã um ano mais nova já se encontrava frequentando juntamente com ela festas, óperas e teatros buscando um marido adequado para si. Em resumo, é possível ver a perda da inocência juvenil e o aflorar nela de um senso de dever para com a Coroa

¹⁰⁸ REZZUTTI, P. D. *Leopoldina. A história não contada: a mulher que arquitetou a Independência do Brasil*. Edição digital Kindle. São Paulo: Leya Editora, 2017. P. 43.

¹⁰⁹ *Ibidem*.

¹¹⁰ LEOPOLDINA, carta datada de 28 de setembro de 1814. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. *Cartas de uma Imperatriz*. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.214.

¹¹¹ CASSOTTI, M.A *biografia íntima de Leopoldina: a imperatriz que conseguiu a independência do Brasil*. Tradução: Sandra Martha Dolinsky. 1ª ed. São Paulo: Planeta, 2015. P. 60.

diante das obrigações que essa começava a impor de forma mais direta. Segundo Cassotti, “Apesar de fazer aquilo exclusivamente por dever e com pouco prazer pessoal, o trabalho de se relacionar com pessoas muito diferentes das que até esse momento havia frequentado contribuiu para que ela amadurecesse.”¹¹²

Após a fuga de Napoleão da Ilha de Elba¹¹³ e seu pedido ao Imperador Francisco I que enviasse sua esposa e filho de volta para a França, Maria Luísa, com medo do que poderia vir a acontecer com ela e seu filho caso retornassem a Paris¹¹⁴, foi enviada para Parma em 1815, onde residiu até a sua morte em 1847, tendo se tornado Duquesa de Parma – título negociado por Metternich durante as reuniões do Congresso de Viena¹¹⁵. Além disso, foi separada de seu filho, Napoleão II, que viria a residir de forma fixa na corte Austríaca.

A partida da irmã foi intensamente sentida Leopoldina, como se vê em sua correspondência do período:

“Amada, caríssima Luísa!

Como posso descrever a dor que senti quando voltei ontem para casa; quase mergulhei em um mar de lágrimas já no jantar, mas não quis aumentar a tua dor; só hoje, ao não te ver mais, solto as lágrimas e me entrego a todas as emoções de meu coração partido; fica certa de que compreendo que não suportarias o momento de separação, pois comigo seria o mesmo. Boa irmã, meus pensamentos nunca te abandonarão e meu amor será tão intenso quanto maior for a distância entre nós;(…) separada de ti não serei feliz(…)”¹¹⁶

Mesmo sofrendo com a partida da irmã para a Itália de forma definitiva, ela estaria envolvida com os próprios pensamentos com relação ao seu futuro na corte e na família, já que observava a vida das irmãs mais próximas sofrer as mudanças “naturais” e esperadas para as mulheres de sua idade. Mesmo com esse amadurecimento, Leopoldina não alcançou – como de costume – a semelhança com

¹¹² *Ibidem*. P.63.

¹¹³ Napoleão fugiu da ilha de Elba no final de fevereiro e início de março de 1815 enquanto ocorria o Congresso de Viena.

¹¹⁴ O medo de ter o mesmo destino que a tia avó Maria Antonieta não é exclusivo de Leopoldina, sendo compartilhado por diversos membros de sua família, como a própria irmã, Maria Luísa, que preferiu o exílio em outro lugar a voltar para o território francês.

¹¹⁵ CASSOTTI, M.A biografia íntima de Leopoldina: a imperatriz que conseguiu a independência do Brasil. Tradução: Sandra Martha Dolinsky. 1ª ed. São Paulo: Planeta, 2015. P.61.

¹¹⁶ LEOPOLDINA, carta datada de 7 de março de 1816. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.218.

a irmã como gostaria e que buscava aparentar, frustrando-se por não se parecer com o seu objeto idealizado, ignorando, em certo grau, os desdobramentos ruins que se deram na vida da irmã, apenas vislumbrando o que a irmã teve – um marido, um título importante, um reino e um filho. Leopoldina, já tinha 18 anos idade em que a maioria das princesas já estavam casadas¹¹⁷ ou minimamente com contratos de casamento por assinar. Sua irmã – a quem objetivava orgulhar e espelhar-se – na sua idade, já havia casado com o “corso” e se tornado imperatriz da França. Qual seria o seu destino afinal? Por mais que tivesse abandonado o berçário, as vestimentas e comportamento infantil para se tornar o membro ativo da Coroa, apto a seguir com as obrigações reais, há uma constante frustração por não vivenciar essa situação com a mesma “graça” e “perfeição” que observou em sua irmã ao longo do tempo.

Leopoldina no final de 1815, já se aproximava de seus 19 anos e, até aquele momento, não havia tido nenhuma proposta de casamento que tivesse conhecimento. Seu pai, entretanto, se aproveitou do Congresso de Viena, para observar os possíveis enlances matrimoniais para as suas filhas e filhos. Maria Luísa, mesmo tendo se casado com o inimigo nº 1 da Europa, fez um excelente enlace, do ponto de vista da Coroa austríaca, que obteve alguns benefícios políticos, tais como períodos de paz e manutenção de territórios significativos para o governo. Segundo essa lógica, Francisco I e o Chanceler Metternich começaram a procurar candidatos para desposar Leopoldina sem que a jovem tivesse alguma ciência¹¹⁸.

O primeiro candidato escolhido por seu pai e o chanceler foi o seu tio por parte de mãe, Leopoldo de Bourbon¹¹⁹, príncipe de Salermo. Apesar de não ter chances de chegar ao trono por ser um dos filhos mais novos da falecida Rainha Maria Carolina, era príncipe e o enlace manteria o território em família. Leopoldina e Leopoldo tinham apenas 7 anos de diferença, mas em algumas cartas a sua irmã e familiares ao longo dos anos 1810 é possível ver que ele não agradava muito a

¹¹⁷ CASSOTTI, M.A biografia íntima de Leopoldina: a imperatriz que conseguiu a independência do Brasil. Tradução: Sandra Martha Dolinsky. 1ª ed. São Paulo: Planeta, 2015. P.62.

¹¹⁸ CASSOTTI, M.A biografia íntima de Leopoldina: a imperatriz que conseguiu a independência do Brasil. Tradução: Sandra Martha Dolinsky. 1ª ed. São Paulo: Planeta, 2015. P.63

¹¹⁹ Leopoldo de Bourbon nasceu em 2 de julho de 1790 em Nápoles. Ele era um dos irmãos de Maria Teresa e um dos filhos mais novos da “querida” avó Maria Carolina de Nápoles e Sicília.

jovem, já que era descrito como constantemente acima do peso¹²⁰. Leopoldina o descreve assim na carta de abril de 1814 “Não reconherias mais o tio Leopoldo, está tão alto quanto o tio Luís e tão gordo quanto o Conde Atlhann”¹²¹. Além disso, “falava muito alto, mexendo agitadamente as mãos, e tinha uns modos que ela considerava vulgares e grosseiros. Certamente não se tratava de um bom partido”¹²², como o descreve Marsílio Cassotti.

O tio, por sua vez, não se afeiçoou à ideia de desposar Leopoldina, rejeitando-a em favor de sua irmã mais nova, Maria Clementina. Leopoldina narrou para a irmã Maria Luísa, na carta de 22 de março de 1816, como reagiu a tal rejeição por parte do tio: “Que dizes sobre o casamento da Maria com o tio Leopoldo? Sabes o que penso; desejo-lhe de coração felicidade e **estou contente que ele não me quis.**”¹²³E, em 30 de março, compartilhou com a irmã: “A Maria me contou há alguns dias sobre seu casamento; tenho certeza de que com a sua bondade e o bom caráter do tio viverão felizes; **invejo-a apenas pela felicidade de estar perto de ti.**”¹²⁴ Dando a entender em um primeiro momento que não havia um desejo explícito de se casar, mas sim apenas de estar próxima fisicamente de sua irmã e fonte de inspiração. Mas, é possível observar que há uma pontada de inveja em poder ver mais uma irmã seguindo o rumo “natural” e ela permanecia estagnada.

Curioso, no mínimo, é que ao comentar com o pai sobre o casamento da irmã, apresenta-se de uma forma completamente diferente.

“Amado papai!

Fiquei sabendo com imensa alegria pela irmã Maria (que ocultou o segredo até agora), que ela vai se casar com o tio Leopoldo; estou muito contente, principalmente porque tenho certeza de que será muito feliz; o tio tem excelente caráter, que demonstrou especialmente pelo respeito e amor filial com a boa vovó em todos os momentos; só me deixa triste o fato de que ficarei longe de minha querida irmã.”¹²⁵

¹²⁰ CASSOTTI, M.A biografia íntima de Leopoldina: a imperatriz que conseguiu a independência do Brasil. Tradução: Sandra Martha Dolinsky. 1ª ed. São Paulo: Planeta, 2015. P.63

¹²¹ LEOPOLDINA, carta datada de 11 de abril de 1814. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.211

¹²² CASSOTTI, M.A biografia íntima de Leopoldina: a imperatriz que conseguiu a independência do Brasil. Tradução: Sandra Martha Dolinsky. 1ª ed. São Paulo: Planeta, 2015. P.63

¹²³ LEOPOLDINA, carta datada de 22 de março de 1816. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.219

¹²⁴ LEOPOLDINA, carta datada de 30 de março de 1816. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.221.

¹²⁵ LEOPOLDINA, carta datada de 24 de março de 1816. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia

A forma como se posicionou para o pai nos faz quase crer que ela e a irmã mais nova, Maria Clementina, possuíam uma ótima e próxima relação. Porém, tanto Rezzutti como Cassotti¹²⁶ apontam que a relação das duas irmãs, devido a idade próxima, era conflituosa e competitiva. Rezzutti reforça que, mesmo não suportando o tio, a sua rejeição resultou em uma mágoa ao ego de Leopoldina, que passou a tratar a irmã mais nova de forma mais dura a ponto de Maria Luísa a repreender em algumas cartas¹²⁷. Leopoldina, por sua vez, escreveu a irmã prometendo não tecer mais comentários negativos sobre o cunhado na carta de 2 de abril de 1816: “Prometo-te nunca mais dizer a Maria nada mais irônico sobre o tio;”¹²⁸.

Em meio aos tramites do casamento de Maria Clementina e Leopoldo de Bourbon, o imperador e a imperatriz da Áustria viajaram para o norte da atual Itália, onde Maria Ludovica, que já possuía uma saúde precária, adoeceu gravemente. Esta notícia abalou profundamente a jovem Leopoldina, que temia perder a sua “mamãe” pela segunda vez. Ao receber a notícia sobre a doença de sua madrastra, afirmou a Maria Luísa,

“Ah! Deus, como estou profundamente desolada pela doença da querida mamãe; devo confessar meu terror de que não desfrute muito mais tempo de vida; que infortúnio seria para nós, não posso nem pensar, pois a dor e o medo já me deixam doente. Deus! Perderíamos a melhor, a mais terna das mães, pois ela o provou com bondade angelical em todas as ocasiões e perdôo-lhe de coração mesmo suas repreensões, embora tenham me doído, porque certamente foram para o meu bem. Como te invejo por ter a felicidade de estar com ela e dela cuidar. **Tens razão, logo estarei totalmente abandonada e esse pensamento me desola**; o bom Deus é justo e me proverá, porque não posso voar até ti e contigo ficar, eu te daria as maiores provas de meu amor fraternal, **pois estou cada vez mais melancólica desde que partiste;**”¹²⁹

Em abril de 1816, a jovem se encontrava em Viena sem os pais, sem a irmã mais velha – que já havia partido para Itália há quase um mês, e depois dos tramites do casamento de Maria Clementina, ficaria sem mais uma irmã para lhe fazer companhia. Além do sofrimento pelo medo de perder a “querida mamãe” para sempre devido a sua “frágil saúde,” é possível ver nesta mesma carta citada acima que ela apresentou um quadro de “melancolia” quando caí em si que estaria cada vez mais

Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.220.

¹²⁶ CASSOTTI, M.A biografia íntima de Leopoldina: a imperatriz que conseguiu a independência do Brasil. Tradução: Sandra Martha Dolinsky. 1ª ed. São Paulo: Planeta, 2015. P.63

¹²⁷ REZZUTTI, P. D. *Leopoldina. A história não contada: a mulher que arquitetou a Independência do Brasil*. Edição digital Kindle. São Paulo: Leya Editora, 2017. P.56-58.

¹²⁸ LEOPOLDINA, carta datada de 2 de abril de 1816. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.222.

¹²⁹ *Ibidem*.

sozinha na corte vienense na medida em que a realidade de suas irmãs e irmãos fossem se desdobrando em acordos matrimoniais benéficos para o Império Austríaco e, até aquele momento, não parecia estar incomodada com a ausência de acordos ou minimamente propostas informais de casamento para ela. Afinal, a partir do momento em que soube da notícia da situação da madrasta todos os seus pensamentos se encontravam no medo de perder a “querida mamãe” de forma permanente, e isso acabou afetando a sua saúde, “Minha querida, minha saúde está totalmente decomposta pelas notícias inquietantes que recebi a respeito da querida mamãe. A dor que sinto é indescritível.”¹³⁰

A melancolia, muito presente na vida de Leopoldina, também se apresentava em dores físicas em seu corpo, como as dores de estômago, o reumatismo, entre outros. Por mais que ela crescesse em um momento histórico onde há uma busca por expor e compreender os sentimentos por meio da literatura, como os romances, Leopoldina seguia como parte da realeza local, não podendo expressar abertamente os seus pensamentos e sentimentos os acumulando e os apresentando em forma de dores físicas. Ambas as biografias consultadas nesta dissertação entram em acordo quando se trata do “temperamento forte” e da “grande” intensidade com que Leopoldina experimentava os seus sentimentos, bons e ruins. Nada existia em meio termo na vida de Leopoldina, tudo era amor ou puro desdém. Além disso, o desejo constante de ser tão “perfeita” quanto as suas queridas mães e sua irmã, tornava as frustrações intensas por constantemente “fracassar” em seu objetivo máximo de se parecer e orgulhar a sua irmã e, por consequência, a sua família. Quando falhava se punia também com grande intensidade, se reservando de forma melodramática e apresentando doenças físicas intimamente ligadas às razões emocionais.

A morte de Maria Ludovica em 1816 trará para Leopoldina o retorno de dois grandes fantasmas de sua trajetória, o medo da perda e a vivência do luto. A melancolia desencadeada pela perda da “Melhor e mais terna das mães” será tema de muitas cartas que se seguiram depois de sua morte. Entre as afirmações de Freud com relação ao luto, foi a questão da melancolia e da construção do ser melancólico que me chamou atenção. Na melancolia, o super eu – a instância crítica do eu –

¹³⁰ LEOPOLDINA, carta datada de 3 de abril de 1816. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.222.

esmaga o eu, transformando-o em incapaz e fazendo sumir qualquer desejo de viver e desejar, isto é, há um processo de empobrecimento do desejo. Em um artigo no qual reflete sobre Luto e Melancolia, Urania Tourinho pontua:

“O luto e a melancolia coincidem no fator desencadeante, ou seja, uma perda; apresentam um quadro sintomático semelhante. Uma diferença torna-se, porém, evidente: no luto, o enlutado sabe o que perdeu, ele sofre uma perda real; na melancolia, o melancólico apresenta um sofrimento intenso de perda, uma perda que pode também ser real ou ideal, mas sem saber de fato o que perdeu na perda sofrida. Ele sabe quem perdeu, sem saber o que perdeu. A partir dessa distinção, no luto, o mundo se torna vazio, empobrecido, sem atrativos; na melancolia, é o próprio eu (ego) que é atingido, ferido, dilacerado.

No luto, nada da perda é subtraído da consciência, pois o enlutado sabe o que perdeu, ao contrário do que ocorre na melancolia, na qual não há saber sobre a causa do sofrimento. Uma ferida sangra, “um buraco na esfera psíquica”, diz Freud, uma alma abatida. O melancólico sofre a angústia de um esvaziamento no eu (ego), um enfraquecimento do “sentimento de si”, e elabora sobre ele próprio um diagnóstico construído na menos-valia, na incapacidade para viver. Torturado sobre o não saber de tanto sofrimento, incrementa o autopadecimento e se interroga: “Por que sofro tanto?”¹³¹

Leopoldina personifica o ser melancólico descrito por ela, uma vez que se encontra sofrendo para além do luto da mãe, sofrendo por um passado que não pode mais ser revisto e retomado. Some momentaneamente a vontade de desejar vivenciar algo, ela se retira para a sua tristeza e sofrimento.

“Minha querida, não posso te descrever a dor que senti pela morte da querida mamãe, que só pode se igualar à tua, testemunha de seu grande sofrimento. Sei bem a perda que sofri, porque perdi a mais terna e compassiva das mães; seria muito ingrata se não estivesse convicta de que devo a ela o que sou; esse pensamento aumenta minha dor tanto mais porque nunca tive oportunidade de lhe demonstrar minha gratidão.”¹³²

Uma das marcas da melancolia defendida por Freud, e que Tourinho reforça em seu artigo, é a questão da autocrítica. Ela constantemente buscava se parecer com a irmã e agradá-la, mesmo que isso significasse ser dura consigo mesma para atingir esses objetivos.

“(…) Para mim acrescento o pedido de que mantenhas teu amor e amizade por mim, que são a única coisa que pode substituir essa perda tão dolorosa; sê também minha mãe, diz-me abertamente o que te degrada em mim, como a boa mamãe fazia, e meu maior prazer será satisfazer-te em todos os aspectos; sim, querida irmã, estreitemos mais nossa amizade.”¹³³

A valorização se torna mais explícita após a morte da mãe quando escreve, “(…) como sou feliz porque aceitas meu pedido de amizade, fica convicta de que a

¹³¹ PERES, U.T. *Uma ferida a sangrar-lhe a alma*. In: Freud, Sigmund. “Luto e melancolia” in Freud, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

¹³² LEOPOLDINA, carta datada de 12 de abril de 1816. IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. *Cartas de uma Imperatriz*. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.224.

¹³³ *Ibidem*. P.225.

verdade pronunciada por alguém tão importante pra mim só pode ser extremamente e preciosa.”¹³⁴ Mesmo em um momento de extrema sensibilidade que é o luto, a jovem segue com a sua autocrítica e pede para que o seu modelo de automodelagem a ajude mais em seu objetivo que é torna-se o mais parecida possível com a irmã, satisfazendo-a e recebendo a sua atenção.

2.3 – A Falsa escolha de Leopoldina

Após o período de luto oficial pela morte da Imperatriz Maria Ludovica e o retorno de Francisco I para Viena, os trâmites para a realização do casamento de Maria Clementina e Leopoldo de Bourbon retornaram à pauta principal de interesse da Coroa, assim como a busca por uma nova esposa para o Imperador. Obviamente, também o futuro de Leopoldina não ficou de lado por de Metternich e Francisco I, que buscavam parceiros aceitáveis para a princesa, com os quais pudessem fechar bons acordos diplomáticos para a Coroa.

Em 22 de junho, ela confia a sua irmã Maria Luísa a breve conversa que teve com o pai: “Então ontem o querido papai me confortou com a promessa de me nomear a mineralogista da corte, caso eu fique em casa; parece-me que há pouca perspectiva de decisão, e garanto-te que já me resignei totalmente à vontade divina.”¹³⁵ Neste pequeno trecho é possível ver que ela, em meio aos preparativos do casamento da irmã e dos movimentos do seu pai na direção de um futuro noivado, transmite à irmã de forma indireta o medo de terminar sozinha e solteira em Viena, ideia que já a vinha aterrorizando e que já havia relatado à irmã antes: “Logo estarei totalmente abandonada e esse pensamento me desola.”¹³⁶ A falta de perspectiva e a ausência de comentários de seu pai com relação a tal assunto à faz apegar-se a “ótima” notícia de virar mineralogista, mas ao mesmo tempo apresenta nervosismo, ao buscar ajuda divina para conseguir se equiparar as irmãs – que não tiveram grandes problemas em arranjar maridos e bons acordos para a Coroa.

¹³⁴ LEOPOLDINA, carta datada de 26 de abril de 1816. IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.226

¹³⁵ LEOPOLDINA, carta datada de 22 de junho de 1816. IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.231.

¹³⁶ LEOPOLDINA, carta datada de 2 de abril de 1816. IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.221.

Mas não havia possibilidade de a jovem permanecer solteira e em corte, uma vez que as jovens arquiduchessas eram objetos primários da diplomacia do reino, e Metternich faria questão de usar todos que estavam em sua disposição para melhor garantir os interesses do Império. Nesse sentido, Rezzutti afirma:

“Francisco não falava sério quanto à proposta de nomear a filha mineralogista da corte. Era uma piada: o casamento dela já estava sendo tratado, mas ela ainda não tinha sido informada. Leopoldina só sabia aquilo que lhe era permitido saber, e aos poucos ia tendo algumas revelações, esporádicas, sobre o seu futuro.”¹³⁷

Corroborando as palavras de Rezzutti há uma carta de Leopoldina para a irmã no dia 9 de julho, na qual o assunto matrimônio volta à cena, mas de outra perspectiva

“Acho que as perspectivas quanto à minha definição são favoráveis, porque o querido papai há pouco disse: não acredito que Leopoldina ainda esteja aqui no próximo inverno, mas pelo amor de Deus não reveles que te confiei isso, pois o querido papai não quer que ninguém saiba.”¹³⁸

A negociação matrimonial se encontrava entre dois reinos: Portugal e a Saxônia. Os primogênitos das duas nações estavam cotados para desposar Leopoldina, contanto que oferecessem acordos matrimoniais e políticos vantajosos. Segundo Cassotti, foi por meio da Condessa de Kuenburg, membro da nobreza e dama de companhia de Leopoldina, que a jovem soube da proposta portuguesa¹³⁹. As famílias das coroas portuguesa e austríaca possuíam laços de parentesco, como já era de se esperar. Francisco I, pai de Leopoldina, assim como a falecida mãe de Leopoldina, Maria Teresa, eram primos da rainha Carlota Joaquina de Portugal, uma vez que todos eram netos de Maria Teresa, a grande. Logo, Leopoldina e Pedro eram primos.

Os saxões estavam, como Rezzutti nos apresenta, muito interessados em fazer acordos com o Império Austríaco chegando a enviar um embaixador para Viena para negociar a mão de Leopoldina para o seu príncipe. Em carta para a sua irmã escreve em inglês – tendo consciência de que suas cartas eram privativas, não privadas, já que tinha consciência de que suas cartas não seriam lidas somente por

¹³⁷ REZZUTTI, P. D. *Leopoldina. A história não contada: a mulher que arquitetou a Independência do Brasil*. Edição digital Kindle. São Paulo: Leya Editora, 2017. P.57

¹³⁸ LEOPOLDINA, carta datada de 9 de julho de 1816. IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. *Cartas de uma Imperatriz*. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.234.

¹³⁹ CASSOTTI, M.A *biografia íntima de Leopoldina: a imperatriz que conseguiu a independência do Brasil*. Tradução: Sandra Martha Dolinsky. 1ª ed. São Paulo: Planeta, 2015. P.65.

Maria Luísa, mas sim por muitas outras pessoas até chegar nela – para evitar o vazamento informações essenciais da Coroa:

“My father said that he will marry in Oct. I apprehend it a great deal, but I do not know who is the bride. The minister of Saxony has been sent to make propositions on my account and there is no other kindeance then, want of money, which my father said do nothing, I beg you to keep it secret.”¹⁴⁰

Ainda em meio as negociações do casamento de Leopoldina, sua irmã Maria Clementina casou-se com Leopoldo, o seu tio e marido. Em carta, Leopoldina narra alguns momentos do casamento e tece alguns comentários para Maria Luísa que demonstram a tentativa de exibir uma imagem mais cortês e madura, já que ali estava representando um papel oficial para os representantes de cortes estrangeiras e de seu possível futuro marido.

“Todos nós nos pusemos os mais bonitos possíveis, apressamo-nos às sete horas para a capela que estava magnífica, e ali foi celebrado o casamento, seguido de um Tedeum de Egebland de meia hora; depois houve uma recepção na corte onde todos os embaixadores enviados me foram apresentados; isso durou uma meia hora e a Condessa Lazansky e o querido papai ficaram muito satisfeitos comigo, achando que fui extremamente amável, mas quis sê-lo para que saibas, minha boa velha irmã, como sigo fielmente teus conselhos(...)”¹⁴¹

Em meio a descrição de sua boa atitude, ela reforça o papel essencial de sua irmã como conselheira e figura idolatrada modelo de sua automodelagem. Já que não bastaria parecer-se com Maria Luísa, ela demonstra com essas palavras que almejava do reconhecimento e aprovação dela para sentir-se bem-sucedida em seu esforço, reforçando que por mais que os momentos se modifiquem, ela se modifique, a sua irmã seguiria sendo o modelo mais consistente a ser seguido e imitado.

Entre os embaixadores enviados e que compareceram no casamento de Maria Clementina, temos Rodrigo Navarro de Andrade, representante dos negócios da Coroa portuguesa em Viena. Segundo Rezzutti, Francisco e Metternich, após a morte e o período de luto da imperatriz Maria Ludovica, tiveram bastante tempo para decidir que fechar acordo com os portugueses seria o melhor para Coroa aus-

¹⁴⁰ Tradução: “Meu pai disse que se casará em Outubro. Compreendo que será um grande acordo, mas eu não sei quem é a noiva. O ministro da Saxônia foi enviado para fazer propostas em meu nome, mas não houve nenhum acordo, necessidade de dinheiro, e meu pai disse para não fazer nada. Eu te imploro para que mantenha isso em segredo.” IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.237

¹⁴¹ LEOPOLDINA, carta datada de 30 de julho de 1816. IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.238.

tríaca naquele momento. Dependiam, porém, de uma proposta formal, que se demorou muito para ser feita, uma vez que as respostas da Corte Portuguesa, estabelecida no Brasil desde 1808, demoravam meses para chegar. Diz Rezutti:

“A Áustria vivia, desde José II, num déficit crônico. A guerra contra Napoleão em nada ajudou. Pelo contrário, os gastos militares, primeiro contra a França e depois como aliada desta, só pioraram a situação. A inflação austríaca ficou incontrolável, e a carestia tomou conta das ruas de Viena. Em 1811, o governo austríaco viu-se obrigado a decretar a falência do Estado, que não conseguia mais pagar os juros da dívida pública, e a desvalorizar a moeda. Somente em 1817 as finanças do império seriam saneadas.

(...) A união entre os Habsburgo e os Bragança abria não apenas à Áustria, mas para os demais Estados Germânicos, os portos do Brasil, até então controlados exclusivamente pelo comércio com a Inglaterra. Comercialmente, ter uma Habsburgo como rainha desse novo reino americano era muito interessante, afinal, isso poderia vir a ajudar na retomada do crescimento econômico austríaco.”¹⁴²

Assim, para sanar os problemas financeiros da Áustria, o destino de mais uma arquiduquesa austríaca havia sido traçado sem que ela soubesse ou tivesse, de fato, uma escolha sobre tal assunto – o que era muito comum, afinal, isso foi feito com muitas antes dela, entre elas a sua irmã, Maria Luísa, e a sua tia avó, Maria Antonieta, ambas cedidas para a França visando manter uma aliança política e econômica interessante para o reino.

Em agosto de 1816, ainda alheia ao que lhe esperava, ao narrar para irmã mais detalhes do casamento de Maria Clementina apresenta certo desespero,

“A noiva, agora a senhoria tia, estava, na minha opinião e na de todos os elegantes, horrivelmente vestida, já que usava na cabeça um amontoado de diamantes junto com um aplique de rabo de cavalo, segundo expressão do querido papai; além disso trajava um vestido ricamente bordado que era medíocre e horrível para sua pequena constituição física, com os grandes lírios brancos, mas que levou o tio – um Bourbon – ao êxtase; só senti pena da pobre irmã que teve que vestir aquilo apesar de não gostar. Não deveria elogiar a mim mesma, mas me garantiram que estava muito bonita e agradei bastante; graças a Deus, pois preciso muito mais disso do que a Maria. Graças a Deus espero não me tornar mais a mineralogista da corte e que o destino de todas as mulheres seja também o meu e que também encontre um esposo; oxalá seja um mais sensato do que!!!! (o tio)”¹⁴³

A questão do matrimônio vinha ganhando grandes proporções na vida de Leopoldina no ano de 1816. Ela iniciou o ano vendo sua irmã mais velha mais uma vez indo embora, foi rejeitada por seu tio, que além de rejeitá-la, escolheu a sua

¹⁴² REZZUTTI, P. D. *Leopoldina. A história não contada: a mulher que arquitetou a Independência do Brasil*. Edição digital Kindle. São Paulo: Leya Editora, 2017. P.58

¹⁴³ LEOPOLDINA, carta datada de 2 de agosto de 1816. IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. *Cartas de uma Imperatriz*. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.239.

irmã um ano mais nova com quem, segundo os biógrafos, tinha atritos constantemente. Houve também a perda de sua querida “mamãe”, que mexeu com os seus “nervos”. Somado a esses eventos, seu pai a “acalmou” com uma conversa na qual afirmou que se, caso não viesse a casar, ela poderia se tornar mineralogista da corte, plano este que nunca viria a se concretizar. A jovem, por sua vez, via-se crescentemente mais solitária e abandonada. Logo, o matrimônio parecia ser a salvação do destino que vinha se desenhando para ela.

Ainda sobre o assunto matrimônio, ela pareceu ficar extremamente intrigada com o desenrolar do casamento de sua irmã e seu tio, com a relação dos dois e o possível estranhamento que ocorreu entre os recém-casados após o enlace, uma vez que os dois foram pautas de cartas por alguns meses. Ela pontua em 6 de agosto, “O casal vai muito bem e me parece satisfeito, eu só desejaria mais confiança mútua e expansividade, pois a Maria está sempre calada.”¹⁴⁴ Ainda em agosto alerta a irmã,

“Entre a nova tia e tio reina ainda uma certa formalidade que não me agrada; além disso houve uma cena de ciúmes que já me contaram, pois não quero ver nada. (...) Aconselho-te, minha boa irmã, a escrever cartas à Maria, já que (como ela me disse), o tio lê tudo o que ela recebe e escreve (e também corrige); me contou que até acha isso gentil, porém desagradável; vemos bastante o casal, e como gosto muito de Maria, até saio um pouco com ela, embora a companhia italiana não me seja agradável; o tio não ousa mais me fazer de boba(...)”¹⁴⁵

Já em setembro, apresenta uma fala completamente distinta em uma carta para a tia Maria Amélia, a Duquesa de Orleans

“Minha irmã Maria está feliz sob todos os aspectos, o coração não procurando outra coisa senão a felicidade daqueles que a cercam, e é uma felicidade muito grande agora, querida tia, de pertencer a si pelos laços do amor fraterno, quando já se teve direitos mais antigos ao seu coração.”¹⁴⁶

Vê-se que há uma preocupação e uma curiosidade constante sobre o casamento da irmã. Ao tecer comentários como os acima há uma preocupação com o seu próprio casamento. A felicidade e a sensação de estar “completa”, que viu em

¹⁴⁴ LEOPOLDINA, carta datada de 6 de agosto de 1816. IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.241.

¹⁴⁵ LEOPOLDINA, carta datada de 16 de agosto de 1816. IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.242.

¹⁴⁶ LEOPOLDINA, carta datada de 18 de setembro de 1816. IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.245.

suas irmãs é o seu maior desejo. Não apenas por ter um companheiro, e sim a se equiparar às irmãs, finalmente sendo validada e pertencente ao grupo.

Os debates e detalhes sobre os possíveis enlaces matrimoniais de Leopoldina começavam a chegar para a jovem. Ainda em agosto ela escreve para a irmã,

“Tenho um segredo gigantesco em meu coração, que me oprime terrivelmente, porque não posso contá-lo à minha boa e velha irmã, que amo tanto e ficaria certamente muito feliz, mas o querido papai ordena silêncio absoluto e eu obedeço, mas quando puder falar, deverás ser a primeira a saber, pois só tu sabes meus pensamentos e vês o interior de meu coração.”¹⁴⁷

Deixando a entender que o pai já havia esclarecido a ela a situação em que os seus pretendentes se encontravam. Em 24 de setembro, ela conta os detalhes sobre os seus possíveis enlaces, justificando-se para a irmã,

“Minha excentricidade é muito natural, mas logo te contarei tudo detalhadamente; permito-me fazê-lo já que não é mais um segredo para ti; (...) O querido papai, me disse no dia do casamento de Maria que ele me deixaria escolher entre aquele sobre quem já te escrevi anteriormente e o atual, mas que eu teria que me decidir em dois dias; pelo primeiro teria que esperar dois anos e ele escolheria entre todas as princesas alemãs; além disso sabia-se que eu não lhe havia agradado; em resumo, o querido papai então me falou de tal forma que percebi logo que ele preferia o último e então fiz o que ele desejava, na firme convicção de que quando cumprimos a vontade de nossos pais seremos felizes em qualquer situação, pois sabes por experiência própria que uma princesa nunca pode agir como quer;”¹⁴⁸

Esse trecho é deveras significativo em diversos aspectos. O primeiro deles se encontra no início do trecho, onde Leopoldina afirma que o pai lhe deu a escolha com relação a seu futuro matrimonial. Na realidade há uma falsa escolha ali presente juntamente como foi muito bem entendido por ela. Rezzutti, afirma em seu livro, que o pai jogou com a filha, lhe dando essa “escolha” que na realidade não existia¹⁴⁹. Afinal, “A resolução a respeito da preferência dos austríacos pelos portugueses já era clara desde junho, como se compreende pela carta que Metternich escreveu ao imperador no dia 29 daquele mês tratando sobre o caso.”¹⁵⁰

¹⁴⁷ LEOPOLDINA, carta datada de 27 de agosto de 1816. IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. *Cartas de uma Imperatriz*. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.244.

¹⁴⁸ LEOPOLDINA, carta datada de 24 de setembro de 1816. IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. *Cartas de uma Imperatriz*. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.247.

¹⁴⁹ REZZUTTI, P. D. *Leopoldina. A história não contada: a mulher que arquitetou a Independência do Brasil*. Edição digital Kindle. São Paulo: Leya Editora, 2017. P.58

¹⁵⁰ REZZUTTI, P. D. *Leopoldina. A história não contada: a mulher que arquitetou a Independência do Brasil*. Edição digital Kindle. São Paulo: Leya Editora, 2017. P.21.

O segundo aspecto é que, quando o pai a conta que caso desejasse casar-se com o príncipe da Saxônia teria que esperar dois anos, e que isso só aconteceria caso ele a escolhesse também, ele joga com as questões que preocupavam a filha: a idade e o medo da rejeição. Na sua idade, sua irmã Maria Luísa já se encontrava casada com o imperador francês. Além disso, ela havia sido rejeitada no ano anterior por seu tio, que mesmo que não tenha sido o melhor candidato a partir de seu ponto de vista, mexeu com o ego dela. Assim, o pai provoca diretamente o modo como a jovem se via e como aquela “escolha” poderia afastá-la de seus medos, levando-a em direção à imagem constantemente desejada em seu processo de auto-modelagem. Contar sobre o seu futuro no dia do casamento da irmã pareceu ser uma excelente jogada, como apresentou Rezzutti, uma vez que a jovem se encontraria inclinada para tomar a decisão desejada pelo pai.

O terceiro aspecto é referente a clareza da jovem com relação à vontade do pai para o seu enlace. Ao afirmar que: “em resumo, o querido papai então me falou de tal forma que percebi logo que ele preferia o último e então fiz o que ele desejava”¹⁵¹, demonstrou que, contrariamente à forma que foi retratada, a jovem não era tão inocente e tinha total consciência de seu papel para com a Coroa e com a família. Isso só foi possível graças a sua educação, na qual os valores religiosos e morais eram essenciais, firmando o lema da família Habsburgo de “Deus, Pátria, Imperador”. Desta forma, “as mulheres Habsburgo encarnaram em sua vida cotidiana as ideias cristãs e diversos aspectos religiosos”¹⁵², sendo muito conhecidas por sua devoção e fé na vontade Divina.

Não foi difícil para Leopoldina se dobrar à vontade do pai, como ela mesma coloca, já que – reforçando os valores cristãos de respeito aos pais – quem segue o desejo dos pais seria feliz em qualquer situação confiando na providência divina. Ou seja, ela negligenciou os seus desejos individuais para cumprir o seu dever com a família e a coroa de forma consciente, já que também afirma que as princesas não

¹⁵¹ LEOPOLDINA, carta datada de 24 de setembro de 1816. IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. *Cartas de uma Imperatriz*. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.247.

¹⁵² REZZUTTI, P. D. *Leopoldina. A história não contada: a mulher que arquitetou a Independência do Brasil*. Edição digital Kindle. São Paulo: Leya Editora, 2017. P.21.

tem o hábito de fazer o que bem desejam e sim devem aceitar o que é destinado a elas de bom grado, como relata em uma carta a sua tia Maria Amélia.¹⁵³

Além disso, dentro na nobreza havia uma crença enraizada de que não há indivíduos com vontades, mas sim membros que colaboram para a manutenção do status do coletivo, ou seja, para a manutenção do poder e influência da família nobre. Para isso era necessária uma dinâmica de socialização diferente do restante da população, uma vez que não poderiam se isolar, separando a vida pública da privada, como os burgueses. Sendo assim, todos os bailes, jantares e eventos frequentados eram em prol de conseguir melhores acordos e benefícios para a família, ignorando, em maioria, as vontades individuais. Como apresentou Georg Simmel¹⁵⁴,

“For the relation of the family – and furthermore, of the noble group generally – to the individual, the significance of the “family tree” is profoundly symbolic: the substance that makes up the individual must have passed through the trunk of the whole, just as the substance of fruit and branch in a tree is the same as that composing the trunk.”¹⁵⁵

Mesmo que este não seja o caso específico de Leopoldina, já que é membro de uma família não somente nobre, mas de uma casa dinástica que governa a Áustria por mais de 400 anos, muito se encaixa em sua postura de buscar realizar os desejos de seus pais e de ser fiel a sua pátria, fazendo por eles o melhor e anulando-se constantemente. Afinal, a sua função como nobre e como realeza se desdobrava em não ter voz com relação às decisões de sua vida, em ter uma vida inteiramente pública sob os olhares de todos. Ser uma arquiduquesa habsburguiana era mais do que ser um indivíduo, era um conceito, que pode ser sintetizado como: “seu centro reside no ser do sujeito, cujo valor, assim como o valor de tudo que emana diretamente dele, é determinado pelo *terminus a quo*”¹⁵⁶

Apesar de Leopoldina ter dito que iria se casar, não apresentou nesta carta o nome do futuro noivo e nem de qual nação ele pertencia. Ela relata como mesmo em pouco tempo a família deste futuro pretendente já se mostrou solícita com ela e

¹⁵³ LEOPOLDINA, carta datada de 10 de dezembro de 1816. IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.265.

¹⁵⁴ SIMMEL, G. On individuality and social forms. Chicago e Londres: The University of Chicago Press. 1971.

¹⁵⁵ Ibidem. P.209.

¹⁵⁶ Ibidem. P.210. Tradução própria do trecho “Its center is in the being of the subject, whose value, like the value of everything that arises directly from him, its determined by the *terminus a quo*.”

com a sua família. Eles validaram Maria Luísa como a Duquesa de Parma, permitindo, por consequência que as duas mantivessem contato, já ganhando elogios por parte da noiva.

“Espero porém que minha boa velha irmã sempre, sempre me ame, e posso te consolar prometendo que sempre poderei te escrever, já que aquela corte aprovou tua posse de Parma, o que me fez gostar ainda mais dela; além disso, diz-se que toda a família tem muito senso e bom coração e graças a Deus nunca tive aversão àquela nação, por mais que não suporte seus vizinhos.”¹⁵⁷

Somente em outubro, após o Imperador e Navarro negociarem e entrarem em acordo com relação ao enlace dos reinos, Leopoldina anunciou à irmã que estava noiva de Dom Pedro, príncipe do Reino Unido de Portugal, Algarves e Brasil, mais uma vez justificando-se sobre a “escolha” tomada para que seu modelo pudesse compreendê-la e aprovar a decisão,

“Minha boa velha irmã, concordo contigo que é uma grande decisão, mas está tomada e, se pudesses me ver agora no meu quarto, dirias que tenho razão; o Brasil é um país magnífico e ameno, terra abençoada que tem habitantes honestos e bondosos; além disso louva-se toda a família, têm muito senso e nobres qualidades;”¹⁵⁸

É inegável a romantização da vida no Brasil presente na carta, mas Leopoldina a assegura de que mesmo que o esteja fazendo, sabe bem os seus deveres, já que também pontua “mas esteja convicta de que meu maior empenho será corresponder à confiança que toda a família e meu futuro esposo em mim depositam, através de meu amor por ele e meu comportamento.”¹⁵⁹

Ela retoma essa mesma ideia em outra carta, também de outubro, já que a irmã parece tê-la alertado sobre o seu deslumbre com relação à vida de casada e à América,

“Como conheço tua nobre maneira de pensar, estava quase convicta de que aprovarias a minha decisão, e esteja certa de que não imagino as coisas tão lindas como contam; mas tenho certeza de que, embora cada ser humano tenha seus defeitos, também tem qualidades boas e magníficas e os habitantes daquele país ainda são, graças a Deus, os menos corrompidos; mesmo não os tendo encontrado, estou certa de que se pode, como dizes, querida irmã, ser muito feliz cumprindo rigidamente as obrigações; além disso podes estar certa de que me empenharei na educação de meus filhos; como sou muito boa com todas as crianças, amarei os meus ainda mais; quanto aos hábitos, mudá-los-ei tanto quanto possível e necessários, principalmente se for do agrado de minha nova família e de meu esposo,

¹⁵⁷ LEOPOLDINA, carta datada de 24 de setembro de 1816. IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.247.

¹⁵⁸ LEOPOLDINA, carta datada de 4 de outubro de 1816. IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.249.

¹⁵⁹ Ibidem.

pois meu maior empenho será viver para levar alegria e satisfação a meu esposo e meus filhos; nisso consistirá todo o meu trabalho e felicidade.”¹⁶⁰

Ao responder, e até certo ponto contrariar, a irmã, ela argumenta que não está indo ao encontro do futuro que a aguarda completamente cega e que tem plena noção de todos os deveres que terá como esposa de Dom Pedro. Além disso, pontua que espera ter sucesso com a família nova, dedicando-se arduamente a agradá-los e satisfazê-los, mas não deixa de ressaltar a importância da irmã neste processo quando escreve “peço-te que sejas sempre minha conselheira e amiga, pois em todos os momentos de tua vida, sem te adular, demonstraste tanto senso e nobre virtude, que certamente não posso escolher outra melhor que ti, minha boa, querida, velha irmã.”¹⁶¹

Neste sentido, a ideia de família, a forma como a de Leopoldina foi concebida e a questão de enlacedes matrimoniais vão culminar em como ela se colocará em relação ao seu futuro matrimônio e como passará a vivenciar a sua experiência. Assim, mesmo se encontrando a caminho de uma nova fase da vida, ela reforça o papel central que sua irmã tem em sua vida e em seu processo de automodelagem, já que não há “outra melhor que ti” para mirar-se e guiá-la para ser o melhor de si, ou seja, uma versão da irmã mais velha, no seu ponto de vista.

¹⁶⁰ LEOPOLDINA, carta datada de 21 de outubro de 1816. IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.253.

¹⁶¹ *Ibidem*.

Capítulo 3: Construindo a Princesa do Brasil

Neste capítulo buscarei apresentar Leopoldina entre os anos de 1816 e 1818, quando a jovem se encontrava entre os seus 19 e 21 anos. Neste período a jovem passou de “futura mineralogista” à esposa do príncipe do Brasil, D. Pedro de Orleans Bragança. Ocorrem os trâmites para o casamento ocorra e seu embarque para o Brasil, onde vai vivenciar uma nova fase de sua trajetória. Porém, antes de embarcar na nova “aventura”, a jovem consegue passar, depois de muito custo, uma temporada na Itália com a sua querida irmã Maria Luísa. Após esse período e algumas dificuldades, finalmente embarca em direção ao Rio de Janeiro, onde vive os primeiros momentos como princesa do Brasil em terras brasileiras.

Assim, os objetivos deste é abordar o processo de construção subjetiva da jovem Leopoldina a partir das cartas selecionadas entre os anos de 1816 e 1818, tendo em vista novos fatores e mudanças presentes em sua vida nesse momento. Meu argumento é que a jovem vive uma dicotomia com relação ao momento da vida em que se encontra, uma vez que tem que abandonar o seu maior e mais antigo amor, o conhecido e seguro por ela solos europeus, mas há também o anseio por agradar os seus pais e a futura família que se encaixará. Além do desejo cada vez maior de vivenciar o novo amor que vem surgindo em seu horizonte como futura esposa e princesa, papéis que foi treinada a vida toda para exercer com excelência.

Como foi apresentado no capítulo anterior entre os anos de 1814 e 1816, Leopoldina passou por alguns percalços com relação a seu futuro no mercado casamenteiro. Sofreu a rejeição de seu tio Leopoldo em favor de sua irmã um ano mais nova e após isso, seu pai lhe consolou oferecendo a possível posição de “mineralogista da corte” caso não houvessem ofertas de casamento interessantes. Por fim, a jovem se viu em um cenário onde pode “escolher” entre dois pretendentes a sua mão, o herdeiro da Saxônia e o herdeiro do Reino Unido de Portugal, Algarves e Brasil. Sua escolha – que se mostrou ser, na realidade, a escolha de seu pai e da Coroa Austriaca – acabou recaindo sobre o segundo candidato. Desde que foi confirmado o acordo de noivado entre as duas nações é possível ver um esforço em Leopoldina para aprender sobre a cultura e a sociedade portuguesa, em especial sobre o Brasil, onde os membros da coroa residiam.

Em 1816, como afirma Cassotti, no capítulo *Jóias do Brasil*, do livro *Uma biografia íntima de Leopoldina*, havia uma delegação de portugueses na corte

austriaca. A presença dos portugueses já era notada desde o Congresso de Viena, com o embaixador Rodrigo de Navarro representando a Coroa de seu país. A comitiva aumentou por causa do casamento de Francisco I com Carolina Augusta da Baviera e da negociação do casamento de Leopoldina e D. Pedro, que culminou em um acordo firmado entre as duas nações. Uma figura, em especial, ganhará a atenção e se tornará confidente da futura princesa do Brasil, Pedro de Meneses Coutinho, o Marquês de Marialva. Ele foi enviado para ser um representante à altura de seu rei e com o objetivo de oficializar e sacramentar o casamento e união das coroas em nome de D. João VI, como afirma Rezzutti.¹⁶² Leopoldina, ao conhecê-lo, relata as suas impressões para a irmã: “Ontem chegou Marialva, mas absolutamente incógnito”¹⁶³. Ele veio para definir o futuro da jovem com as minúcias do acordo matrimonial, uma vez que “o acordo não pode acontecer antes de três semanas, a assinatura do rei não antes de quatro meses”¹⁶⁴.

Em novembro de 1816, após a notícia do acordo matrimonial se tornar oficial, Leopoldina escreve para a irmã sobre a decisão “tomada” por ela e seu pai.

“Quanto a mim, podes ficar certa de que estou feliz, porque tenho a consciência de ter obedecido a meu pai e de talvez ser útil à minha pátria; além disso diz-se que todo o lado masculino da família é digno de estima, e como esposa certamente cumprirei com prazer todas as minhas obrigações, para honrar-te, minha caríssima, que me conduziste até hoje tão adequadamente com teus bons conselhos e ensinamentos; só tenho que seguir teu sublime exemplo para ser seguramente amada e respeitada por todos.”¹⁶⁵

Demonstrando que não era tão ingenua como alguns biógrafos insistiram em caracterizá-la, a sua felicidade está intimamente ligada em cumprir o seu dever para com o seu pai e sua pátria. Mas, claro, sem deixar de lado o seu modelo para atingir a proeza de finalmente casar-se e achar essa felicidade. A constante valorização de Maria Luísa aumentará neste período, uma vez que a jovem estava vivenciando um período de grande euforia – por finalmente se encontrar em um mesmo patamar que as irmãs Maria Luísa e Maria Clementina, e por se tornar parte de algo maior e novo que é adentrar uma nova cultura e um novo reino – e tudo só foi possível, como ela mesma ressalta, graças aos bons conselhos e ensinamentos da irmã que tudo faz bem. Apesar de ter novas necessidades e prioridades para

¹⁶² REZZUTTI, P. D. *Leopoldina. A história não contada: a mulher que arquitetou a Independência do Brasil*. Edição digital Kindle. São Paulo: Leya Editora, 2017. P.67

¹⁶³ LEOPOLDINA, carta datada de 8 de novembro de 1816. IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. *Cartas de uma Imperatriz*. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.256.

¹⁶⁴ *Ibidem*.

¹⁶⁵ LEOPOLDINA, carta datada de 7 de novembro de 1816. IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. *Cartas de uma Imperatriz*. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.255.

focar, Maria Luísa continuará a ser modelo e conselheira dela nesta nova fase, ajudando-a a se tornar uma boa versão de esposa e governante.

Nesta mesma carta, a jovem disserta sobre a ordem dos casamentos e a sua opinião sobre a decisão do pai.

“Acredito que partirei daqui em janeiro ou março. Desejaria o primeiro, por mais difícil que me seja, mas o querido papai me garante que meu casamento será imediatamente após o dele; ficando aqui, estarei na situação esquisita, extremamente desagradável, de ser uma esposa sem marido, e isso é muito estranho.”¹⁶⁶

A notícia do noivado de Leopoldina com D. Pedro repercutiu junto aos membros da família Habsburgo que teceram comentários a ela, e por sua vez, ela os repassou para a sua irmã mais velha adicionando os seus comentários. “Tia Palatinus chegou ontem; agora gosto menos dela, pois fez comentários irônicos sobre meu destino no Brasil; acho que deveria ser mais tolerante e amigável.”¹⁶⁷ Porém, como ela mesma já havia colocado estava feliz com o seu destino, uma vez que estava realizando-o graças a escolha do pai e para contribuir com a sua pátria.

Apesar dos comentários entre os membros da família, o plano de casar Leopoldina com D. Pedro seguiu em constante negociação e na primeira quinzena de novembro ela escreveu para a irmã, “O pedido será feito em algumas semanas e a minha partida em abril”¹⁶⁸ confirmando os planos do pai em casá-la após o casamento dele com a mais nova imperatriz, Carolina da Baviera.

3.1 – Educando-se para a nova vida

Como Rezzuti afirmou, “A cultura e a educação formal de uma arquiduchessa austríaca faziam com que essas princesas fossem o que existia de melhor para um príncipe ter ao lado de si na hora de governar.”¹⁶⁹ A jovem, visando tornar-se versada nos hábitos, na cultura e na história de sua nova pátria, irá pedir diversos livros e comentará sobre eles em algumas cartas para Luísa. Na carta de 21 de outubro, ela pede para que a irmã a envie de Paris o livro “Histoire du Brésil par

¹⁶⁶ Ibidem.

¹⁶⁷ LEOPOLDINA, carta datada de 8 de novembro de 1816. IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. *Cartas de uma Imperatriz*. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.256.

¹⁶⁸ Ibidem.

¹⁶⁹ REZZUTTI, P. D. *Leopoldina. A história não contada: a mulher que arquitetou a Independência do Brasil*. Edição digital Kindle. São Paulo: Leya Editora, 2017. P.38

Beauchamp¹⁷⁰. Já na carta de 11 de novembro, ela comenta com a irmã sobre os estudos e como o Marquês de Marialva busca ajudá-la

“O embaixador está aqui e me distraiu muito ontem na igreja [...] pois não consegui tirar os olhos dele; a fisionomia não é muito espirituosa, contudo tem muito bom senso e cultura; ele virá me ver nos próximos dias, (...) trouxe-me uma porção de livros portugueses para eu ler e quero concentrar-me neles.”¹⁷¹

Além disso, a jovem passou a tomar aulas de português para aprender o idioma para se comunicar com a sua nova família, marido, funcionários e súditos. “Hoje terei minha primeira aula de português, que é muito difícil, principalmente por causa da pronúncia pela garganta e o cecear.”¹⁷² Em 14 de novembro conta a irmã como ficou ao praticar minimamente o português com Marialva e Navarro,

“Ontem cedo suei, pois o Marquês de Marialva e o conde Navarro me fizeram uma visita; superei meu constrangimento e a Condessa Lazansky¹⁷³ ficou muito satisfeita comigo e ambos os Messieurs encantant; pedi que me descrevessem todas as belezas do Brasil, para aumentar minha vontade de ir para lá.”¹⁷⁴

Na carta de 14 de dezembro, a jovem apresenta o seu progresso e leituras feitas, além de pedir mais indicações,

“Faço rápidos progressos em português que eu mesma estou admirada;(...) Tenho bastante ocupação no momento e terei também no navio e peço-te a gentileza de me recomendar livros; comprarei e lerei os dois que me recomendaste. Estou lendo *Histoire de Portugal* e *Jornale lusitânico*, além de Beauchamp e Valet.”¹⁷⁵

Em 24 de dezembro, há outro informe com relação ao seu avanço com relação ao português,

“Agradeço-te muitíssimo pelos lindos exemplares de Ehrmann e a *Histoire do Brasil* de Beauchamp, ambos me deixaram muito feliz; estarias muito satisfeita comigo agora, minha boa irmã, porque aproveito cada momento para minha formação; estou lendo muito, e já escrevo alguma coisa em português; mas

¹⁷⁰BEAUCHAMP, A. *Histoire du Brésil depuis sa découverte en 1500 jusq'en 1810*. Paris, 1815. 3v. Alphonse de Beauchamp era um historiador que se dedicou a escrever a história do Brasil, sem nem mesmo ter vindo ao país, mas sim a partir de relatos.

¹⁷¹ LEOPOLDINA, carta datada de 11 de novembro de 1816. IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. *Cartas de uma Imperatriz*. São Paulo: Editora Liberdade,2006. P.257.

¹⁷² LEOPOLDINA, carta datada de 18 de outubro de 1816. IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. *Cartas de uma Imperatriz*. São Paulo: Editora Liberdade,2006. P.252.

¹⁷³ Condessa Lazansky era membro da nobreza austríaca e foi preceptora de Leopoldina até a sua vinda para o Brasil em 1817.

¹⁷⁴ LEOPOLDINA, carta datada de 14 de novembro de 1816. IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. *Cartas de uma Imperatriz*. São Paulo: Editora Liberdade,2006. P.258

¹⁷⁵ LEOPOLDINA, carta datada de 14 de dezembro de 1816. IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. *Cartas de uma Imperatriz*. São Paulo: Editora Liberdade,2006. P.267.

quero te dizer logo que no exercício do entendimento ainda me falta muito, muito.”¹⁷⁶

A busca constante por preparo para bem cumprir os seus deveres vai de acordo com o defendido por Rezzutti quando afirmou que as mulheres Habsburgo eram “produtos” de primeira qualidade, uma vez que “a educação que tanto ela quanto as irmãs tiveram colocava-a intelectualmente acima da maioria das pessoas ao seu redor.”¹⁷⁷ Leopoldina, na carta de 19 de novembro, reforça a questão dos deveres quando fala sobre a partida da irmã Maria Clementina para a Itália, a fim de assumir o seu papel tanto de esposa como de princesa de Nápoles junto com o marido e o avô materno – D. Ferdinando I, Rei das duas Sicílias: “Estou bem triste porque a Maria já vai partir, mas seu dever é ir ter com o vovô e o dever vem antes da diversão e do amor.”¹⁷⁸

A educação não se restringia a aprender idiomas e culturas, mas saber os seus deveres como esposa, governante, mãe e mulher. Em carta, ela narra brevemente a conversa que teve com a sua mais recente madrastra sobre as obrigações matrimoniais,

“Ontem à noite estive numa situação desgastante, uma vez que a querida mamãe me apresentou todos os deveres e transtornos do estado civil que em breve iniciarei; suei terrivelmente, mas mantenho-me firme e com satisfação, pois nada há no mundo sem alegrias e penas e estar casada é sempre muito mais agradável, principalmente quando se pode pensar na perspectiva de poder ser útil à querida pátria, pois então suporta-se a distância com alegria.”¹⁷⁹

Apesar desta carta em si ser muito curta, ela nos transmite diversos pensamentos, desejos e características de Leopoldina. Neste trecho é possível observar como a automodelagem dela é muito baseada em cumprir deveres e ser útil aos interesses da pátria, ignorando, em grande parte, os seus desejos e medos. Afinal, ao escrever “estar casada é sempre muito mais agradável, principalmente quando se pode pensar na perspectiva de poder ser útil à querida pátria”, ela reafirma a ideia, mesmo que de forma indireta, de que é melhor casar-se a qualquer custo do

¹⁷⁶ LEOPOLDINA, carta datada de 24 de dezembro de 1816. IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. *Cartas de uma Imperatriz*. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.269.

¹⁷⁷ REZZUTTI, P. D. *Leopoldina. A história não contada: a mulher que arquitetou a Independência do Brasil*. Edição digital Kindle. São Paulo: Leya Editora, 2017. P.68.

¹⁷⁸ LEOPOLDINA, carta datada de 19 de novembro de 1816. IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. *Cartas de uma Imperatriz*. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.260.

¹⁷⁹ LEOPOLDINA, carta datada de 21 de novembro de 1816. IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. *Cartas de uma Imperatriz*. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.261.

que terminar sobrando e abandonada na corte como uma “solteirona”. Além disso, nos coloca que a decisão de se casar não cabe a ela, e nem muito menos encontra-se ligada à ideia da valorização dos sentimentos – o casamento por amor, que vinha crescendo ao mesmo tempo que os romances se tornavam um gênero literário cada vez mais importante.

Quando ela afirma “suei terrivelmente, mas mantenho-me firme”, demonstra se encontrar assustada e claramente constrangida com o que a espera, já que recebeu uma educação religiosa, na qual as mulheres, aplicando os ideais cristãos em seu dia a dia, deveriam ser conhecidas por seu pudor e modéstia, além da caridade, como afirma Rezzutti¹⁸⁰. Com relação ao constrangimento, Cassotti disserta que este estaria relacionado com a falta de intimidade entre as duas para tocar em tal assunto sem muita cerimônia.¹⁸¹ Sua felicidade e consolo, levadas em consideração em última instância, consistiam em poder ser útil para a sua querida pátria, enfatizando mais uma vez o lema “Deus, Pátria e Imperador”, que guiou a educação habsburguiana por quase 400 anos, onde a vontade individual do nobre, ou herdeiro da Coroa, deveria se dobrar as suas obrigações com ela, que deveriam lhe trazer sempre benefícios.

Na carta ela continua falando sobre o que imaginava com relação à vida de casada baseado no que a contaram. Pode-se observar que ela foi ludibriada com relação a educação, gostos e futuro do príncipe D. Pedro.

“Além disso, dizem-me que o príncipe irá daqui a dois anos para Lisboa, que não é tão distante que não se possa rever frequentemente os pais e os irmãos. Estou bastante ocupada em reorganizar minha coleção mineralógica e escrever um catálogo francês de acordo com Haug, uma vez que meu futuro esposo também é mineralogista, assim minha alegria é duas vezes maior.”¹⁸²

No final do mês de novembro ela volta a escrever para a irmã, que possivelmente a questionou novamente sobre os fundamentos de sua “decisão”, com todo o “amor” possível entre as duas, ao dizer

¹⁸⁰ REZZUTTI, P. D. *Leopoldina. A história não contada: a mulher que arquitetou a Independência do Brasil*. Edição digital Kindle. São Paulo: Leya Editora, 2017. P.21

¹⁸¹ CASSOTTI, M.A. *biografia íntima de Leopoldina: a imperatriz que conseguiu a independência do Brasil*. Tradução: Sandra Martha Dolinsky. 1ª ed. São Paulo: Planeta, 2015. P.75

¹⁸² LEOPOLDINA, carta datada de 21 de novembro de 1816. IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. *Cartas de uma Imperatriz*. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.261.

“Fica calma, conheço teu amor por mim, sou feliz, sou feliz, faço a vontade de meu amado pai, e posso ao mesmo tempo contribuir para o futuro da minha amada pátria, com as oportunidades que surgirão de novos contratos comerciais; além disso, na opinião geral, não apenas dos portugueses, mas de todos os viajantes, o príncipe tem muito senso, bom coração e amor por seus pais.”¹⁸³

E buscando acalmar o coração da irmã e obter a sua aprovação afirmou

“(…) Além disso durante o congresso ele mandou que seus ministros te apoiassem e te garanto que Marialva sempre fala de ti com o maior respeito e só deseja que fiques muito tempo comigo em Parma e ele tem razão, pois não tenho melhor conselheira e amiga que minha boa Luísa; daqui a dois anos poderei estar de volta à Europa, pois ou o príncipe ou o rei voltarão para Lisboa e, mesmo que seja este último, teremos o pretexto de fazer-lhe uma visita de tempos em tempos e então irei te ver por uns meses.”¹⁸⁴

Leopoldina, nesta carta, demonstra que entende perfeitamente o seu papel dentro do jogo político que se encontra em execução desde a formação dos Estados Modernos. Ainda mais quando reflete junto a tia Maria Amélia:

“Tenha a certeza, querida tia, de que guardarei preciosamente os bons conselhos que sua ternura me ditou e que procurarei minha felicidade contribuindo para a felicidade de meu esposo cumprindo os deveres impostos pelo estado que abraçarei. Confesso que o sacrifício que devo fazer deixando minha família, quem sabe para sempre, será muito doloroso para mim; mas esta aliança dá muito prazer a meu pai; separando-me dele terei o consolo de saber que me conformei a seus anseios, estando convencida de que a providência dirige, de uma forma particular, o destino de nossas princesas e de que obedece à sua vontade quem se submete aos pais.”¹⁸⁵

O casamento, principalmente entre nobres e membros das famílias reais, não se resumia a uniões matrimoniais entre duas pessoas, duas famílias. Era sobretudo um acordo diplomático, um caminho para alavancar o comércio e estreitar os laços políticos entre nações. Para que esse estreitamento ocorresse bem, era preciso que cada peça do jogo soubesse exatamente o que fazer para atingir o objetivo almejado. Neste sentido, podemos observar que Leopoldina sabia bem quais eram os objetivos do seu enlace matrimonial para a sua pátria. Para atingi-los era necessário conhecer a dinâmica de controle e poder da sua nova família.

Outra demonstração de que ela de fato compreendia bem as regras do jogo é que ressalta nesta carta a importância do apoio e aprovação da corte portuguesa à Maria Luisa assumir o ducado de Parma. Afinal, sem isso, as duas irmãs seriam

¹⁸³ LEOPOLDINA, carta datada de 26 de novembro de 1816. IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.262.

¹⁸⁴ Ibidem.

¹⁸⁵ LEOPOLDINA, carta datada de 10 de dezembro de 1816. IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.264.

obrigadas a romper correspondências e contato quando a jovem se casasse com D. Pedro de Portugal. Essa aprovação fez com que Leopoldina olhasse com bons olhos para a corte portuguesa já que eles a permitiriam manter contato com a sua “querida e boa irmã que ama muito”, a motivando a se educar e melhorar o máximo para agradar e ser útil à sua nova família.

Além disso, demonstra o conhecimento que tem sobre a nova família para a irmã, atualizando-a a respeito do que estava indo a encontro.

“Mas a única coisa que temo é minha futura senhora sogrinha, que, segundo o querido papai, dizem ser desleixada, intrigante; porém o rei é, ao que parece, um excelente soberano, que a mantém nas rédeas e os filhos afastados dela o máximo possível;”¹⁸⁶

Como muitos biógrafos apresentam, em especial Rezzutti, a família real portuguesa era particularmente atribulada. Viver entre eles era algo para o qual nem a mais alta e completa educação prepararia qualquer jovem, em especial uma arquiduesa austríaca.¹⁸⁷ Afinal,

“Sua futura sogra, Carlota Joaquina, havia tentado dar um golpe no marido, o príncipe regente D. João, em 1805, ainda quando viviam na Europa. Carlota pretendia se tornar regente no lugar do esposo, uma vez que a rainha de fato, d. Maria I, sua sogra, estava incapacitada de governar devido a problemas mentais.

Carlota vivia fazendo intrigas contra o governo e seus principais políticos. Levada ao Brasil praticamente à força em 1808, considerava o país uma terra de escravos e macacos. Porém, sua pública ojeriza à América era menor que sua ânsia por poder, o que a levaria a tentar tomar para si as terras sul-americanas da Coroa espanhola, pertencentes ao reino de seu irmão, então prisioneiro de Napoleão.”¹⁸⁸

Apesar do que o pai a informara, ele mesmo não se mostrou muito interessado em questionar os representantes do governo português, Navarro e Marialva, sobre a índole e os costumes da família em que a filha entraria. Encontrava-se somente interessado nos acordos comerciais que se desdobrariam desta união, como afirma Rezzutti.¹⁸⁹

¹⁸⁶ LEOPOLDINA, carta datada de 26 de novembro de 1816. IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. *Cartas de uma Imperatriz*. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.262.

¹⁸⁷ REZZUTTI, P. D. *Leopoldina. A história não contada: a mulher que arquitetou a Independência do Brasil*. Edição digital Kindle. São Paulo: Leya Editora, 2017. P.59

¹⁸⁸ *Ibidem*. P.61.

¹⁸⁹ *Ibidem*. P.71

Ela, por sua vez, estava desejosa de orgulhar a nova família, em especial o seu futuro marido, como afirma em diversas cartas, como a de 29 de dezembro, “Não pouparei esforço e dedicação no que puder contribuir para a felicidade de meu esposo.”¹⁹⁰ Encontrava-se adentrando um ambiente que não lhe era muito favorável, e que não tinha nada do clima tranquilo e ameno que lhe foi apresentado e no qual continuava imaginando quando dizia: “Estou certa de que a nobreza será linda e agradável; graças a Deus, a nobreza e os costumes da corte portuguesa são como em Paris, prefiro algo mais leve e agradável ao aborrecido e formal.”¹⁹¹ Como Rezzutti colocou: “Os sonhos que teceu, em meio à excitação, à ilusão e à ansiedade, de um Brasil e de uma família fantasiosa viriam a cair por terra menos de um ano depois.”¹⁹²

3.2 – O amor inefável, a amizade epistolar e o *self-fashioning*

Leopoldina, de forma clara, hipervaloriza a opinião da irmã em todos os aspectos buscando informá-la e debater com ela sobre a família, eventos, o seu futuro, mas em especial, expõe a ela os seus sentimentos “mais puros”. Como Anne Vincent nos apresenta, nas amizades epistolares: “As qualidades de sensibilidade revestem o reconhecimento mútuo de uma coloração ao mesmo tempo hedonista e afetiva. (...) A mestria da arte epistolar se associa à efusão, como se o exercício da escrita canalizasse a expressão dos afetos.”¹⁹³ As duas desenvolvem, para além de uma amizade epistolar com trocas recorrentes, um “*ethos* amistoso”¹⁹⁴. Compartilham visões de mundo, influenciam uma à outra – neste caso, a mais velha influencia e tem muito peso nas decisões da mais nova – e buscam se proteger contra o restante do mundo. Em especial durante o Congresso de Viena, Leopoldina defendeu constantemente a imagem da irmã mais velha frente às coroas europeias. A busca por apresentar a vida de cada uma, com o máximo de detalhes e sentimentos

¹⁹⁰ LEOPOLDINA, carta datada de 29 de dezembro de 1816. IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.270.

¹⁹¹ Ibidem.

¹⁹² REZZUTTI, P. D. *Leopoldina. A história não contada: a mulher que arquitetou a Independência do Brasil*. Edição digital Kindle. São Paulo: Leya Editora, 2017. P.72

¹⁹³ VICENT-BUFFAULT, Anne. *Da amizade: Uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996. P.23.

¹⁹⁴ Ibidem. P.39

possíveis, falando de peças assistidas, livros lidos, e até a situação política dos lugares que residem demonstram, da parte de Leopoldina, um desejo constante de se formar e de se forjar a partir desta troca.

Aa mudanças ocorridas ao seu redor e o número de ausências em sua rotina vinha aumentando gradativamente afetaram a jovem, que no momento já se encontrava sobrecarregada com as mudanças que ocorriam em sua vida. Com a partida de sua irmã Maria – que mesmo não sendo tão querida, a fazia companhia – e com o silêncio de Maria Luísa, a jovem retorna para um estado melancólico.

“Amada Luísa!

Agora seria realmente a hora de ficar melancólica, já que estou completamente abandonada; tu, minha melhor amiga, minha boa velha amiga, não estás aqui e a boa Maria se foi, assim estou totalmente sozinha, pois a Carolina não ser para mim [...] porque é muito infantil e jovem e estou precisando realmente de mais do que uma amiga; vem logo me ver (...)”¹⁹⁵

E, por continuar sem resposta, volta a escrever no início de dezembro,

“Amada, querida Luísa!

Estou terrivelmente aflita, pois lá se vão quase quatro semanas sem receber notícias tuas e se eu não te amasse tanto, minha boa, velha irmã, acreditaria que estas me esquecendo totalmente, e não consigo reprimir esse pensamento que me dói tanto. A Maria se foi e não dá sinal de vida, o que não é muito gentil.”¹⁹⁶

A oscilação de humor dela se mostra muito presente quando na mesma carta que ela demonstra estar aflita e sofrida com a ausência de respostas e notícias da irmã, ela a parabeniza por seu dia e faz declarações como

“Perdoa-me que só no fim desta te cumprimentei pelo teu aniversário, mas pensei agora mesmo que talvez a próxima carta chegue tarde demais; sabes o quanto te amo, portanto espero que estejas convicta de que te desejo toda a felicidade possível e peço a Deus com fervor que te dê a felicidade que tu, minha querida, mereces; só acrescento um pedido, continua me oferecendo teu amor e amizade que me fazem tão feliz.”¹⁹⁷

Ao mesmo tempo que a jovem sofre pela ausência de atenção, afeto e respostas da irmã, ela se apresenta quase como uma devota a ela, desejando-a toda a felicidade e pedindo mais uma vez o seu amor e amizade, que lhe são muito valiosos.

¹⁹⁵ LEOPOLDINA, carta datada de 28 de novembro de 1816. IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.263.

¹⁹⁶ LEOPOLDINA, carta datada de 4 de dezembro de 1816. IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.263.

¹⁹⁷ Ibidem.

Na construção do seu “eu”, a opinião e a validação de sua família, especialmente de sua irmã Maria Luísa, são de extrema relevância para que ela viesse a trilhar o “caminho” certo da vida. Caminho este muito pautado em suas obrigações como arquiduquesa e representante da Coroa austríaca dentro e fora de seu reino. Seus desejos e vontades individuais deveriam ser negligenciados em prol dos interesses da nação. Sendo assim, é necessário fazer jus a fama de ser uma mulher Habsburgo – “Afinal, tê-las por esposas era como possuir um artigo de luxo”¹⁹⁸ – no século XIX como a sua irmã, apesar dos percalços, fez. Apesar de ter sido muito bem ensinada a agir desta forma, Leopoldina apresentava certa dificuldade em deixar os seus sentimentos de lado para atender com as obrigações da Coroa.

No momento em que seu objeto de afeto, admiração e amor para de lhe dar atenção e figuras secundárias a deixam, a melancolia – o sofrimento por um passado que não retornará – e a solidão tomam conta da mente e do corpo da jovem. De tempos em tempos, Leopoldina apresentava sintomas, possivelmente de cunho psicossomático, indicando que o lugar almejado por ela, de se tornar parecida com a irmã, está distante de ser alcançado. Quando ela finalmente recebeu uma resposta de sua irmã, escreve-lhe no meio de dezembro, demonstrando reaver as esperanças e a admiração quando recebeu a atenção de seu objeto de desejo: “Agora estou muito, muito feliz porque recebi tua carta tão longa, minha boa, velha irmã, perdoa a minha anterior, mas foi o desespero por não ter notícias tuas por tanto tempo, minha querida, mas agora estou muito, muito satisfeita.”¹⁹⁹

Como a autora Anne Vincent Buffault afirma em seu capítulo *Documentos da Amizade*, a partir da troca de cartas firma-se um “pacto epistolar” e a partir dele temos as expectativas sendo traçadas com o desejo de serem sempre alcançadas para obterem como resultado a “amizade perfeita”. Assim,

“É assumido o compromisso de escrever francamente, de uma só vez, sem efeito de estilo nem excesso de artifício. Trata-se menos de abandonar as fórmulas de civilidade para manifestar a afeição do que se convidar a “dizer tudo” ou “de nada se poupar”, a levar sempre adiante a descoberta de si no outro e do outro em si, construindo-se mutuamente. Igualmente enuncia-se nas correspondências a exigência de uma relação frequente. A regularidade, a extensão das cartas e até o tamanho das suas margens, expostos aos impre-

¹⁹⁸ REZZUTTI, P. D. *Leopoldina. A história não contada: a mulher que arquitetou a Independência do Brasil*. Edição digital Kindle. São Paulo: Leya Editora, 2017.P.19.

¹⁹⁹ LEOPOLDINA, carta datada de 14 de dezembro de 1816. IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. *Cartas de uma Imperatriz*. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.266.

vistos do cotidiano, tornam-se objeto de comentários. Os acidentes da correspondência fornecem oportunidade para a reiteração das declarações de amizade ou para interrogar o amigo sobre a solidez dos vínculos firmados.”²⁰⁰

A carta deste dia continua reforçando a admiração com relação à Maria Luísa e o sentimento de nostalgia, uma vez que os momentos passados juntos não retornariam ou seriam vivenciados da mesma forma novamente.

“Ontem pensei muito em ti e desejei poder festejar o aniversário de minha cara amiga, que és tu, em tua companhia; apenas a esperança de rever-te na Itália daqui a quatro meses pode aliviar um pouco minha longa dor da separação, mas acrescento o pedido de que visites comigo Florença e Livorno, apesar de eu pretender me demorar dez dias em Parma; como me farias feliz se pudesse passar alguns dias a mais com minha amada irmã; largar os teus braços partirá o meu coração porque pertenço a ti; mas também na América continuarás sendo minha favorita e oxalá me dês notícias tuas semanalmente, o que será o meu único consolo.”²⁰¹

No trecho acima é possível observar o que Buffault afirma:

“A felicidade de poderem se apoiar e desenvolver mutuamente pelo cultivo da amizade permite-lhes escapar às influências nefastas e se impulsionar à autorrealização. A relação epistolar alterna declarações de amizade, exortações, plano de trabalho em comum.”²⁰²

Mas também é visível sinais de melancolia quando fala sobre as cartas da irmã serem seu único consolo na nova pátria, onde

“Essa melancolia lembra a presença do outro em si como memória viva fundida numa paisagem. Essa nostalgia romântica de uma co-presença na contemplação do mundo contrasta com a solidão que encerra o escritor em si mesmo e participa da representação romântica”²⁰³

No inconsciente de Leopoldina, essa hipervalorização do outro acabará contribuindo para a sua automodelagem, pois como já foi dito a jovem via na irmã um modelo a ser seguido. Seu desejo era ser tão boa e perfeita quanto enxergava ser Maria Luísa.

Em seu livro, Buffault explora a questão da amizade epistolar entre Diderot, Grimm e as vezes Rousseau, Chamfort e Mirabeau, Montaigne e La Boétie, Madame Roland e Sophie Cannel, entre outros. Todos eles dividem a ideia de uma

²⁰⁰ VICENT-BUFFAULT, Anne. Da amizade: Uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996. P.41.

²⁰¹ *Ibidem.*

²⁰² VICENT-BUFFAULT, Anne. Da amizade: Uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996. P.40.

²⁰³ *Ibidem.*

amizade apaixonada, mesmo que a distância, nutrida por cartas recheadas de confissões, pedidos, onde a “sensibilidade” é o principal a ser explorado. É um “ambiente” onde podem se expressar utilizando uma linguagem própria, demonstrando um cuidado constante com o outro, declarando o apreço pela amizade construída. Essa é representada como um refúgio constante das aflições causadas pelo mundo fora da bolha construída e nutrida por eles a partir da troca epistolar constante.

Como João Duarte apresenta em seu artigo “Desencantamento da amizade: sensibilidade e sociabilidade no iluminismo inglês”,²⁰⁴ há, no século XVIII, uma busca por um vínculo sentimental que seja diferenciado entre pares, onde o individualismo – muito afluído na sociedade que se encontrava em um momento de abandonar costumes aristocráticos para aderir, aos poucos, a costumes burgueses – era ao mesmo tempo elaborado e mitigado na relação com outrem.

“A sensibilidade e seus congêneres, “delicadeza” e “sentimento/sentimental”, tornaram-se termos decisivos na transformação dos padrões de civilidade e de comportamento corporal e na transição geral, no século XVIII, do fundamento da moral da razão e do julgamento para as afecções.”²⁰⁵

Assim, a valorização dos sentimentos terá papel central formador de vínculos e nas mudanças sociais que se desencadearam desta, como por exemplo, a ascensão do gênero literário romance na segunda metade do século XVIII.

Usando como exemplo a amizade intensa entre Mirabeau e Chamfort, Buffault apontou que há um “momento clássico, aquele em que declara sua amizade se anula e assinala sua inferioridade inerente”²⁰⁶ dentro da troca epistolar. Isso é feito com o objetivo, segundo a autora, de incitar o sentimento crescente entre eles, onde há o incomparável e aquele que busca alcançar de uma alguma forma aquela grandeza ao se aliar ao primeiro. Na citação que autora apresenta de Chamfort é possível observar como eles enxergavam esta composição,

“Assim és para mim: não te ofereci jamais uma troca digna de ti (se só quiseres comerciar com teus semelhantes, serás bem solitário); mas tudo que o abandono de uma confiança profunda, de um devotamente completo, de uma alma ardente, sensível e não

²⁰⁴ Duarte, J.A.D. Desencantamento da amizade: sensibilidade e sociabilidade no iluminismo inglês. Rio de Janeiro: Revista da Fundação Casa de Rui Barbosa. 2012. Nº6.

²⁰⁵ *Ibidem*. P.51.

²⁰⁶ VICENT-BUFFAULT, Anne. Da amizade: Uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996. P.26

desprovida de nobreza pode ter de cativante para um homem que conhece o preço dos talentos e dos pensamentos mas que sabe a eles preferir o sentimento, a única coisa incalculável para a própria razão quando um bom coração a inflama, encontrarás em mim.”²⁰⁷

Esse trecho da carta de Chamfort para Mirabeau em muito se parece com as declarações feitas por Leopoldina ao longo de sua trajetória à irmã mais velha, mas principalmente as feitas entre 1816 e 1818, quando as duas passam por períodos longos de silêncio entre elas. Leopoldina considera a amizade epistolar com a irmã de extrema necessidade e importância para garantir que a separação das duas não a “consume” e que a ausência não a torne “melancólica”, como ela apresentou ao ser “deixada de lado” por sua amada Luísa.

Em 24 de dezembro, véspera de Natal, Leopoldina voltou a se queixar sobre a ausência de notícias de seu par para dividir os anseios da vida: “Queria muito receber logo carta tua, minha boa, velha irmã, pois me fazem tão feliz e contente e delas **preciso**²⁰⁸ para sair de minha melancolia.”²⁰⁹ A necessidade de tê-la para partilhar a vida e de alguma forma senti-la perto é o que a curaria de sua melancolia. Leopoldina expressa sua relação de dependência latente da irmã e, ao longo da carta, a reforça, colocando-se num lugar inferior para exaltar Maria Luísa:

“estarias muito satisfeita comigo agora, minha boa irmã, porque aproveito cada momento para minha formação (...) e tu és meu modelo em tudo, por isso não deixes de me dar teus bons conselhos, minha boa, velha irmã; meu maior empenho será segui-los e me tornar cada vez mais digna de teu amor.”²¹⁰

O aconselhamento da irmã e a busca por sua aprovação se mostram mais uma vez como móbil e instrumento característico quando se trata da automodelagem da futura princesa do Brasil, e da amizade epistolar construída pelas duas, estando intimamente ligadas. Afinal, era a forma de Leopoldina e Maria Luísa se fazerem presentes na vida uma da outra apesar da distância física que existia, até então, entre elas. Nas linhas finais da carta, reforçando o amor inefável que possuía pela irmã, a jovem afirmou: “morrerei de impaciência até te abraçar e te dizer o quanto te amo.”²¹¹

²⁰⁷ *Lettres de Mirabeau à Chamfort*, in Chamfort, *Pensées, maximes et dialogues*, Hetzel.1860.

²⁰⁸ Ênfase minha.

²⁰⁹ LEOPOLDINA, carta datada de 24 de dezembro de 1816. IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. *Cartas de uma Imperatriz*. São Paulo: Editora Liberdade,2006. P.269.

²¹⁰ *Ibidem*.

²¹¹ *Ibidem*.

Quando a irmã demora a responder, se queixa e demanda atenção, mas quando o inverso ocorre, Leopoldina tende a se desculpar intensamente, debulhando em frases afetuosas, como de costume, enaltecendo-a e buscando ser digna de seu amor e atenção, como ocorreu na carta de 29 de dezembro:

“Mil perdões, minha boa, velha irmã, por não ter respondido antes tua afetuosa carta do dia 16, que tanto me alegrou, mas são tantos votos horríveis de Ano Novo que recebi, alguns pessoalmente, que tenho que responder por escrito, que para minha irritação me roubam o prazer maior de escrever cartas para a minha melhor amiga e irmã; certamente é um grande sacrifício para o meu coração quando não me é permitido conversar com minha boa velha irmã pelo menos, e infelizmente, apenas por escrito. Agradeço-te muitíssimo, minha querida, pelos teus votos de Ano Novo; conheço tua amizade e amor por mim, pelo que estou orgulhosa e por isso estou firmemente convicta de que têm como objetivo apenas o melhor para mim.”²¹²

Na última carta do ano de 1816, ano em que a jovem saiu da condição de futura “mineralogista da corte” para a de futura princesa do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, é possível ver que buscou demonstrar para a irmã que mesmo com tamanhas mudanças em sua vida, a constância da conversa entre elas era de suma importância em sua vida. Não poder doar a atenção e o tempo que gostaria para uma pessoa que lhe é tão cara é representado como uma grande frustração para si. Leopoldina reitera que todos os conselhos, os puxões de orelha, as reflexões com que a irmã a brindou foram com o objetivo de garantir que ela obtivesse o melhor das situações. Continua então, reforçando o local inalcançável que a irmã ocupa quando afirma:

“Não espero desempenhar um grande papel, como tu, minha boa irmã, mas viver tranquila e feliz; contudo, se for necessário, empenharei toda a minha força intelectual para fazer felizes as criaturas sobre as quais governarei.”²¹³

Apesar de não ser “tão boa quanto” a irmã, Leopoldina coloca-se de uma forma que se for necessário assumir um lugar de liderança saberá para fazer o melhor para aqueles que viria a governar. Deixando entender que a sua automodelagem não se restringia a apenas ser uma boa esposa, mãe e filha, à imagem de Maria Luísa, mas sim uma boa governante – justa e dedicada, como ela reforçaria –, assim como as que as antecederam: a avó Maria Carolina, a mãe Maria Teresa e a madrasta Maria Ludovica.

²¹² LEOPOLDINA, carta datada de 29 de dezembro de 1816. IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.270.

²¹³ Ibidem.

Ainda arrisco dizer que há influências mais antigas e indiretas, como a da tia-avó, Maria Antonieta, que, por coincidência ou não, ocupou a mesma função de sua irmã mais velha. Ambas foram esposas dos monarcas franceses, sendo uma Rainha da França e a outra, Imperatriz dos franceses, com 40 anos de diferença entre elas. A tia avó, apelidada de forma pejorativa na corte francesa de “*L’autre Chienne* (A outra cadela), uma paronomásia de *L’Autrichienne* (A Austríaca)”²¹⁴ sofreu constantes ataques e críticas de diversas parcelas da população, sejam eles plebeus, burgueses ou nobres, demonstrando ter uma grande rejeição entre os franceses. O resultado de suas ações, ou da falta delas – por não ter sido incentivada a expressar os seus sentimentos, em muitos momentos Maria Antonieta se calou mesmo não concordando com as situações, porém por ser mulher e em uma nação que não lhe era nada receptiva, sua voz era constantemente silenciada por aqueles que a cercavam – lhe custaram a coroa e a vida – tanto a dela quanto de seus filhos. Sendo assim, sua imagem era constantemente lembrada pelas arquiduchessas como um exemplo negativo do que poderia vir a acontecer com elas, caso não seguissem o lema perpetuado entre as mulheres Habsburgo: “ser essencial nas grandes e pequenas coisas” para os maridos, podendo, assim, prevenir ou proteger-se de algum possível problema. Esta era, em última instância, a situação que Leopoldina não gostaria de se encontrar como mulher, esposa e governante – o que acabou lhe ocorrendo vivenciar um cenário similar e ela demonstrou ter consciência de seu papel e influência com o futuro de sua família, agindo de forma diferente de sua tia-avó, mas com a presença deste possível fantasma na sua consciência de que se tudo desse errado poderia vir a ter o mesmo fim dela.

Já a mãe, Maria Teresa, a madrasta, Maria Ludovica, e a avó, Maria Carolina, seriam os exemplos de figuras femininas a serem seguidas e imitadas para além de seu modelo principal, sua irmã. Apesar de possuírem personalidades distintas, as três mulheres demonstraram ser úteis para os seus respectivos cônjuges nas grandes e pequenas coisas que os cercavam. Seja buscando aprender um conhecimento que não as tinham atentado para se aproximar dele, até como intermediar tratados comerciais e políticos por meios secundários nas cortes – cafés, saraus, festas, teatros – considerados “por trás dos panos”. Todas, de certa forma, obtiveram sucesso em

²¹⁴ REZZUTTI, P. D. *Leopoldina. A história não contada: a mulher que arquitetou a Independência do Brasil*. Edição digital Kindle. São Paulo: Leya Editora, 2017. P.68.

todos os papéis assumidos junto com o matrimônio, tornando-se desse modo modelos vivos de boas cônjuges e acordos políticos bem-sucedidos. Cassotti destaca a importância destes matrimônios bem-sucedidos e como vão impactar nas ações da futura princesa do Brasil,

“É provável que Leopoldina aplicasse em seu jovem casamento as antigas instruções que as princesas reais recebiam de suas mães antes de se casar a fim de cativar os seus respectivos maridos, e, dessa maneira, tentar obter influência sobre eles. Pois essa conduta, como podemos recordar, assemelha-se ao modo de se conduzir de sua avó materna, em Nápoles, e de sua mãe, na corte de Viena, depois de casadas, segundo as descrições de algumas memorialistas. O trabalho das esposas de se tornar indispensáveis nas “coisas pequenas” aos monarcas como caminho para conseguir o mesmo nas grandes realizava-se, fundamentalmente, compartilhando a maior parte do tempo com ele.”²¹⁵

Mesmo que Maria Luísa tenha uma influência impactante em sua automodelagem, se apresentando como modelo de filha obediente, de boa esposa, mãe dedicada e governante atenta às demandas de seu povo, é possível que até mesmo ela tenha se baseado nas mesmas figuras femininas – mãe, madrasta, avó e tia-avó – para atingir as demandas que lhe foram feitas. Desta forma, todas elas – de forma indireta ou direta – contribuíram para a perpetuação da imagem de como deveriam ser as esposas, mães, governantes da família Habsburgo construída no imaginário de Leopoldina e que a guiaria ao longo de sua vida, em especial no Brasil, influenciando em suas decisões, posturas e formas de agir.

3.3 – A Princesa do Brasil encontra sua nova nação e amor

O ano de 1817 foi de muitos desafios, mudanças e descobertas na vida de Leopoldina. Nestes meses que se seguiram a jovem deixou de ser uma arquiduquesa austríaca, tornou-se noiva e no final do ano, ao casar-se, passou a ser princesa de Portugal, Brasil e Algarves; saiu de seu lar deixando tudo e todos que lhe eram queridos; pôde passar mais de um mês na Itália com a sua boa velha irmã – onde viveu momentos memoráveis ao lado de sua pessoa favorita, viveu a espera de poder embarcar para o seu novo lar, chegando no Brasil no final do ano para dar início ao novo capítulo de sua vida. Sendo assim, diria que resiliência foi a palavra que definiu essa nova fase da vida dela, uma vez que mesmo que a jovem se planejasse,

²¹⁵ CASSOTTI, M.A biografia íntima de Leopoldina: a imperatriz que conseguiu a independência do Brasil. Tradução: Sandra Martha Dolinsky. 1ª ed. São Paulo: Planeta, 2015. P.114

estes planos eram constantemente modificados e a frustração se instalava. Porém, a esperança, somada à expectativa de vivenciar o novo amor crescente, a ajudava a ressignificar tais momentos e seguir em frente.

Após o anúncio oficial do casamento de Leopoldina com o D. Pedro de Portugal e o início dos trâmites no final de 1816, a jovem escreveu uma série de cartas narrando as decisões tomadas por seu pai, Marialva, Navarro e Metternich com relação ao seu acordo matrimonial, que também era um acordo político. No dia 26 de novembro de 1816 foi oficializado o tratado entre as partes interessadas. Em relação a isso, Rezzutti retrata que:

“O tratado, conforme narra Marialva em seu despacho, seguiu a ordem recebida por ele de se basear no último contrato de casamento realizado entre uma Habsburgo e um Bragança. Isso ocorrera 108 anos, em 1708, quando do enlace de Maria Ana da Áustria e d. João V de Portugal, bisavós de D. João VI.”²¹⁶

E aponta que:

“Também nos acordos entre os diplomatas, foi acertada a viagem de Leopoldina até o porto de Livorno, na Itália. Dessa cidade, ela embarcaria para o Brasil a bordo de navios portugueses. A viagem até Livorno ocorreria por conta do imperador Francisco I. Após a entrega oficial da princesa aos portugueses, a despesa seria custeada por D. João VI.”²¹⁷

Essa viagem foi assunto de diversas cartas de Leopoldina para Maria Luísa nas quais a primeira sonhava com o momento de poder rever a sua boa e velha irmã para enfim matar as saudades. Negociar para que esse reencontro acontecesse não foi uma tarefa fácil de ser feita, uma vez que seu pai, o imperador Francisco I, colocava diversos empecilhos. Em 14 de dezembro, depois do acordo matrimonial ter sido finalizado, ela escreve para a irmã

“Apenas a esperança de rever-te na Itália daqui a quatro meses pode aliviar um pouco minha dor da longa separação, mas acrescento o pedido de que visites comigo Florença e Livorno, apesar de eu pretender me demorar dez dias em Parma; como me farias feliz se pudesse passar alguns dias mais com minha amada irmã;”²¹⁸

No final de 1816, ela exprimiu a ânsia de ver a irmã nesta viagem quando escreveu: “Espero te ver, infelizmente, só em março, e tudo isso é culpa de um homem que faz tudo devagar; morrerei de impaciência até te abraçar e te dizer

²¹⁶ REZZUTTI, P. D. *Leopoldina. A história não contada: a mulher que arquitetou a Independência do Brasil*. Edição digital Kindle. São Paulo: Leya Editora, 2017. P.76.

²¹⁷ *Ibidem*. P.77

²¹⁸ LEOPOLDINA, carta datada de 14 de dezembro de 1816. In: IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. *Cartas de uma Imperatriz*. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.266.

quanto te amo.”²¹⁹ Fazendo referência a demora das negociações encabeçadas por Marialva, Navarro e Metternich, sendo que este último, apesar de ser o braço direito de seu pai, não era muito do agrado da arquiduquesa.

No início de 1817, ela retorna a tocar no assunto da viagem após saber de mudanças em seu itinerário e que haveria de ter a companhia da irmã: “Estou fora de mim de tanta alegria porque viajas comigo para Florença e te permito com prazer que fiques em casa; então também o farei, uma vez que atravesso a Itália para te ver e não por curiosidade, senão poderia ir por Lisboa.”²²⁰ O trecho demonstra a alegria e a ânsia de Leopoldina por saber que estaria a poucos meses de fazer uma viagem com a sua irmã ao longo da Península Itálica, onde poderiam voltar para “os bons e velhos dias”, quando desfrutavam da companhia uma da outra pessoalmente. Essa visão era provocada pela nostalgia constante em seu imaginário desejoso de retornar para os bons momentos de um passado que já não existe mais, como nos apresenta Freud.

As cartas de 1817 vão se alternar entre falar da viagem, dos trâmites de seu acordo matrimonial e seus desdobramentos, e falar sobre D. Pedro e a visão que Leopoldina irá construir dele a partir de relatos, nem sempre verídicos de Marialva, Navarro e outros nobres que o farão para ela. No final de 1816, Leopoldina escreveu para a irmã pela primeira vez abrindo o seu coração com relação aos sentimentos que nutria pelo futuro marido e pela futura pátria sem ao menos vê-los, apenas imaginando-os a partir de relatos.

“Quero ser sincera, pois meu coração sempre foi aberto. Se estar apaixonada significa não ter outra coisa na cabeça a não ser o Brasil e Dom Pedro, então estou; mas se o retrato chegar e corresponder exatamente à descrição que fizeram dele, então ficarei com meu entusiasmo (que me faz sentir tudo mais intensamente do que as outras pessoas); vejas por esta confissão que tu és ainda minha única amiga e [...], pois meus sentimentos estão ocultos para todos os outros e ademais[...] e temos dezenove anos;”²²¹

²¹⁹ LEOPOLDINA, carta datada de 24 de dezembro de 1816. In: IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.269.

²²⁰ LEOPOLDINA, carta datada de 4 de janeiro de 1817. In: IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.271.

²²¹ LEOPOLDINA, carta datada de 14 de dezembro de 1816. In: IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.266.

O reconhecimento perante a sua irmã de sua intensidade é algo a ser destacado. Muitos biógrafos falam de seu temperamento como “dramático”, “melancólico” e “inocente”, mas a demonstração de autoconhecimento ao revelar à irmã a intensidade de seus sentimentos é deveras interessante. A busca por modelar-se em sua irmã – frequentemente apontada como mais centrada e contida com relação aos sentimentos – traz também à luz características que são distintas em Leopoldina. Ao mesmo tempo que buscava controlar-se na frente de outros, se sentia à vontade para demonstrar seus sentimentos à irmã, sua fiel confidente.

Reforçando a ideia de buscar melhorar para desempenhar o seu novo papel, ela escreveu para a irmã em 4 de janeiro de 1817:

“Agora nossa vida é mais ociosa, exceto a minha, que leio e escrevo todo dia para me instruir ao máximo possível, mas temos banquetes diários de duas horas, com um grande número de convidados da nobreza; com isso já me tornei mais amável e aberta, o que é preciso, já que futuramente não poderei viver como eremita, e me deixarei levar pela correnteza dos acontecimentos desse grande mundo.”²²²

E sobre as opiniões de Maria Luísa sobre Dom Pedro e a família real portuguesa, talvez visando alertá-la e tirar um pouco da visão romântica que estava construindo, a jovem respondeu:

“Agradeço-te muito que daqui por diante fales apenas respeitosamente sobre o meu futuro esposo e os honrados portugueses, pois sempre foram bons e terás meu amor sempre em grau maior, quanto mais ofereceres ao príncipe tua amizade e consideração; garanto-te que ele as oferecerá a ti.”²²³

Raros são os momentos que é possível ver Leopoldina contrariando, e até mesmo repreendendo, a irmã. O trecho acima demonstra que, mesmo tendo a irmã na mais alta estima, a sua lealdade para com o novo reino e com o futuro marido já se encontra em seu seio, o que a leva a responder à irmã desta forma, exigindo que, com ela, dirija-se a eles de forma respeitosa.

Em fevereiro de 1817, Marialva – representando a coroa portuguesa – fez sua chegada “oficial” na corte austríaca. Rezzutti, em seu livro, nos aponta que não era um evento tão comum no século XIX:

²²² LEOPOLDINA, carta datada de 4 de janeiro de 1817. In: IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.271.

²²³ Ibidem.

“As “entradas”, tanto as reais quanto as diplomáticas, já caíram havia muito em desuso. (...) Essa “chegada” era na verdade uma grande simulação: Marialva já estava na cidade fazia semanas negociando o tratado, mas só então iria mostrar que chegava “oficialmente”. Ele representava o seu rei, o seu país e o príncipe d. Pedro, seu futuro governante; devido a isso, toda pompa seria pouca.”²²⁴

O objetivo desta chegada não tão usual era impressionar a todos, tanto a família real austríaca quanto a população que governavam com a riqueza do rei dos trópicos, objetivo endossado e estimulado por d. João. Assim, Marialva fez, por fim, o pedido oficial de casamento de Leopoldina e D. Pedro.

Ao escrever para a irmã sobre o mesmo evento, Leopoldina não o descreve, mas foca em transmitir como ela se sentiu. No dia 8 de fevereiro, antes de ser pedida oficialmente, escreveu:

“Ainda estou me sentindo muito mal com as dores de estômago e desejaria que passassem, uma vez que Marialva chegará na terça-feira e fará o pedido na quarta e eu gostaria de fazer um rosto feliz e alegre e lhe dar uma linda e apaixonada resposta.”²²⁵

No dia 18 de fevereiro voltou a relatar para a irmã os seus sentimentos durante o evento:

“Escrevo-te, minha boa velha irmã, em resposta a tua afetuosa carta do dia 7, em um dos momentos mais angustiantes por que já passei, duas horas antes do meu pedido; podes imaginar, minha querida, quantas ideias e sentimentos se impõem em minha cabeça, que está dividida entre a alegria da minha futura e feliz união e a dor de me separar de tudo que me é tão caro; estou certa, minha boa irmã, de que se estivesses aqui partilharias esse desagradável sentimento comigo. (...) Graças a Deus o pedido já aconteceu, mas por constrangimento tive que ler a metade de meu discurso, embora o tivesse decorado perfeitamente; todos ficaram satisfeitos comigo.”²²⁶

A quantidade e a complexidade de sentimentos presente momentos antes de seu noivado e durante os meses que se sucederam até o seu casamento chamam a atenção por sua ambivalência. A sensação de abandonar tudo que lhe é caro o que inclui não somente as comodidades do dia a dia, mas também sua família, amigos, língua materna e os momentos felizes com aqueles que ama convive com a excitação da novidade. A incerteza de sucesso nesta empreitada vai atormentá-la em diversos momentos de 1817.

²²⁴REZZUTTI, P. D. *Leopoldina. A história não contada: a mulher que arquitetou a Independência do Brasil*. Edição digital Kindle. São Paulo: Leya Editora, 2017. P.77

²²⁵LEOPOLDINA, carta datada de 8 de fevereiro de 1817. In: IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. *Cartas de uma Imperatriz*. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.275.

²²⁶LEOPOLDINA, carta datada de 18 de fevereiro de 1817. In: IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. *Cartas de uma Imperatriz*. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.276.

Na carta de 28 de fevereiro é possível observar essas nuances quando ela emenda dois assuntos distintos, mas que fazem referência à ambivalência mencionada.

“Devo escrever que seria muito bom se viesses agora para ficar alguns meses, já que depois não encontrarás quase ninguém aqui; o querido papai que te abraça ternamente, fará uma viagem de três meses após minha partida e então não o encontrarás mais e eu poderei aproveitar mais de tua querida companhia e conselhos em dois meses aqui, se vieres agora, do que nas três semanas, indescritivelmente preciosas para mim, que passaria contigo, meu tesouro, em minha viagem pela Itália;”²²⁷

Em um primeiro momento ela busca convencer a irmã a passar mais tempo com ela, valorizando a sua companhia, conselhos e reforçando o desejo do encontro das duas. Porém, logo em seguida, na carta, ela apresenta o desejo também pelo novo.

“Hoje tive uma grande alegria e tu, minha melhor amiga, deves ficar sabendo; chegou em Londres um pacote do Brasil e o embaixador crê que possa ter trazido o retrato pela qual espero impacientemente; depois de tudo que me contaram de meu futuro esposo, que eu tenha logo pelo menos o retrato, até ter a felicidade de possuí-lo em pessoa.”²²⁸

O novo na vida da jovem, pouco a pouco, conquista mais espaço em seu imaginário e com isso a expectativa cresce exponencialmente, principalmente em relação ao seu marido. Foi dito a ela que D. Pedro era um jovem tão culto quanto ela, que apreciava a leitura, música, teatro, botânica e a mineralogia, informações posteriormente desmentidas pela realidade da convivência. É possível observar, a partir dos comentários que fez em relação ao casamento e relacionamento da irmã Maria Clementina, o que Leopoldina esperava de um matrimônio e do comportamento de seu cônjuge com ela, expectativa esta que foi endossada por muitos como os próprios embaixadores e a família dela. Ela esperava encontrar um parceiro que lhe acompanharia em seus passeios e que tornaria os deveres um pouco mais “leves”, com quem dividiria interesses em comum e teria conversas enriquecedoras. Ela esperava viver um casamento, mesmo que arranjado, em que os sentimentos individuais seriam ouvidos e apreciados.

²²⁷ LEOPOLDINA, carta datada de 28 de fevereiro de 1817. In: IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.277.

²²⁸ Ibidem.

Depois de muita agonia com relação a sua partida para a Itália, e posteriormente para o Brasil, Leopoldina informa a irmã sobre os planos traçados para com ela em março:

“Aproveito os poucos momentos antes de nosso almoço para te assegurar que ninguém te ama mais que eu e que estou muito feliz em te rever em maio; graças a Deus já está definido que partirei neste mês; por mais difícil que seja a separação de minha família, meu destino é o Brasil e o cumprirei com prazer o mais rápido possível e principalmente porque assim poderei te abraçar logo;”²²⁹

A ânsia por vivenciar o novo, de fato, é grande, mas a vontade de rever quem lhe é caro antes disto é maior ainda e a consciência sobre estes fatos fica cada vez mais clara para ela, pois escreve:

“Asseguro-te, minha boa e velha irmã, que pensava em nossa separação com tanta melancolia quanto tu, minha caríssima, talvez ainda maior; meu coração, que pertence completamente a ti, sangrou profundamente com a ideia de estar separada de minha melhor amiga e irmã; rever-te, graças a Deus, poderia amenizar um pouco meu sofrimento, mas então pensei que seria só por algumas semanas, e isso me deixou totalmente melancólica, pois depois não se pode pensar em um breve reencontro e a ideia de abandonar minha querida Luísa é horrível; a única coisa que pode me consolar é a esperança de que, mesmo o meu destino me conduzindo à América, minha boa velha irmã continuará a me amar e me dedicar sua amizade que tanto prezo;”²³⁰

A ideia de separar-se da irmã era um sofrimento constante sofrida para Leopoldina, mas a separação desta vez seria diferente. Não haveria viagens para uma visitar a outra com a mesma facilidade quanto caso residissem no continente europeu. Há uma separação maior, já que uma das duas deixaria o continente por, a princípio, dois anos para morar no Novo Mundo.

Há também a separação relativa ao laço de amor e afeto construído pelas duas, pois é possível observar um novo amor e um novo objeto de desejo de agradar, a entrada de D. Pedro neste cenário de devoção por parte de Leopoldina. Uma vez que ela sabia que não poderia dedicar a mesma devoção e atenção a ambos, devendo ser fiel àquele a quem juraria lealdade ao casar-se, mesmo que isso doesse. Por isso na carta ela continua: “Sim, minha boa irmã, espero ser feliz, mas a suprema felicidade do matrimônio nunca será tão doce como a que desfruto quando estou junto a

²²⁹ LEOPOLDINA, carta datada de 8 de março de 1817. In: IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.278.

²³⁰ LEOPOLDINA, carta datada de 16 de março de 1817. In: IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.279.

ti; mas tua amizade e amor, que oxalá a distância (provocada por um marido) não apague, me consolarão.”²³¹

A devoção por Maria Luísa é tanta que ao ouvir rumores sobre o possível casamento dela com o General Neipperg. Leopoldina reprime sua fonte por não acreditar que sua irmã o faria sem ao menos comunicá-la antes. Após defendê-la, escreveu para a irmã esperando uma resposta negativa para o boato – comprovado posteriormente como verdadeiro – que havia chegado em seus ouvidos:

“Quero te contar uma linda historieta do Príncipe Antônio: me garantiu ter cartas de Parma segundo as quais tu casarás com um General Nova Monte, traduzido para o alemão; quase morri de rir da asneira e no final briguei com ele, porque acredita firmemente nisso; não é uma bonita historieta?”²³²

E continuou a demonstrar que a sua lealdade ainda residia com a irmã quando buscou alertá-la:

“Fica atenta, pois querem te impor uma província abominável com a França e a Saxônia, pelo bem daquela tia-avó em Parma; só o que posso fazer é te alertar; não contes que te escrevi, o Príncipe Antônio não quer fazê-lo, por isso tens que ser o bode expiatório; geralmente a felicidade está reservada às pessoas boas e infelizes, e, quando essas desfrutam de um pouco de paz e contentamento, eles lhe são arrancados à força; eu te garanto que todos os dissabores que sentes, sinto-os em dobro, pois ninguém no mundo te ama mais do que eu.”²³³

A frase “todos os dissabores que sentes, sinto-os em dobro” é muito carregada de significado, reforçando a ideia de que além de “ver” os sofrimentos da irmã, ela os sente mais que ela, apresentando a sua intensidade mais uma vez.

Ao saber das mudanças no planejamento de sua estadia breve na Itália, que se tornou mais breve e restrita com relação a visitar a irmã em Parma, planos que fez junto à Maria Luísa, Leopoldina novamente apresenta a sua intensidade intimamente relacionada a sua frustração por ter de refazer os planos com a sua querida irmã.

“Hoje recibes a carta de uma desesperada, pois agora acho que todas as minhas belas esperanças em te ver em Parma foram destruídas; tenho a firme impressão de que o querido papai está implacável neste ponto, o que dói por várias razões; posso te ver em qualquer parte, pois é o que espero de teu amor e amizade, mas seria melhor que nosso primeiro reencontro fosse em Parma; esse dissabor me deixa doente e melancólica e o papai

²³¹ Ibidem.

²³² Ibidem.

²³³ LEOPOLDINA, carta datada de março de 1817. In: IN: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.281.

é certamente o único (de minha família aqui presente) que amo mais fervorosamente; não se poderia dar um golpe mais brutal em meu coração e **se não fosse dado pelo amado papai, se não fosse meu querido pai, a quem perdoo tudo neste mundo, estaria fora de mim de tanta raiva e chegaria a fúria.**²³⁴²³⁵

Mesmo com a constante busca por parecer mais madura, calma, contida e complacente como o seu modelo – Maria Luísa, Leopoldina apresenta sua indignação, e como isso a afeta física e emocionalmente, com fato de seu destino ser desenhado para ela por outros. Mesmo sabendo também que não havia muito o que ser feito, já que, como afirmou a tia Maria Amélia em uma carta, o destino das princesas estava em última instância não em suas mãos, mas sim nas mãos da providência divina e nas de seus pais.

Quanto mais próximo a data de sua viagem para a Itália, mais era possível observar as oscilações de humor e como ela pendia de um lado a outro da dicotomia entre o novo e o velho “amor”, mas também entre a ânsia por viver o desconhecido, e a angústia por estar cada vez mais próxima de abandonar o que lhe é caro e conhecido. Em 15 de abril ela retorna a escrever para a irmã reforçando esta ideia,

“Deus, como aumentas minha dor, minha boa e velha irmã, quando me escreves que queria preparar tudo para mim em Parma; (...) Marialva até recebeu ordem de sua corte para me deixar ir sem impedimentos a Parma, porém aí veio o querido papai e mo proibiu, não sei o porquê, mas não gosto nada disso, pois a coisa pode ir mais longe ainda; não estou indo por diversão, para examinar tudo, mas apenas para te ver por um pouco mais de tempo, minha querida, portanto concede-me pelo menos um encontro; eu avisarei logo que souber de minha viagem, e então iremos *tête-à-tête* em nossa carruagem para Florença, e então quero ver quem terá a coragem de impedir a princesa do Brasil, pois esse não escapará de uma forte discussão.”²³⁶

Os empecilhos para ver a irmã continuam a vir por parte de seu pai estavam a deixando irritando, mesmo vindo de quem, como ela mesma afirma, a “tudo perdoa”. Empecilhos estes que não eram explicados a ela, principalmente porque o imperador não queria que soubessem que sua filha mais velha se encontrava grávida de um filho bastardo, quebrando assim o ideal habsburguiano feminino. Ela aponta o seu desejo de apenas rever a irmã antes de retornar para o roteiro então planejado pelo seu pai, Marialva e Metternich. O que chama atenção em meio a colocação dela é que mesmo sendo filha do Imperador, ela também já começa a assumir aos

²³⁴ LEOPOLDINA, carta datada de 5 de abril de 1817. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.282.

²³⁵ Ênfase minha.

²³⁶ LEOPOLDINA, carta datada de 15 de abril de 1817. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.284.

poucos a sua posição como princesa do Brasil e a autoridade que carrega junto com o título.

Porém, na mesma carta, ela disserta um pouco sobre o novo objeto de desejo crescente que vinha se tornando o futuro marido.

“O retrato do príncipe está me deixando meio transtornada, é tão lindo como um Adônis; imagina uma bela e ampla fronte grega, sombreada por cachos castanhos, dois lindos e brilhantes olhos negros, um fino nariz aquilino e uma boca sorridente; ele todo atrai e tem a expressão *eu te amo e quero te ver feliz*; asseguro-te, já estou completamente apaixonada; o que será de mim quando vir o príncipe todos os dias”²³⁷

A imagem que ela criou de d. Pedro como um homem tão culto e aplicado quanto ela, somada ao retrato que lhe foi enviado dele, contribuiu muito para que ela alimentasse sentimentos amorosos com relação a ele, os quais só revelou a irmã de forma detalhada e sentimental. Porém, quando escreveu a tia, o descreveu de uma maneira bem recatada e polida, reforçando que estava muito interessada em fazê-lo feliz resumindo-se em ser uma boa companheira.

“Quero anunciar-lhe que, há poucos dias, chegou o retrato do Príncipe; minha impressão é de que ele é agradável, e sua fisionomia exprime muita bondade e bom humor; além disso, todo mundo garante que é muito amado pelo povo e bastante aplicado; meu único objetivo consiste em fazer tudo para torná-lo feliz; vanglorio-me de conseguir isso procurando minha própria felicidade no cumprimento de meus deveres.”²³⁸

Como apresentado por Anne Vicent Buffault, nas trocas epistolares entre amigos, é possível ver uma quebra dos padrões públicos de sociabilidade, em favor de uma informalidade destinada a criar um laço de intimidade entre os redatores. A intimidade construída entre as irmãs se torna notória nestes momentos, já que diz para a irmã que d. Pedro tem uma expressão de “eu te amo e quero te ver feliz” e a deixa saber o quanto a imagem dele mexe com ela a ponto de não saber como reagirá ao estar na sua presença todos os dias, fato que ela não compartilhou com qualquer outra pessoa que não sua irmã. Note-se que, para a tia, só reforça a ideia de que irá se esforçar para cumprir o papel esperado por ela, e que seu marido lhe parece agradável.

²³⁷ Ibidem.

²³⁸ LEOPOLDINA, carta datada de 12 de abril de 1817. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.283.

Ao longo do mês de abril, Leopoldina, entrou em diversos “embates” com os responsáveis por sua viagem para a Itália, questionando-os a respeito das razões pelas quais estavam inviabilizando seu encontrar com a irmã em Parma. “Quer me parecer que desejam desfazer à força o sagrado laço da amizade que nos une”²³⁹, escreve a Maria Luísa. Ao questionar Marialva, e por consequência o rei de Portugal, sobre a opinião deles quanto ao encontro das irmãs, recebeu a seguinte resposta, repassada à irmã que:

“Acho que ainda não recebeste nenhuma resposta do rei, uma vez que ele ainda não recebeu a carta e me mandou dizer, por Marialva, que nunca impediria que duas irmãs se reencontrassem e ainda mais em Parma; portanto vês que Portugal nada tem contra”²⁴⁰

Porém, como relata na carta, o pai teria permanecido irredutível. Logo uma irmã não poderia ir à Parma e a outra não podia ir à Florença, dificultando o encontro das duas irmãs, enquanto a data de embarque se aproximava. Devido a toda situação, complementa em carta: “Já quero ir o mais rapidamente possível para a América, pois a Europa logo me causará só repulsa, uma vez que nada se pensa de sensato, a não ser atormentar os parentes;”²⁴¹ e continua a demonstrar indignação por sua impotência em outra carta: “a mim nada mais resta senão chorar e odiar a palavra política, que me tortura; nunca a ameí, mas agora não posso ouvi-la sem me arrepiar;”²⁴²

Paralelamente à questão do roteiro da viagem e do encontro das irmãs para manter o laço sagrado da amizade, aproximava-se a data de Leopoldina firmar um novo laço sagrado, mas desta vez de matrimônio. Quanto a d. Pedro, Leopoldina ao mencioná-lo em cartas, deleita-se a imaginar um bom futuro ao lado dele, visto que se encontrava apaixonada pela imagem criada em sua mente de seu novo amor.

“Asseguro-te, meu mui amado Dom Pedro é um homem lindíssimo e alegro-me desde já imensamente dos futuros presentes de Deus, pois certamente serão tão encantadores como ele; te garanto que os meus familiares não são mais cultos, e, no que estiver ao

²³⁹ LEOPOLDINA, carta datada de 18 de abril de 1817. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.286.

²⁴⁰ LEOPOLDINA, carta datada de 22 de abril de 1817. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.287.

²⁴¹ Ibidem.

²⁴² LEOPOLDINA, carta datada de 30 de abril de 1817. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.289.

meu alcance, tudo farei para me tornar mais agradável ao meu querido Pedro e estou trabalhando com todas as minhas forças para me instruir, pois ele o é, segundo dizem, e muito bom, amável; já fico em êxtase quando falo dele;”²⁴³

Apaixonada, mas assustada com a ideia de que estava próxima a mudar de realidade, Leopoldina escreve para a irmã nas vésperas de seu casamento, buscando o seu consolo:

“Fico sempre tão feliz e satisfeita, minha boa irmã, quando posso conversar contigo, pelo menos por escrito, que me é impossível descrever, e posso te assegurar que te amo sinceramente e que sou feliz por esperar o mesmo de ti; agora estou bastante assustada, porque meu casamento será daqui quatro dias, porém não desalentada, já que confio na Providência divina, que permitirá que eu seja feliz, pois senão não teria recebido essa sina;”²⁴⁴

E, no dia seguinte ao casamento, Leopoldina escreve novamente à irmã, para lhe contar sobre o seu casamento, mas também para a enaltecer por sua contribuição à construção de sua pessoa. Segundo Leopoldina, os conselhos e ensinamentos recebidos da irmã, grande parte dos quais via correspondência, influenciaram e ajudaram a modelar a sua personalidade e comportamentos:

“Senti tua falta em toda parte, pois justamente minha melhor amiga e amada irmã não estava presente àquele ato solene. Para teu consolo, porém, posso te dizer que, se meu esposo ficar feliz e satisfeito comigo, ele o deve apenas a ti, minha querida, que fizeste de mim, com teus bons conselhos e sábios ensinamentos, uma criatura mais nobre e mais aplicada e certamente lhe direi isso, para que se torne, comigo, um fervoroso defensor teu.”²⁴⁵

Em 29 de maio de 1817, Leopoldina rumou em direção à Itália para passar, a princípio, três semanas. Depois, rumaria para Livorno para, finalmente, embarcar para o seu destino final: o Brasil. Mesmo com alguns embargos do pai, as irmãs conseguiriam se ver brevemente em junho por alguns dias em Pádua e Veneza, onde Leopoldina declamou estar “muito feliz e contente por poder estar com ela”²⁴⁶. Porém, alguns eventos ocorreram e atrasaram a sua partida em alguns meses, como a Insurreição Pernambucana e o tempo ruim que impediam as caravelas de fazerem boas viagens, tanto para Livorno quanto em direção ao Brasil. Ao saber do levante brasileiro, ela, já em Florença, escreveu para irmã,

²⁴³ Ibidem.

²⁴⁴ LEOPOLDINA, carta datada de 9 de maio de 1817. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.290.

²⁴⁵ LEOPOLDINA, carta datada de 14 de maio de 1817. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.292.

²⁴⁶ LEOPOLDINA, carta datada de 9 de junho de 1817. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.296.

“Escrevo-te em um momento em que meu coração padece de várias maneiras, pois em primeiro lugar estou separada de ti, minha boa e velha irmã, o que nunca superarei, e, em segundo lugar, um mensageiro me trouxe a notícia de que insurretos em Pernambuco fizeram uma terrível revolução e que se teme pelo pobre Brasil; **imagina minha situação, mal deixo o meu maior amor e talvez veja o meu segundo amor perder daqui a algum tempo seu lindíssimo reino e se encontrarem meio ao constante perigo de novas revoltas**²⁴⁷; coloca-te em meu lugar e me diz para que não me desespere; recorro ao Onipotente, pedindo proteção e força para mim e para o meu mui amado Pedro.”²⁴⁸

A frase que destaquei retrata a dicotomia entre o novo e o velho perfeitamente, e como Leopoldina se sentia com relação a eles. Mesmo frente ao novo, Maria Luísa segue representando o inalcançável, seja como modelo de personalidade ou como objeto de amor. D. Pedro, neste momento, ainda que motivo de paixão avassaladora, permanecia em segundo em seu coração, mesmo ela buscando também se modelar para atender aos gostos de seu marido, que ainda não conhecia.

Já em Florença, Leopoldina escreveu para a irmã sofrendo com a separação em definitivo das duas, tornando-se até repetitiva quanto deixar o seu maior amor para encontrar o seu segundo maior.

“Tua carta tão afetuosa me deixou radiante, já que notícias tuas, minha boa e velha irmã, são o meu único conforto em nossa separação. Esteja convicta de que acreditei sucumbir de dor quando me despedi de ti, a quem mais amo na vida; na carruagem o sofrimento explodiu com toda a intensidade e depois que havia chorado bastante, com as quatro últimas remessas, minh’alma voltou aos pouquinhos ao equilíbrio, mas acompanhada por uma profunda melancolia, pois da separação de ti até o encontro com meu esposo, não posso ficar nem animada nem feliz;”²⁴⁹

Há também, na mesma carta, informações referentes à mudança de planos a que foi sujeita,

“Marialva me disse ontem, com imensa simpatia (aquele homem é pura sensibilidade), que eu provavelmente possa embarcar só daqui algumas semanas, porque a frota não chegou, e que poderia estar passando esse tempo contigo, então nada mais posso sentir senão dor ainda mais forte, por ter sido separada tão abruptamente de ti;”²⁵⁰

Assim, presa em Florença, em pleno verão europeu, requisitou ir para um lugar mais fresco, conhecido como Poggio Imperiale, uma cidade na região de Puglia, onde ficaria até a frota portuguesa chegar em Livorno. Em seu período de es-

²⁴⁷ Ênfase minha.

²⁴⁸ LEOPOLDINA, carta datada de 13 de junho de 1817. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.298.

²⁴⁹ LEOPOLDINA, carta datada de 17 de junho de 1817. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.300.

²⁵⁰ Ibidem.

pera, ela trocou muitas cartas, poucas com Luísa, por ter conseguido estar brevemente com ela, mas, principalmente, com o seu pai, para contar sobre as dificuldades que vivia, pedindo para que ele intercedesse por ela, em especial, que a deixasse passar mais tempo com Luísa em Poggio Imperiale, já que ainda se encontrava sob a tutela dela. Além disso, buscava atualizá-lo sobre sua espera pela frota portuguesa até o momento de seu embarque.

“Daqui a meia hora finalmente estarei em meu navio e talvez amanhã à noite já em alto-mar; infelizmente o vento hoje não está favorável. Gostaria muito de estar, no dia 12 de outubro, no Rio de Janeiro, para o aniversário de meu esposo. Querido papai, recomendo à sua bondade toda a minha querida gente que me serviu tão bem, porque nesses tempos caros, infelizmente, sua bondosa ajuda é sempre necessária;”²⁵¹

Em sua travessia, Leopoldina escreveu algumas cartas para o pai e a irmã, buscando informá-los sobre os seus dias na viagem e como estavam os seus pensamentos e sentimentos, compartilhados, principalmente, com a irmã. “Estou bastante melancólica e choro muito ao pensar que estou separada de todos os meus queridos”²⁵², ela escreveu pouco menos de um mês depois de embarcada, e complementou dizendo: “só por ti farei uma nova viagem de navio e sempre pensarei e trabalharei em teu interesse.”²⁵³ Uma vez que vinha passando por percalços em sua trajetória marítima, pegando dias e dias de mar agitado.

Sua passagem pela ilha da Madeira, território português, muito a comoveu pela receptividade do povo com ela:

“Tivemos uma barulhenta recepção, *Tedeum* e grande beija-mão; a ilha é bastante povoada, pois numa superfície de [...], quinze milhas de largura e vinte de comprimento, vivem cem mil almas; (...) o povo me recebeu com um entusiasmo que me comoveu; passei por toda a cidade e quase fui arrastada pelos moradores;”²⁵⁴

Tamanha recepção a deu uma prova do que pensava estar a sua espera no Brasil, dando-lhe motivação para prosseguir viagem rumo ao seu mais novo lar.

²⁵¹ LEOPOLDINA, carta datada de 10 de agosto de 1817. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.307.

²⁵² LEOPOLDINA, carta datada de agosto de 1817. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.308.

²⁵³ Ibidem.

²⁵⁴ LEOPOLDINA, carta datada de 10 de setembro de 1817. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.311.

Depois de 84 dias de viagem, Leopoldina finalmente chegou ao Brasil, mais precisamente ao Rio de Janeiro, desembarcando no cais do Arsenal Real da Marinha. Foi recebida com pompa, a cidade e os cidadãos muito comemoraram a sua chegada com um belo cortejo. No dia 8 de novembro, depois de alguns dias na cidade, narrou em poucas linhas como se encontrava,

“Mas do fundo do coração, minha boa e velha irmã, pois te amo inefavelmente; faz dois dias que estou junto de meu esposo, que não é apenas lindo, mas também bom e compreensivo, fala muito de ti e te quer bem, assim como Sua Majestade, o Rei; estou muito feliz e espero te rever em alguns anos.”²⁵⁵

A ilusão romântica com relação a sua vida no Brasil permaneceu extremamente latente em outra carta, escrita em dezembro, para Maria Luísa, ainda mais depois de consumir o seu casamento com d. Pedro e vislumbrar nele parte da imagem que construiu em seu imaginário.

“Estou felicíssima com minha nova família; meu esposo tem um boníssimo coração, é muito talentoso, porém preciso de paciência, virtude que nunca tive e que agora o céu me concede; Pedro tem enorme vontade de se instruir e aos poucos, com inteligência, **meu trabalho vai dando certo, e constato com prazer alguns frutos de minha paciência perseverante; estou totalmente só com meu esposo e não me dou com ninguém, não me preocupo com nada e essa é a melhor forma de ser bem sucedida, pois tudo que me disseste é verdade.** (...) Tenho me ocupado muito com música, pela qual meu esposo é apaixonado; tudo para ele acontece com intensidade, pois é muito cheio de vida;”²⁵⁶

O trecho acima exemplifica uma das máximas das mulheres da família Habsburgo: elas deveriam se fazer presentes e úteis para os maridos nas pequenas coisas, em um primeiro momento, para, depois, se fazerem úteis nas grandes coisas. O interesse especial dos dois por História e música, os conectou, já que Leopoldina se dedicaria a lecionar para o marido, com a calma que se faz necessária – e que, como ela reforçou, não era uma característica de sua personalidade. Sua irmã, aparentemente, sabia o que precisava ser feito e, provavelmente, deve ter lhe aconselhado pessoalmente no período em que estiveram juntas na Itália, já que afirma: “tudo que me disseste é verdade”.

²⁵⁵ LEOPOLDINA, carta datada de 8 de novembro de 1817. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.314.

²⁵⁶ LEOPOLDINA, carta datada de 10 de dezembro de 1817. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.314.

Leopoldina, em diversos momentos da vida, como já apresentado, mirou-se na irmã, buscando tornar-se o mais próximo de seu modelo, esforçando-se para espelhar a imagem, os conselhos e postura de Maria Luísa. “Tua imagem paira diante dos meus olhos e é fio condutor de todas as minhas ações, pois, se aqui estão felizes e satisfeitos comigo, devo-o aos teus excelentes ensinamentos, que sempre segui à risca;”²⁵⁷ afirmou em 1818, demonstrando a importância da figura da irmã como conselheira, mas também como o seu maior e principal modelo a ser seguido, mesmo em um novo momento de sua vida.

Sendo assim, Maria Luísa, como afirmado nesta tese, foi a maior influenciadora e modelo do processo de automodelagem de Leopoldina em diversos momentos de sua vida a partir de troca epistolar entre as duas. Os anos que se sucederam à troca trabalhada nesta pesquisa apresentam uma troca regular de cartas entre elas, na qual Leopoldina informa sua irmã constantemente sobre os seus sentimentos, sobre o marido – mas raramente mencionando as peripécias extraconjugais de D. Pedro – e os filhos, e até sobre o desenrolar da situação política que se desenhava no Brasil, entre outros eventos até a sua morte em 1826. Fato curioso é que a última carta de Leopoldina para a irmã não foi redigida por ela, mas sim por sua dama de companhia, demonstrando que até os últimos dias de vida Maria Luísa seguia sendo alguém de extrema importância na vida de Leopoldina.

²⁵⁷ LEOPOLDINA, carta datada de 20 de janeiro de 1818. In: KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Editora Liberdade, 2006. P.323.

Considerações Finais:

Carolina Josefa Leopoldina Fernanda Francisca de Habsburgo, mais conhecida como Leopoldina, foi, sem sombra de dúvidas, uma figura singular. Mas como ela virou esta pessoa e quem a ajudou foram as minhas perguntas motivadoras deste trabalho que se dedicou a examinar a correspondência ativa dela no período de 1810 a 1818. A formação da jovem Leopoldina, sua automodelagem, foi muito pautada pela busca de proximidade com a irmã mais velha, Maria Luísa, com quem trocou cartas a vida inteira de forma bastante intensa. Obstinada em seguir os seus passos e conselhos, ela buscou modelar aspirando ao ideal de perfeição que via na irmã, como é característico em processos de automodelagem e em relações de amizade epistolar. É possível ver em diversas cartas essa busca por aprovação e a atenção da irmã frente às suas atitudes, pensamentos, ações e sentimentos. Quando não recebia a atenção que dedicava à irmã e que esperava e cobrava dela, recaía em um estado de melancolia. Ainda quando a irmã não a respondia, ela frequentemente retornava ao passado a partir de suas lembranças de momentos que já não existiam mais, tornando-se nostálgica e dividindo estes e muitos outros pensamentos e sentimentos com a irmã a partir das cartas.

O papel de Maria Luísa foi central na autoconstrução de Leopoldina não somente pela proximidade afetiva entre elas, contra todas as probabilidades – já que elas tinham 5 anos de diferença e aos 18 anos, Maria Luísa havia se casado com Napoleão e ido morar na França – mas também por ter sido a única mulher que permaneceu de maneira constante em sua vida. A mãe das duas, Maria Teresa, faleceu no parto de seu último filho com o Imperador Francisco I durante a primeira infância de Leopoldina. Apesar de Maria Ludovica, a primeira madrasta, ter sido muito responsável pela educação religiosa e laica de Leopoldina, ela não permaneceu em sua vida já que veio a falecer em 1816. A avó, Maria Carolina, outra figura extremamente importante para a formação dela, teve apenas uma breve convivência com a neta, já que veio a falecer dois anos depois que se instalou na corte vienense. Neste sentido, a figura que permaneceu do primeiro aos últimos dias de vida de Leopoldina foi a irmã, sua maior confidente, amiga e conselheira, como ela mesmo a classifica.

As mudanças políticas ocorridas ao longo de sua adolescência refletiram direta e indiretamente em sua trajetória e em sua automodelagem. O casamento estratégico da irmã com Napoleão as afastou fisicamente. Após a primeira derrota de Napoleão e a sua prisão, a corte austríaca foi sede, durante meses, de reuniões, festas e discussões referentes ao futuro europeu. Neste período a imagem e posição públicas de Maria Luísa não eram mais de privilégio, e ela era olhada com desdém. Porém, Leopoldina percebia apenas a maldade de seus detratores, incapazes de enxergá-la ou conhecer o seu coração como ela. O desenrolar deste evento causou impactos de curto e longo prazo. Maria Luísa, foi destinada a residir no ducado de Parma e a renunciar à criação de seu filho, que passaria a viver na corte vienense juntamente a Leopoldina, que declara que o amará “com a mesma devoção e amor” que tinha pela irmã.

Após o Congresso de Viena, veio a morte de sua madrasta e os casamentos de seu pai com uma nova madrasta e aquele de sua irmã mais nova, Maria Clementina e Leopoldo de Bourbon, que a abateu de alguma forma. Por ser um ano mais nova que Leopoldina e pelo fato do tio, Leopoldo, tê-la rejeitado em favor da irmã, a jovem desdenhou um pouco a situação. Porém via-se uma inveja desenhada, não somente porque a Maria Clementina iria se casar, mas também porque viveria próxima à tão amada e querida Luísa. A ausência de perspectiva e a solidão eminente deixaram-na extremamente melancólica, afinal foi educada para virar uma esposa e governante, e não “mineralogista da corte” – cargo que seu pai jocosamente a “ofereceu”. Assim, a jovem, ao saber de duas possíveis propostas de casamento, agarrou-se ao que lhe foi ensinado e a sua mais fiel conselheira e modelo a ser seguido e “decidiu” por tomar a decisão que faria o pai e a nação felizes. Uma vez que como bem pode se observar ao longo desta tese, Leopoldina tinha plena consciência de seu papel para com a Coroa e no jogo de interesse político, não sendo tão inocente e ingênua como foi apresentada em algumas biografias.

O enlace com o futuro rei de Portugal, Brasil e Algarves estava encaminhado e a ideia de família e a questão de enlaces matrimoniais vão culminar em como ela se colocará em relação ao seu futuro matrimônio e como passará a vivenciar a sua experiência. Leopoldina sabia que o seu casamento seria fruto de um acordo político

entre duas nações, mas demonstrava que, mesmo tendo consciência disto, era desejosa de constituir uma família compartilhando dos ideais da época, onde os sentimentos eram possíveis de serem compartilhados e apreciados. Por terem lhe dado a falsa ideia de que D. Pedro compartilhava dos mesmos interesses e possuía o mesmo padrão intelectual que ela, a jovem fantasiou a ideia de que teria não só um marido, mas um companheiro para compartilhar os seus hobbies e interesses, ideia essa frustrada no primeiro ano de casamento. Assim, mesmo se encontrando a caminho de uma nova fase da vida, ela reforça de maneira ininterrupta o papel central que Maria Luísa continuou tendo em sua vida e em seu processo de automodelagem, já que não há “outra melhor que ti” para mirar-se e guiá-la para ser o melhor de si, ou seja, uma versão da irmã mais velha, de seu ponto de vista.

De espera do pedido oficial de casamento ao próprio casamento e depois ao embarque para vivenciar a nova fase de sua vida, Leopoldina encontrou-se dividida entre o seu primeiro e grande amor foco de sua total devoção, Maria Luísa, que carregava consigo a ideia de uma vida conhecida e confortável em solo europeu, e o seu segundo amor, D. Pedro, por cuja imagem apaixonou-se antes mesmo de conhecê-lo. Junto a D. Pedro uma vida nova cheia de possibilidades e incertezas. Dividir-se entre os dois amores, mesmo que de forma desigual, foi muito duro para Leopoldina, já que buscou a vida inteira parecer-se com a irmã e por fim ganhar a sua aprovação e carinho. Porém, agora encontrava-se moldando a si aprendendo o idioma, a história do reino e os “gostos” do marido para buscar agradar a ele e a sua nova família. O ensinamento e conselhos de Maria Luísa, juntamente a máxima das mulheres da família, garantiriam a Leopoldina sucesso em sua empreitada de aproximar-se do marido.

Há juntamente com essa questão uma outra também em perspectiva. Como já mencionado ao longo dos capítulos, a jovem cresceu com uma “dificuldade” de silenciar os seus sentimentos para encaixar-se nos papéis exigidos a ela, seja ser uma boa filha, anfitriã ou uma simpática e polida arquiduquesa. Ao longo do seu processo de automodelagem, e somado à divisão de sentimentos que possuía com relação ao seu antigo e novo objeto de desejo, há nela a consciência de que há deveres a serem cumpridos independentemente de sua vontade. Como membro do alto estamento social não é possível agir segundo seu próprio arbítrio. Estes deveres

estão relacionados com o seu papel público e não com as suas vontades individuais e privadas. Vivenciar esta tensão entre dever público e vontade individual implicou em diversos episódios melancólicos, uma vez que sabia de seus deveres como os deveres daqueles que a cercavam, mas quando os seus sentimentos não se encontravam alinhados com tais deveres havia nela alguma resistência de fazê-los ou aceitá-los. Os casamentos das irmãs Maria Luísa e Maria Clementina a afetaram de formas diferentes, porém os episódios melancólicos que se seguiram depois da saída das duas da corte austríaca comprovam que o dever, mesmo sendo de conhecimento geral, a afetava quando não alinhado com os seus sentimentos e gerava a perda daqueles por quem possuía afeto. Mesmo vivendo tamanha tensão entre o desejo e o dever, Leopoldina, a partir da troca epistolar, demonstrou ao longo do tempo e dos constantes aconselhamentos da irmã que os sentimentos deveriam dobrar-se ao dever caso desejasse ser bem-sucedida nos papéis que foi criada para exercer. Assim, ao longo dos anos que se seguiram, Maria Luísa permaneceu a sua maior conselheira, amiga e confidente com relação aos sentimentos e pensamentos sobre os diversos aspectos da vida até o fim de sua trajetória, demonstrando a sua influência na automodelagem de Leopoldina.

Bibliografia:

Fontes:

KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. *Cartas de uma Imperatriz*. São Paulo: Editora Liberdade, 2006.

Referências Bibliográficas:

ARIÈS, P. *A História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Guanabara. 2ª edição. 1986.

AUSTEN, J. *Orgulho e Preconceito*. São Paulo: Martin Clare. 15ª reimpressão. 2018.

AYMARD, M. *Amizade e Convivência*. In: CHARTIER, R. *História da Vida Privada 3: da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia de Bolso. 2009.

BARROSO, Ivo. *Charles Baudelaire – poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1995.

BEAUCHAMP, A. *Histoire du Brésil depuis sa découverte en 1500 jusq' en 1810*. Paris. 1815. 3 v.

BORDIEU, P. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2010.

BOYM, Svetlana. Mal-estar na nostalgia. *História da Historiografia*. Ouro Preto: Edufop, n. 23, 2017; p.153-165.

CAINE, Barbara. *Friendship: a history*. London: Equinox Publishing. 2009.

CASSOTTI, M.A *biografia íntima de Leopoldina: a imperatriz que conseguiu a independência do Brasil*. Tradução: Sandra Martha Dolinsky. 1ª ed. São Paulo: Planeta, 2015.

CASTAN, N. *O público e o privado*. In: CHARTIER, R. *História da Vida Privada 3: da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia de Bolso. 2009.P.409.

CHARTIER, R. *História da Vida Privada – vol.3: Da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DAVIS, Natalie Zemon. *Nas Margens – Três Mulheres do século XVII*. São Paulo: Companhia das Letras. 1997.

DUARTE, João. A.D. Desencantamento da amizade: sensibilidade e sociabilidade no iluminismo inglês. Rio de Janeiro: Revista da Fundação Casa de Rui Barbosa. 2012. Nº6.

FITZPATRICK, M. org. *The Enlightenment world*. The Routledge worlds. London;

New York: Routledge, 2004.

FOISIL, M. *A escritura do foro privado*. In: CHARTIER, R. História da Vida Privada 3: da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia de Bolso. 2009

FOUCAULT, Michael. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola. 2013.

Freud, Sigmund. *Luto e melancolia* In: Freud, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros*. Verdadeiro, falso, fictício. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GINZBURG, Carlo. *Queijo e os Vermes*. São Paulo: Companhia das Letras. 2006.

GREENBLATT, S. *Renaissance Self-fashioning: From More to Shakespeare*. The University of Chicago Press. Estados Unidos. 1980.

HILSDORF, M. *Pensando a Educação em Tempos Modernos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1998

HOBBSAWN, Eric. *Era das Revoluções*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 42ª edição. 2019.

ISRAEL, Jonathan. *Iluminismo Radical*. São Paulo: Madras, 2009.

KNOTT, S., e TAYLOR, B. orgs. *Women, gender, and Enlightenment*. Houndmills, Basingstoke, Hampshire; New York: Palgrave Macmillan, 2005.

LEHNER, U.L., e PRINT, M.O, orgs. *A companion to the Catholic Enlightenment in Europe*. Brill's companions to the Christian tradition, v. 20. Leiden; Boston: Brill, 2010

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: J. Amado e M. Ferreira (orgs.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p.167-182.

LEVI, Giovanni. *A Herança Imaterial: Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LILTI, A. *Private lives, public space: a new social history of the Enlightenment*. In: BREWER, Daniel. The Cambridge companion to the French Enlightenment. Cambridge: Cambridge University Press. 2014.

LILTI, A. "The Kingdom of Politesse: Salons and the Republic of Letters in Eighteenth-Century Paris". *Republics of Letters: a journal for the study of knowledge, politics and art* 1, nº 1 (2009).

ORLANDI, E. *Análise do Discurso*. Campinas: Pontes, 2015

- PAL, Carol. *Republic of women: rethinking the republic of letters in the seventeenth century*. New York: Cambridge University Press. 2012.
- PEDRO, J. M. *Traduzindo o Debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica*. *História*, v.24, n.1, 2005.
- PERES, U.T. *Uma ferida a sangrar-lhe a alma*. In: Freud, Sigmund. “Luto e melancolia” in Freud, S. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- REZZUTTI, P. D. *Leopoldina. A história não contada: a mulher que arquitetou a Independência do Brasil*. Edição digital Kindle. São Paulo: Leya Editora, 2017.
- ROUSSO, Henri. *A memória não é mais o que era*. In: Amado, J.; Ferreira, Marieta de Moraes (orgs.) *Usos e abusos da História Oral*. Ed. FGV, 1996.
- SIMMEL, G. *On individuality and social forms*. Chicago e Londres: The University of Chicago Press. 1971.
- SORKIN, David Jan. *The religious Enlightenment: Protestants, Jews, and Catholics from London to Vienna*. Jews, Christians, and Muslims from the ancient to the modern world. Princeton: Princeton University Press, 2008
- SCOTT, J. *Gênero: uma categoria útil para os estudos históricos*. *Educação e Realidade*, v.16.
- TAYLOR, C. *As fontes do self: A construção da identidade moderna*. São Paulo: Edições Loyola. 2ª edição. 2005.
- TIN, E. *A arte de escrever cartas: Anônimo de Bolonha, Erasmo de Rotterdam, Justo Lípio*. Campinas: Editora da UNICAMP. 2005.
- TRIVELLATO, F. *Is there a future for microhistory in the Age of Global History?* *California Italian Studies* 2, no 1. 2011.